

O pediculus humanus ataca a classe A em São Paulo

# PIOLHO

FUNDO CEMAP  
FA 12/19

PÁGINA 18

CEMAP - MEMORTECA  
CLASS. *Deposito F. Humano*



# AQUI

Diretor Editorial: Samuel Wainer  
16 a 22 de setembro de 1976 - Ano I - nº 44 - Cr\$ 5,00 **SÃO PAULO**

## DOCUMENTO

**A entrevista  
bomba  
de Passarinho,  
na íntegra  
Página 12**

**"Vou dizer, com  
honestidade,  
as únicas vezes em  
que falei a favor de  
uma cassação."**

## Por uma nova lei dos Sexagenários

Outro dia conversava com uma jovem estudante, dessas que aprimoram a sua ignorância nos cursinhos da praça e ela me dizia não entender por que afinal se menciona a lei Saraiva-Cotegipe ou lei dos Sexagenários nas aulas de história, tão pequeno e mesquinho seria o seu alcance.

Não elaborei muito o assunto com a minha amiga, pois uma das coisas mais difíceis que há é tentar discutir fatos históricos e seu papel na evolução política de um povo com quem só dispõe em seu intelecto de chaves e datas para preenchimento de quadros. É mais fácil um camelo voar do que os vestibulan-

dos e universitários da geração post-Passarinho raciocinarem.

Em todo o caso, o nosso breve diálogo trouxe-me uma idéia.

Agora que a abertura já é definitiva, o debate político mais essencial está se centrando no problema seguinte: como institucionalizar a redemocratização?

O Sr. Dinarte Mariz, iluminado por Jânio Quadros, o pintor das bruxas, sugere uma nova Constituinte.

O Sr. Tancredo Neves, que não é bobo, diz que uma Constituinte é inviável nas circunstâncias.

As sugestões são poucas e confusas. O que fazer?

É evidente que a última constituição, nem polaca, nem paraguaia, não pode ser levada a sério. Mais importante ainda — como enterrar o mostro que atende por AI-5?

É preciso que as pessoas não se iludam. Há no Brasil, como de resto em muitos países, uma forte linha dura, meio dura e meio burra, que, descrente das potencialidades intelectuais e culturais do povo, do seu vizinho e evidentemente das próprias, prefere sempre um regime semifascista, que exige menos de sua parca inteligência e não ameaça a sua segurança, com evoluções e mudanças. Como se o mundo estivesse

estacionado como eles.

Haverá, portanto, como já está havendo, fortes reações à diretriz inabalável do Presidente Geisel de tentar cumprir o prometido e escamoteado desde 1964.

Não se desmereçam a força que podem exercer certos setores privilegiados e conservadores. Por mais tolos que sejam, por exemplo, aqueles cursinhos da Adesg, para muitos apenas uma nova versão da propaganda gênero Seleções dos tempos da guerra fria para uso de subdesenvolvidos, é preciso que se considere que os assistentes dessas aulas não são muito mais informados ou cultos que a moça do começo deste arti-

go. E que receberam os ensinamentos provenientes da Escola das Américas, montada no Panamá, com a sede e a crença dos neófitos. Que constituem a matéria-prima ideal dos radicais.

Aliás, é compreensível e desculpável esta sua certeza infantil quanto à existência de bichos papões.

Bem, mas o que vem ao caso é o fato de que há alguns setores da população, de uma forma geral os mais poderosos economicamente, descontentes e temerosos de uma legítima democracia que eles fazem questão de confundir com comunismo. De linha stalinista.

Ora, guardadas as proporções e as distâncias, a situação política de hoje tem fortes traços de semelhança com aquela do final do império.

Há, da mesma forma como então havia a escravatura, uma situação intolerável — o AI-5 — que se procura corrigir.

Há igualmente o consenso popular contra o status quo.

As Forças Armadas, como há 90 anos, não querem mais desempenhar o papel de capitão do mato.

Mas existe, identicamente, o temor da reação dos fazendeiros e das classes conservadoras com suas resultantes políticas.

A declaração de boas intenções que hoje são os discursos que se repetem inocuamente e tão pouco eficazes quanto foram em seu tempo a Lei Eusébio de Queiroz — e a Lei do Ventre Livre não bastam.

Paliativos e promessas não resolvem. É preciso a lei Áurea, mas teme-se a Secessão. Como alcançar a redemocratização?

Esta a pergunta mestra com que se defrontou o gabinete liberal do Senador Dantas em 1885.

Foi então que os "ingle-

ses do senhor Dantas", Nabuco, Rodolfo Dantas e Rui, criaram com seu chefe a fórmula salvadora.

Uma lei de compromisso na aparência e de decisão na realidade. A Lei dos sexagenários.

Que foi chamada de lei comunista.

Não se proibia a entrada de escravos nem se proclamava a liberdade dos nascituros.

Estatutos sempre burlados na prática.

Impunha-se apenas uma data fatal para a extinção da escravidão. A primeira vista, longínqua.

Mas mais longe viam os baianos. A simples existência do prazo improrrogável convenceu os reacionários da inutilidade de seus esforços oposicionistas. Os escravos fugiam e não eram perseguidos. Alguns senhores os libertavam antes para não os perder de vez. Enfim, 60 anos passaram em 3.

Depois, a lei Áurea foi mais o referendo da situação de fato, da liberdade dos pretos plantada pela lei dos Sexagenários, do que a adoção de uma medida radicalmente nova.

E assim o 13 de maio transcorreu em meio a festas. Nem um grito, nem um tiro, nem uma bomba contra. Esta, minha amiga, a importância da lei que se chamou Saraiva-Cotegipe, mas que foi elaborada pelo Ministério Dantas.

Não retroceder, não permanecer, não precipitar, dizia o velho Dantas ao povo do Rio, enlouquecido de alegria pela apresentação da lei.

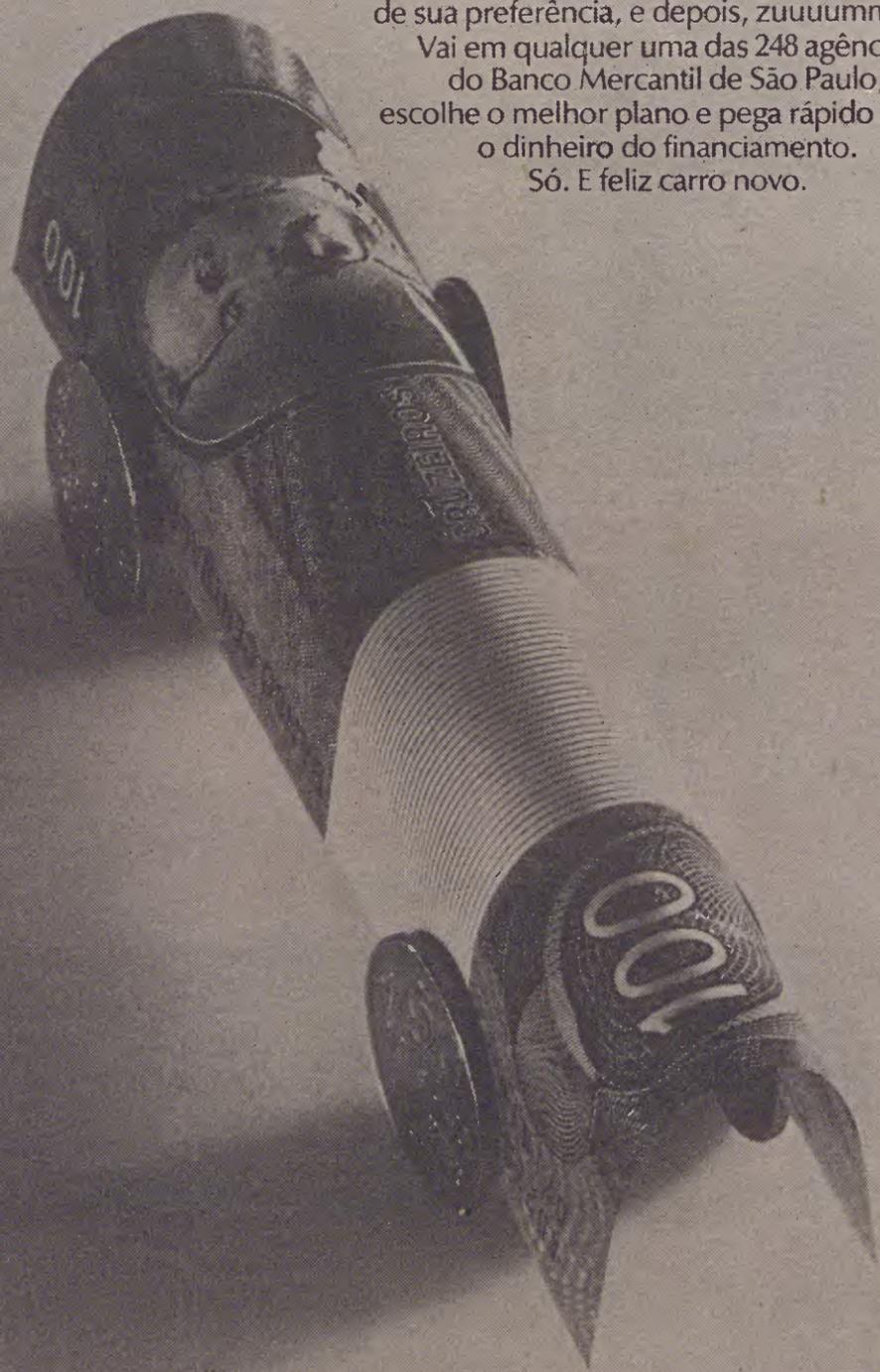
Que tal, presidente Geisel, para pavimentar nosso caminho, a edição imediata de um novo e último Ato Institucional. Ato número X (já perdi a conta):

Artigo único: A vigência do AI-5 cessará no dia 31 de março de 1977.

Só depois, é possível uma constituinte.

## O financiamento mais veloz do mundo.

O financiamento de veículos da Mercantil - Finasa é também o mais versátil. Você escolhe o seu carro no revendedor de sua preferência, e depois, zuuuummm! Vai em qualquer uma das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo, escolhe o melhor plano e pega rápido e fácil o dinheiro do financiamento. Só. E feliz carro novo.



**FINASA FINANCIADORA**

## Caixa Econômica Federal

**LEILÃO JÓIAS E PRATARIA**  
Cautelas vencidas do Serviço de Penhores  
— Sede —

LOCAL — Praça da Sé, 111 — 2ª Sobreloja.  
INÍCIO: Dia 24/09/76, às 12,00 horas.  
EXPOSIÇÃO: Nos dias de leilão, das 9,00 às 11,00 horas.

FILIAL DE SÃO PAULO

# O LEITOR

Cartas para esta seção: Rua Artur Azevedo, 877 - Pinheiros - CEP: 05404.

## As bolachas proibidas depois da reportagem

Sr:  
Muito boa a reportagem sobre alimentos contaminados que acabei de ler. Gostei principalmente da clareza e do jeito civilizado de encarar o assunto demonstrados por um dos entrevistados, o do Instituto Adolfo Lutz. Se todos os homens públicos assim agissem, tenho certeza de que o público estaria muito mais adiantado em termos de educação de base. Afinal, não se devem esconder os problemas, pois

isso só leva a que esses mesmos problemas se agravem. Gostei também da entrevista concedida pelo secretário da Saúde e já deixei uma ordem em casa, para minha empregada e para meus filhos - bolacha com recheio não entra, pelo menos até que as autoridades voltem aos jornais para avisar que está tudo bem, como aconteceu com o macarrão.

**Mercedes L. Souza**  
Capital

## Mais contaminação

Sr:  
...Vocês falaram da contaminação nos alimentos de origem animal. E os outros? Por que vocês deixaram de fora as verduras e as frutas, que, dizem, talvez sejam muito mais "envenenadas", pois sabe-se que os chamados defensivos usados na agricultura são mais perigosos que os bacilos que vêm no sorvete, na água mineral etc?

Aliás, li num jornal ontem mesmo declarações assustadoras do próprio secretário do Meio Ambiente a respeito do assunto, que gostaria de ver tratado por vocês da mesma forma como trataram da carne, leite, salsicha etc. De qualquer forma, fica aí a sugestão.

**Marilene Augusto**  
Capital

## O caso do rato na TV

Sr:  
Na edição passada o AQUI publicou uma carta de um sr. Trudi Landau que defendia a Rede Globo de Televisão, ou melhor, aquela cena de um Fantástico que mostrava um rato sendo devorado por moscas e que o crítico do jornal tinha baixado o pau. Eu também acho que ele tinha razão. Essas cenas de pseudo-ciências que a televisão, principalmente a Globo, vem abusando não enganam ninguém. É pra fingir que estão dando cultura ao povo, e me admira que gente que lê jornal ainda embarque nessa canoa furada. Estou com o crítico.

**Reinaldo Freitas Fº**  
Capital

## Um teste com o cinema fora-da-lei

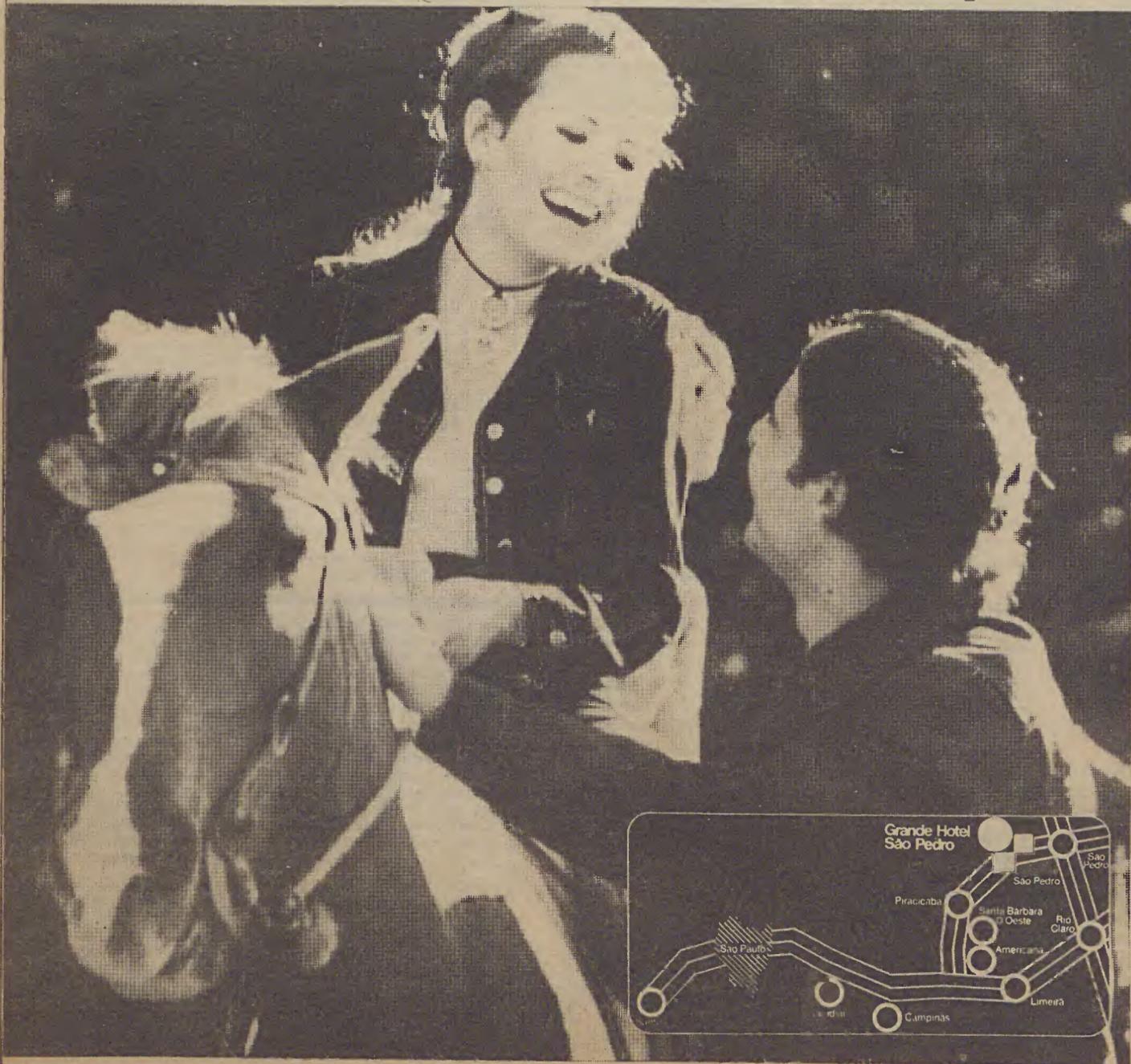
Sr:  
Estou indignado com muitas coisas. Mas certas atitudes ultrapassam o limite do tolerável. Todos conhecem a saciedade o proverbial desrespeito que o brasileiro médio vota às leis. Muito bem, alguns acharão até "folclórico" aleijão moral desse tipo - eu, não! Faço esta introdução, indignada propositadamente, para alertar as autoridades competentes quanto ao desrespeito total de um dos cinemas da capital (e se há esse, deve haver outros) pelo tabelamento dos ingressos. Não vou dizer o nome do cine-

ma, na zona dos Jardins, continua cobrando 20 cruzeiros, quando o máximo permitido pela lei é 16. Aguardarei providências por uma semana. Nada acontecendo, voltarei a escrever. É um teste.

**A.L. Campos**  
Capital

Tel.  
**AQUI**  
282-2831

# Sair de férias fora da temporada, faz bem para a alma e para o bolso.



Aí está um assunto que só as pessoas mais experientes costumam saber.

Fora da temporada, o Grande Hotel São Pedro fica uma espécie de ilha de paz, cercada por um oceano de bosques, onde o verde, o ar puro e os pássaros só podem fazer bem à saúde e à alma.

Mas como nem tudo a natureza pode dar, o Grande Hotel São Pedro dispõe de piscinas, quadras para jogos, cavalos, charretes e tudo o que é necessário para que a volta à natureza se processe por inteiro.

E para que a felicidade seja completa, a comida do Grande Hotel São Pedro é preparada por pessoas que já causaram algumas lágrimas de emoção em certos "gourmets" acostumados a frequentar restaurantes europeus.

Toda essa paz, tranquilidade e alegria, fora da temporada custa menos, muito menos, simplesmente porque as pessoas só ficam realmente felizes quando podem gastar pouco.

Pegue a sua família e vá para o Grande Hotel São Pedro.

Entre agosto e novembro, é a pedida ideal.



**Grande Hotel São Pedro**

- Um hotel que faz escola.

Reservas em São Paulo  
Rua Dr. Vila Nova, 228  
Tel. 256-5522





Ricardo Kotscho

Caro Prefeito,



Olavo Setúbal

O prédio custou 106 milhões? A gente paga. Uma seção livre sobre o prédio? A gente paga.

Cada vez se torna mais difícil entender esta cidade, seus personagens e sua vida.

Agora, por exemplo, vemos os jornais inundados por "esclarecimentos do Tribunal de Contas do Município à Câmara Municipal de São Paulo", em extensas "seções livres", naturalmente pagas com o dinheiro dos contribuintes.

É um caso típico de bi-tributação: pagamos para o Tribunal de Contas examinar os gastos feitos com o dinheiro dos contribuintes e pagamos para que seu presidente justifique os gastos feitos com esse trabalho de examinar os gastos.

Tudo porque o "Estadão" publicou num recente domingo uma reportagem sobre a nova sede do Tribunal de Contas do Município e algumas particularidades sobre o seu funcionamento.

A reportagem, ao que tudo indica; desgostou os senhores conselheiros do TCM. Em casos como esse, rotineiros no relacionamento imprensa-órgãos públicos, era de se esperar que os conselheiros enviassem uma carta ao jornal, exigindo a retificação das informações que tivessem considerado injustas ou inverídicas, como aliás prevê a Lei de Imprensa. Restaria, ainda, em caso extremo, o recurso de processar judicialmente o jornal por injúria, calúnia, difamação etc.

Em países onde ninguém se pretende dono da verdade é assim que se costuma agir, sem maiores contratempos. E sem onerar os órgãos públicos.

A imprensa, como o TCM, enquanto atividade exercida por seres humanos, é passível de falhas. O que importa saber é muito simples: é verdade ou não é o que o jornal publicou? Se não é, que se restabeleça a verdade na mesma página e no mesmo espaço em que ela foi distorcida.

Mas é incrível a facilidade com que se foge ultimamente dos assuntos divulgados pelos jornais, para discutir outros, que não vêm ao caso - no lugar errado. Em "seção livre", paga com o dinheiro dos contribuintes, cada um pode escrever o que quiser, inclusive fazer sua apologia, enaltecer seu próprio trabalho e mesmo traçar uma rápida autobiografia, evidentemente simpática.

Será, essa, no entanto, a melhor maneira de se prestar contas à opinião pública?

Se a reportagem do "Estadão" critica exatamente a pouca parcimônia do TCM na manipulação de recursos públicos, a publicação de "seções livres" - pagas com o dinheiro dos contribuintes - talvez não seja a melhor maneira de responder ao jornal.

Os primeiros 200 centímetros de coluna de jornal gastos pelo presidente do TCM para reproduzir as explicações que prestou à Câmara Municipal, tratam de assuntos internos do órgão, de importância secundária na reportagem citada, e, certamente, de pouco ou nenhum interesse para os leitores (contribuintes dos cofres públicos).

Há ali, porém, uma afirmação da maior gravidade: "(...) porque o objetivo a ser alcançado - ao que se pode inferir - era a tentativa de desacreditar um órgão que, por curiosa coincidência, começa a fiscalizar as sociedades de economia mista, empresas públicas do Município, aborrecendo, quem sabe, aquelas "altas autoridades municipais" apontadas como "informantes" (...)

1) Uma reportagem só é capaz de desacreditar um órgão se o que ela publica é verdadeiro - e o órgão não tomar providências para corrigir as irregularidades. Se não é, cabe ao órgão desmentir a informação, provando o contrário. Assim, não só não ficará desacreditado, como aumentará sua credibilidade junto à opinião pública.

2) O sr. presidente do TCM insinua claramente que as informações foram prestadas por autoridades do Município, em atitude de represália, porque teriam algo a esconder do órgão fiscalizador. Ora, se há administradores comentando e escondendo irregularidades, cabe exatamente ao TCM apurar tudo e punir os responsáveis - pois essa é sua função. E não levantar suspeitas generalizadas.

Mais adiante, diz o arrazoado do TCM:

"Desacreditar ainda um Tribunal que deliberou dar ao prédio que lhe servirá de sede o nome de "31 de Março"; como homenagem aos que, em 1964, restabeleceram a ordem, a tranquilidade e a hierarquia da Nação, para a preservação da liberdade (...)"

Que tem a ver o nome dado ao novo prédio do Tribunal com as denúncias feitas na reportagem do jornal "O Estado de S. Paulo"? O TCM pode dar a denominação que quiser à sua sede, homenagear quem bem entender - é um detalhe que, absolutamente, não vem ao caso. Qualquer que seja o nome do seu edifício-sede, o TCM tem a obrigação de bem gerir os recursos públicos. É exatamente sobre esta questão que trata a reportagem que desgostou os senhores conselheiros - e é sobre ela que deveria tratar a resposta publicada nos jornais. O resto é querer fugir do assunto, confundir o fundamental com o absolutamente secundário.

Mas é apenas no final do extenso discurso do sr. presidente do TCM que se encontra, sob o entretítulo "O Prédio", os esclarecimentos sobre o fundamental: os gastos feitos na construção do novo edifício-sede. E ali se confirma que a obra custou aos contribuintes municipais, aos que pagam impostos, a quantia de Cr\$ 106.114.926,24 (cento e seis milhões, cento e catorze mil e novecentos e vinte e seis cruzeiros e vinte e quatro centavos).

Vivemos nós numa cidade rica, com uma Prefeitura dotada de recursos suficientes para resolver todos os problemas da infra-estrutura urbana, água, luz e esgotos em todas as casas, transporte de massas farto e eficiente, córregos canalizados, ruas asfaltadas dando vazão ao trânsito, atendimento médico-sanitário eficiente - e, certamente, ninguém iria discutir se o que foi gasto na construção do edifício do TCM é muito ou pouco, necessário ou não, prioritário ou supérfluo. Viveríamos nós...

Como o sr. presidente do TCM informa que o órgão conta atualmente com apenas 328 funcionários e gastou cerca de Cr\$ 106 milhões na construção do edifício-sede, é fácil constatar que para abrigar o pessoal encarregado de fiscalizar as contas municipais o contribuinte paulistano pagou mais de Cr\$ 300.000,00, por cabeça.

Diante desta despesa, é realmente irrelevante o fato de os conselheiros do TCM ganharem um salário mensal em torno de apenas Cr\$ 60.000,00, como esclareceu o sr. presidente do TCM.

Ao justificar os gastos feitos com o prédio, disse o TCM: "De se notar que a parte referente à urbanização e paisagismo ( Cr\$ 11.780.444,47) se destina a dotar aquele local de uma ampla praça pública, de uma área verde para uso e gozo da população. Não se trata, pois, de área privativa, exclusiva do Tribunal de Contas, mas de praça e jardins públicos."

Deve estar havendo aí alguma confusão de atribuições, dr. Olavo. Ao que me consta, essa é uma tarefa do Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura. Ou, amanhã, os jardineiros poderão se julgar no direito de examinar contas. E, o que é pior: onerarem ainda mais os cofres públicos com a publicação de novas "seções livres".



O que é um editor sofisticado, isto é, o jornalista que se prepara para dirigir uma revista à mais restrita elite de São Paulo? Luis Carta conta porque deixa a Editora Três e o sucesso de Status para lançar Vogue. Página 26.

AQUI

Escolha	6
13 de olho no governo	10
Bastidores	11
As cassações, segundo Passarinho	12
Coisa ruim na cabeça das crianças	18
Jornalista-escritor, discussão	24
Aqui, Corinthians	30
Cinema	30
Televisão	31
Música	31
Artes Plásticas	31

DIRETOR EDITORIAL - Samuel Wainer; EDITOR GERAL - Sergio de Souza; EDITOR ADJUNTO - Narciso Kalili; REDATOR - Mylton Severiano da Silva; REPÓRTERES - Hella Schwartzkopff, Dacio Nitri, Victor Cervi; FOTÓGRAFOS - George Lóve (editor), Kirsten Weinschenck, Joel Sian, Amancio Chiodi; ARTE - Valdir de Oliveira, Vaníza Codato; COLUNISTAS - Ricardo Kotscho, Klaus Kleber, José Carlos Bittencourt, Lourenço Diaféria, Roberto Freire, Pietro Maria Bardi, Rubens Ewald Filho, Gilberto Mansur, Sergio Mello, Leo Gilson Ribeiro. COLABORADORES - Marco Antonio Montandón, Michel Laurence, Vital Battaglia, Woile Guimarães, Ignacio de Loyola, Luciano Ornellas, Francisco Lucrecio Jr., Enio Pesce, Malu Maia, Sofia Wainer (Brasília); DIRETOR COMERCIAL - Mario Heredia; DIRETOR-GERENTE - Maria Eliza Machado da Silva; PUBLICIDADE - Elizabeth S. de Castro, Daniel Tavares, Fátima Aparecida da Silva (secretaria).

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil-Mundo Ltda. Escritório Central, Rua 7 de Abril, 264 - 8º andar, salas 817/8, fone 34.0218, SP. Departamento Editorial, Rua Arthur Azevedo, 877, fone 282.2831, SP. Brasília - Superquadra Sul, 107, Bloco C, apto. 805, fone 42.3337. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial; Rua do Curtume, 564, fones 262.7977 e 85.8416, SP. Composto e impresso na PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda, Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fones 853.7461, SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade de quem as assina.



Uma coisa é atender você por atender.  
Outra, é atender por gostar.

Uma pessoa que atenda você só porque precisa atender, não vai além disso. Faz o mínimo necessário e até logo.

É diferente aqui na Vasp.

Nossa gente atende você e gosta muito de estar fazendo esse serviço.

Em vez do mínimo necessário, a gente faz o máximo possível.

Prestando a máxima atenção, o máximo empenho e o máximo carinho, até mesmo nos detalhes insignificantes que

você nem costuma criticar. Voe conosco.

Uma coisa é você voar por voar.

Outra coisa bem diferente é você voar aqui pela Vasp.

**VASP**

Onde você voa com quem gosta.







# Rápido. Pense em alguém que trabalha na velocidade de São Paulo.

Você deve conhecer a instituição financeira que se estruturou em função desta população dinâmica e apressada: a nossa Caixa.

Mas como velocidade só se mede por números, aqui vão alguns que o ajudam a saber com exatidão as máximas do velocímetro: em 1975, a nossa Caixa atingiu 10 bilhões de cruzeiros em depósitos, 390.000 novas contas, financiou 11.944 casas próprias, deu 3,2% de rendimentos ao mês (juros+correção monetária+desconto de imposto de renda) a 911.000 cadernetas de poupança (ela detém 10% da totalidade das cadernetas de poupança de todo o país), emprestou, em seis meses, 310 milhões de cruzeiros através do Crédito Pessoal, criou o financiamento de Bolsa de Estudos que vai beneficiar milhares de estudantes. Com tudo isso, hoje ela é a quarta instituição financeira do Brasil, operando só no Estado de São Paulo.

Na hora de fazer qualquer negócio, pense rápido nesse alguém que tem condições de atender a tanta gente, com tanta satisfação.

Mesmo se o que você precisa é ser atendido como se fosse seu único cliente.



**Caixa Econômica do Estado de São Paulo.**  
-na velocidade de São Paulo.



São Paulo - parte do progresso nacional





# Depois de 70 anos uma nova adutora na Cruzeiro do Sul

A SABESP concluirá, até o final do mês, as obras de construção da nova adutora Mirante de Santana — Moóca, no trecho entre o Reservatório do Mirante de Santana e a avenida Cruzeiro do Sul, na altura da rua da Coroa, numa extensão de 2.320 metros. As antigas tubulações de ferro fundido e junções de chumbo, que apresentavam vazamentos constantes e rompimentos, deram lugar a canalizações de aço, unidas por solda, o que eliminará o problema. Evitando paralisações no abastecimento e transtorno ao tráfego de veículos na movimentada avenida Cruzeiro do Sul, essas obras beneficiarão diretamente um importante setor da cidade, que inclui os bairros de Santana, Brás, Canindé, Pari e Luz.

Para maior segurança da adutora, foram adotadas pela SABESP especificações técnicas rigorosas. Além do cuidado especial contra a corrosão, todas as junções da tubulação foram radiografadas, para verificar-se a qualidade da solda. A adutora foi ainda envolvida por areia compactada, para diminuir a possibilidade de rompimentos, principalmente face ao intenso tráfego de ônibus e caminhões pesados.

## SOLUÇÃO RADICAL

As antigas tubulações da adutora Mirante-Moóca haviam sido instalada há cerca de setenta anos, para transportar, por recalque, água do reservatório da Moóca em direção ao Mirante de Santana. A água que chegava à Moóca, por sua vez, era proveniente do Sistema Guarapiranga, de onde vinha através das adutoras Alto da Boa Vista-Jabaquara e Jabaquara-Moóca. Contudo, a partir da entrada em funcionamento do Sistema Cantareira, o sentido do fluxo foi invertido. A adutora começou a receber água proveniente do novo sistema. A adução passou a ser feita por gravidade e o volume aduzido subiu de 950 litros para 1.500 litros por segundo.

“Em razão do longo tempo de uso — esclareceu o engenheiro Klaus Reinach, diretor-presidente da SABESP — as canalizações estavam já bastante corroidas em muitos trechos. Os vazamentos multiplicavam-se, principalmente ao longo da avenida Cruzeiro do Sul, face ao rápido crescimento do tráfego de veículos pesados. Além disso, a velha adutora não reunia condições para suportar o aumento do volume de adução vindo do Cantareira”.

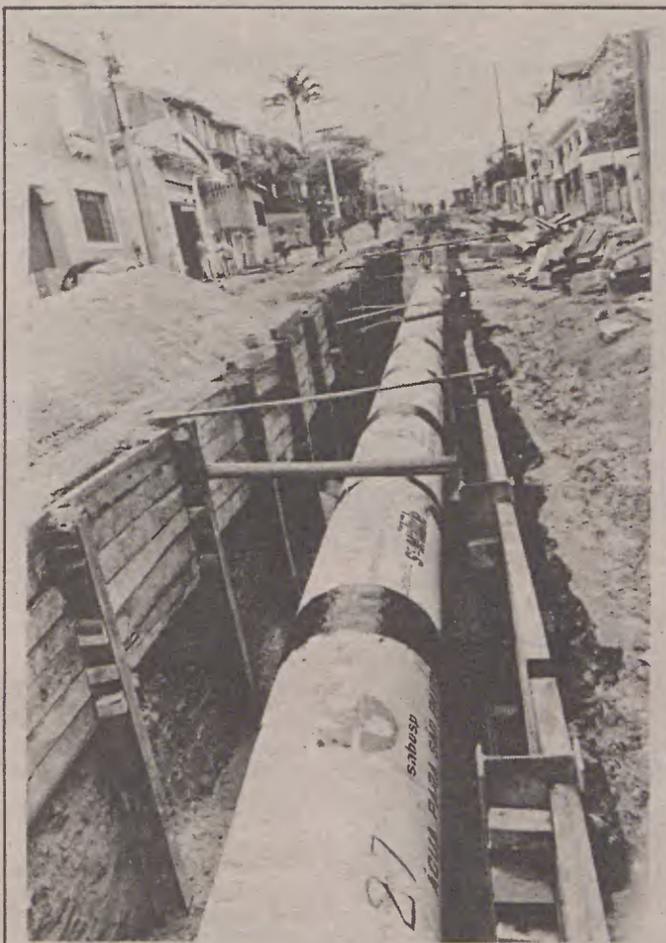
Os técnicos da SABESP, decidiram-se, então, não por um simples remanejamento, mas por uma solução radical para o problema, ou seja, a construção de um novo trecho da adutora, com material mais resistente e tubos de maior diâmetro. As antigas tubulações de ferro fundido tinham diâmetro entre 0,90 a 1,00 metro. As atuais, têm 1,20 metros, estando dimensionadas para um volume de adução maior que o atual. A adutora funcionará com grande margem de segurança.

## DESDE O INÍCIO DO SÉCULO

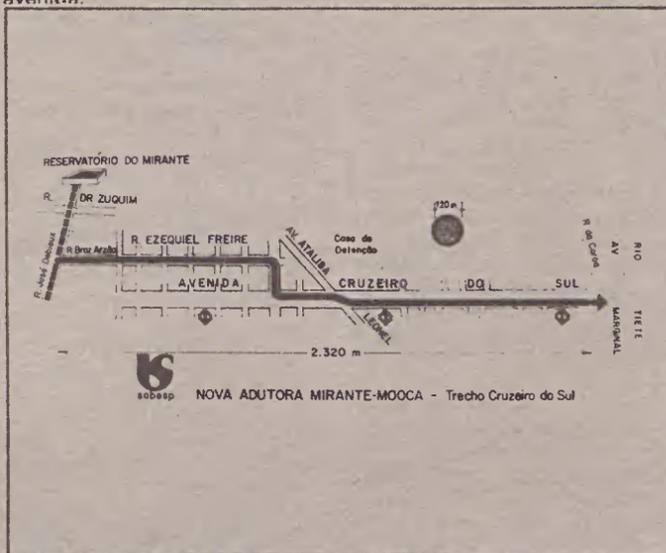
A adutora Mirante-Moóca sempre representou um importante papel no abastecimento da cidade. As primitivas canalizações, instaladas em 1907, aduziam 500 litros por segundo, o que representava um grande volume para a época. Conhecida como “Aquaduto do Cabuçu”, a adutora destinava-se ao abastecimento de Santana, Luz e Brás. Consta de um programa de obras elaborado pela antiga Repartição de Água e Esgotos da Capital — RAE, destinado a fazer frente às secas periódicas que afetavam a cidade e ao crescimento urbano que se acelerava. A decisão de construir a adutora fazia parte de uma série de medidas visando o aproveitamento do rio Cabuçu e que incluía a construção de barragens e a instalação de decantadores e filtros de areia.

O aqueduto não tardaria a tornar-se obsoleto, apesar de remodelações na linha para poder trazer água da represa de Guarapiranga.

Em dezembro do ano passado tiveram início as obras de instalação das atuais canalizações, como parte do Programa de Abastecimento de Água da Região Metropolitana de São Paulo, para qual foram destinados 4,2 bilhões.



Com 2.320 m de comprimento e 1.20 m de diâmetro, a nova adutora evitará paralisações no abastecimento e transtornos ao tráfego na avenida.



Obras de assentamento da nova Adutora Mirante - Mooca.



## BASTIDORES

José Carlos Bittencourt



## Eleições

78

# Quem são, hoje, os candidatos à sucessão de Paulo Egydio



Franco Montoro



Laudo Natel



Orestes Quércia



Delfim Neto



Paulo Maluf



Leonel Júlio



Miguel Colasuonno

## Treze à mesa, por enquanto



Ulisses Guimarães



Abreu Sodré



Zizinho Papa



Olavo Setúbal



Maneco Ferreira



Shigeaki Ueki

O debate sucessório paulista está aberto. Em tempos normais, isso representaria a "falência" da equipe de governo investida no Poder. Mas não se vivem tempos normais: afinal, a perseverança e o comando do presidente Ernesto Geisel parecem ter sido os fatores fundamentais para que se cumprisse à risca o calendário eleitoral pré-fixado, via eleições municipais que vão se realizar em todo o País em 15 de novembro.

Mesma forma como as eleições municipais estiveram, a um tempo, ameaçadas, não são poucos os setores políticos que não acreditam no cumprimento do preceito constitucional segundo o qual em 1978 serão realizadas eleições diretas para a escolha dos governadores. O que inclui arenistas e emedebistas, embora todos eles, publicamente, declarem o contrário. E nem poderia ser diferente.

Portanto, querer negar-se, numa atitude simplista, o debate em torno da sucessão estadual paulista, seria insistir no irreal. E a defesa do irreal sempre se tem provado - exaustivamente: não funciona.

Méritos e deméritos do Governo Paulo Egydio Martins à parte, a verdade é que há treze pretendentes declarados ou não-declarados ao Palácio do Morumbi, no balanço dos dois partidos políticos em vigor. Há, porém, uma diferença fundamental: enquanto os emedebistas sabem que somente terão chances de concorrer num pleito direto, os arenistas contam com as fortes possibilidades da Constituição Federal ser reformada e virem a disputar o governo estadual numa eleição indireta, através de um colégio eleitoral restrito, mas bem mais amplo do que os 69 deputados que compõem a atual Assembléia Legislativa.

No MDB, destacam-se, naturalmente, os nomes dos senadores Franco Montoro e Orestes Quércia e do deputado Ulysses Guimarães, correndo "por fora", o auto-lançado presidente da Assembléia, deputado Leonel Júlio. Na Arena, os dois últimos ex-governadores, Laudo Natel e Abreu Sodré, mais Delfim Neto, Paulo Salim Maluf, Miguel Colasuonno, Zizinho Papa, Olavo Setúbal, Manoel Gonçalves Ferreira Filho e Shigeaki Ueki.

**Franco Montoro** - Senador por São Paulo, cujo mandato vence em 1979. Teve talvez a mais expressiva votação para o Senado (2 milhões de votos), considerando-se que nas eleições de 1970 disputou o pleito com "ossos duros", caso de Orlando Zancaner (também eleito pela Arena, depois renunciante, pois preferiu uma cadeira cativa no Tribunal de Contas do Estado), Hilário Torloni (Arena) e Juvenal Lino de Mattos (MDB). Nas eleições de 1974, foi a grande "estrela" da Oposição: depois do sucesso obtido como apresentador dos candidatos e das teses do MDB em São Paulo, passou a ser convidado para as mesmas funções em quase todos os Estados. Ótimo orador, sabe aliar com maestria um velho paletó, surrado de campanhas eleitorais, fora de moda, com uma numeração difícil de ser contestada, embora em muitos casos se afirme não ser rigorosamente verdadeira. Raposa velha do extinto PDC, é considerado imbatível numa eleição direta. Não é segredo para ninguém: se puder organiza um novo partido, próximo à democracia-cristã italiana.

**Laudo Natel** - Ex-governador do Estado duas vezes, a primeira das quais durante oito meses, após a cassação de Adhemar de Barros, de quem foi vice-governador, eleito graças

ao futebol. No segundo mandato, foi escolhido pelo ex-presidente Médici (com quem se afina politicamente) depois de ter seu nome trabalhado na área federal pelo general João Baptista Figueiredo, atual Chefe do SNI. Durante os seus quatro anos de Governo não manteve contatos com jornalistas, preferindo fazer segundas visitas ao Interior. Poucas vezes fez declarações políticas, daí a iniciativa de fazer as "pseudo-críticas" (como ele mesmo definiu) ao governador Paulo Egydio ter causado espécie: não confere com o seu temperamento. Costuma dizer que já percorreu 780 municípios neste ano e meio, pois em muitos deles esteve duas vezes - São Paulo tem apenas 571 municípios. Quer aparecer como o "grande eleitor" da Arena nestas eleições, apesar de 74 ter se empenhado muito mais em que seu ex-coordenador político, o deputado federal Rafael Baldacci, não tivesse votos. Depois que deixou o governo, sempre fez chegar aos ouvidos dos jornalistas que não aceitará concorrer a cargos legislativos, aspirando governar o Estado pela terceira vez. Algumas áreas insistem em dizer que ele estaria desvinculado de Amador Aguiar (Bradesco): ninguém acredita nisso.

**Orestes Quércia** - Quase seis milhões de votos em 1974, foi candidato ao Senado sem o apoio dos chamados "caciques" do MDB, que na convenção apoiaram o deputado federal Freitas Nobre. Grande andarilho formou diretórios do MDB em mais de 300 municípios, tem muita força nas bases do partido. Na campanha eleitoral foi beneficiado pelo apoio de Ulysses Guimarães e Franco Montoro, ao lado de sua figura de caipirão simpático, solteiro, sonho dourado das meninhas de auditório do Sílvia Santos. Nunca

foi orador (em comparação com o passado, hoje é brilhante). Candidato declarado ao Morumbi, não esconde sua antipatia por Franco Montoro, seu maior adversário dentro do partido. No momento, está preocupadíssimo em derrotar seu ex-amigo e ex-correligionário, o prefeito Lauro Péricles, de Campinas, que preferiu tentar vó político próprio. Não pode perder de jeito nenhum a eleição campineira, sob pena de seu prestígio sofrer danos irreparáveis. Nos meios políticos, costuma-se dizer que ele é "o criador com medo da criatura".

**Delfim Neto** - Ex-ministro da Fazenda nos Governos Costa e Silva e Garrastazu Médici, o "homem dos 12%", acabou "premiado" com uma Embaixada em Paris, de onde coordena antiga equipe de assessores, com os olhos e os ouvidos voltados permanentemente para o Brasil. Declarou-se candidato a governador de São Paulo quando "imprensado" pelo jornalista Reali Júnior, correspondente do Estadão e da Jovem Pan em Paris. Se interessava ou não a seu "esquema" essa divulgação, são outros quinhentos, que não tira o mérito do excelente repórter. Quando ministro, conseguiu obter inúmeros inimigos na política (por desprezá-la) e fora dela. Teria seu principal esquema de sustentação na mesma área Laudo/Maluf. É considerado, porém, um estrategista de primeira ordem, se bem que alguns setores admitam que Paris possa tê-lo "enferrujado". Candidato temível, mas só em eleições indiretas: nunca pediu votos. Sua última façanha teria sido a tentativa de influência na administração da Usina de Itaipú, fato que pouquíssima gente conhece.

**Paulo Maluf** - De obscuro presidente de Caixa Econômica Federal em São

Paulo para a Prefeitura paulistana em poucos meses, quando Abreu Sodré era governador e Costa e Silva Presidente da República. Contam-se muitas histórias a seu respeito, figura marginalizada pelo tradicional Estadão. Como prefeito de São Paulo, jogou uma cartada para ser governador: praticamente paralizou as obras do metrô, investindo em pontes e viadutos - o Minhocão está aí, e leva o nome de "Presidente Costa e Silva". No Governo de Laudo Natel conseguiu uma Secretaria - a de Transportes, provocando, a princípio, narizes torcidos em palácio. Depois, aliou-se a Laudo e atua praticamente em áreas afins. Isolado depois que Paulo Egydio assumiu o Morumbi (quis suceder Laudo, quando viu que não dava apoio Delfim) correu à busca de um posto: a presidência da Associação Comercial de São Paulo. Anti-limista, é considerado por Rafael Baldacci (hoje secretário do Interior) seu mais "feroz" inimigo. Joga também em função das indiretas.

**Leonel Júlio** - Presidente da Assembléia no primeiro biênio desta legislatura graças à divisão interna do MDB, que ele hoje teria interesse em alimentar com tática de sobrevivência política. Auto-lançou-se para o Governo do Estado, na esperança de conseguir, pelo menos, uma candidatura a vice-governador. Integrante do esquema político de João Paulo Arruda Filho, um deputado federal do MDB eleito em 66 pelas mãos do ex-presidente Jânio Quadros. Oriundo das camadas populares (São Miguel Paulista), extremamente simpático (por isso envolvente), péssimo orador e ainda inexperiente. Na Assembléia, as maiores críticas não são dirigidas diretamente a ele, mas principalmente à péssima equipe de "assessores". Sem chance.

**Miguel Colasuonno** - Ex-prefeito de São Paulo após a "demissão" de Figueiredo Ferraz. Como prefeito, ótimo secretário de Planejamento de Laudo Natel. Não fez nada que o marcasse, agora faz campanha da Arena nos trens do metrô (inacreditável, mas verdadeiro). Ambicioso, não ficou fora da vida pública, ministro Reis Velloso. Chance diminuta em qualquer situação.

**Ulysses Guimarães** - Uma das figuras políticas mais importantes do Brasil. Respeitado em todas as áreas, detentor de cultura invejável e da chamada "sabedoria pessedista", a sua presença na direção nacional do MDB tem sido uma garantia para se permitir o prosseguimento da política de distensão do presidente Ernesto Geisel. Não pode ser envolvido em qualquer espécie de disputa provinciana. Sua candidatura ao Governo paulista, em pleito direto, não precisa ser postulada - é absolutamente natural. "Hors concours".

**Abreu Sodré** - Democrata por formação, ao mesmo estilo de Paulo Egydio, distanciou-se um pouco da política depois que deixou o Governo. Em certa época, chegou a dizer aos amigos que preferia cuidar de gado, pois era mais fácil se entender com bois e vacas do que com os homens... Mas a política corre em suas veias e não consegue alhear-se do processo brasileiro, uma espécie de Juscelino da antiga UDN, embora não tenha tanta contemplação com os adversários. Apesar de divergências setoriais, não se afastou de Paulo Egydio, seu antigo companheiro de UDN. Dá margem a ter seu nome ventilado como candidato em potencial ao Governo do Estado, talvez para equilibrar os pratos da balança, num ano eminentemente eleitoral. Mas não deve nunca ser desprezado.

# BASTIDORES

José Carlos Bittencourt

**Zizinho Papa** — Logo depois de eleito pela primeira vez para a Federação do Comércio, surgia com a promessa de representar uma espécie de versão, cabocla do clã Kennedy Pagou o preço da imaturidade política e do excesso de fantasia em que se viu envolvido. Mais maduro, continua com pretensões à vida pública, mas insistiu, em certas fase, em promover alianças com figuras que, em última análise, estavam em busca das mesmas coisas. Tem a imagem desgastada em muitas áreas, mas se se preocupar em somar pelo menos consiga dividir menos. Tem um dado que joga a seu favor: é jovem, tem tempo.

**Olavo Setúbal** — Banqueiro muito bem sucedido, supunha-se de início um excelente prefeito. Capacidade administrativa à parte, paga o preço do noviciado: Prefeitura não é empresa. "Ser prefeito, é ser a dona-de-casa da cidade", sentença do vereador Vicente de Almeida, da Arena, e o maior crítico do burgo mestre. Ao lado, a assessoria do jovem professor Cláudio Lembo que, quando acordou para a política, viu-se na presidência da Arena — ainda não se teria referido do susto. Como todo prefeito de São Paulo, logo que assume o Ibirapuera, sonha com o Palácio dos Bandeirantes. Humano e compreensível.

**Manoel Gonçalves Ferreira Filho** — O vice-governador rapidamente abandonou o título de "professor" pelo consagrado **Maneco**, apesar de continuar sendo a figura intelectual mais respeitada entre os auxiliares diretos de Paulo Egydio. Fácil no trato, é o responsável por inúmeras pacificações entre irreduzíveis adversários arenistas pelo Interior afora. É o chamado "comandante da Opep palaciana", um grupo que reúne secretários políticos mais o líder na Assembléia, o libanes Nabi Chedid, um político tão hábil que, segundo um calejado jornalista parlamentar "dá nó em fumaça". Se perguntarem a ele (Maneco) se é candidato, ele jura que não. Apesar disso, um dos "nomes naturais".

**Shigeaki Ueki** — Em eleição indireta, hoje ele certamente seria o sucessor de Paulo Egydio no Palácio dos Bandeirantes. Até 78, muita água pode correr, mas o ministro das Minas e Energia, ex-diretor da Petrobrás quando o general Ernesto Geisel era presidente, é considerado uma das figuras de maior trânsito — e prestígio — no Palácio do Planalto. No noticiário político paulista, seu nome é muito pouco especulado, até mesmo pela sua ausência dos centros normais de gravitação política. Recorde-se mais: ele teria a preferência de fortes setores da área egydista — foi um dos quatro membros do escritório da Rua Boa Vista. Talvez lhe falte ainda um pouco de discrição — como a história de tomar banho de petróleo na Praça dos 3 Poderes, em Brasília.

**Rigorosa e absolutamente verdadeiro: o governador Paulo Egydio Martins deverá mesmo abrir o ano de 1977 com um novo Secretariado, conforme ele mesmo tem deixado entrever mais ou menos claramente em suas entrevistas à Imprensa. O fato é que enquanto o governador condiciona essa reforma a eventuais "mudanças no quadro partidário", fontes muito bem informadas garantem que pelo menos cinco cabeças rolarão, ao lado da substituição de diretorias de autarquias e/ou empresas de economia mista.**

## E depois de tudo, os estilhaços podem cair na cabeça de Osiro

"Entre mortos e feridos, salvaram-se todos!", eis o velho chavão que parece ameaçar a Assembléia Legislativa de São Paulo, que há cerca de um mês vive os lances e contra-lances do escândalo aberto com as denúncias feitas pelo deputado Osiro Silveira, do MDB. Da tribuna, num lance pirotécnico, o deputado emedebista lançou suspeita sobre o comportamento de toda a Mesa do Palácio Nove de Julho, com relação a irregularidades que ali estariam na área administrativa.

Na realidade, Osiro não fez mais do que transformar em escândalo o que já se cochichava nos corredores da Assembléia paulista, cujo passado já não é muito recomendável (fechada após o AI-5 para se apurar corrupção...).

Se Osiro pretendeu ou não escandalizar a opinião pública para afastar um adversário político do gabinete da presidência, o "incômodo" Del Bosco Amaral, 1º secretário da Mesa, são outros quinhentos. O fato é que ele fez com que todas as atenções — especialmente da área federal — convergissem para essa tumultuada Assembleia de São Paulo, onde nunca se prevê o que poderá ocorrer nos próximos cinco minutos, tal a soma de interesses em jogo nas alas, grupos, grupinhos, grupelhos em que se dividem deputados, funcionários e áulicos legislativos.

Sabe-se que a Comissão de Inquérito formada de deputados da Arena e do MDB está trabalhando a todo-vapor para concluir o seu relatório no tempo hábil, que se esgota sábado; podendo, portanto, entregá-lo na segunda-feira.

O que não se sabe — e, pior — teme-se, é que a CEI (e, portanto, a própria Assembléia) adote uma atitude defensiva, "salvando" as aparências através da punição de pequenos, ou até mesmo de "grandes" funcionários. Nos últimos dias, procurou-se minimizar ao máximo a CEI, que acabou não merecendo mais do que algumas linhas no noticiário político. Santa ingenuidade: estaria para se repetir o episódio Wilson Campos, que abalou profundamente a mais alta Câmara desta República, o Senado Federal?

O deputado Osiro Silveira parece estar prevenido contra uma eventual "patriotada" e diz aos quatro ventos que também ele acionou uma "ceizinha particular". Pois sabe ele que o destemperado Del Bosco, sobre o qual foram lançadas as maiores suspeitas, deixando-se de fora o presidente da Casa, o incrível Leonel Júlio, vez por outra adota a postura de moderno D. Quixote e combaterá moinhos de vento na defesa da honra ultrajada. Os estilhaços do moinho poderiam cair perigosamente sobre a cabeça do denunciante Osiro, que teria — segundo promessa solene de Del Bosco — casado o seu mandato por falta de decoro parlamentar.

Osiro está munido. E promete que fará novas denúncias (comprovadas) caso a Comissão de Inquérito não apresente resultados "de acordo com a honorabilidade de seus membros". Segunda-feira se saberá.

## PIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOP



Mário Donato

— "Dr. Tietê, o que acha o senhor sobre a administração do presidente Juscelino?"

— "Acho ótima, ótima mesmo. Temos um executivo no governo. Agora vamos sair do abismo."

— "Muito bem, dr. Tietê. E a inflação?"

— "Só os pessimistas falam da inflação. Ora, não há nada mais simples: os preços sobem, aumentamos os preços, etc. etc."

— "Mas os salários mínimos?"

— "Aumentamos também os salários mínimos e assim ninguém pode queixar-se."

— "E o negócio imobiliário, dr. Tietê?"

— "Estamos faturando, meu rapaz. O mercado imobiliário está ótimo. É só o professor Carvalho Pinto afrouxar um pouco o crédito no Banco do Estado."

— "Então, o senhor, como empresário, está satisfeito com o governador Jânio Quadros?"

— "Estou. Vai indo bem. Ele que continue a varrer para fora, não para baixo do tapete. A varrer e a dar umas vassouradas, meu rapaz. Houve muita moleza por aí. Isto não pode continuar a ser um acampamento. Isto é um país. É preciso meter os peitos!"

Este é um trecho de uma longa "entrevista" do dr. Tietê Barbosa, personagem do mais novo romance do jornalista e escritor Mário Donato, que através dessa impagável figura traça o retrato de uma época. Tietê Barbosa está nas livrarias e, como diz Mário Donato, "pode estar por aí", talvez até ocupando um lugar na vida pública. Mas a identificação da personagem, ele deixa por conta dos leitores e — por que não? — dos analistas políticos e/ou econômicos.

● **Guerrilha de bastidores na Assembléia:** os deputados emedebistas Acrísio Pereira Lima, Jairo Maltoni e Francisco Antônio Coelho foram escolhidos pelo presidente Leonel Júlio para representar a Assembléia paulista na solenidade de inauguração da nova sede da Assembléia Legislativa do Acre. Consta que dois deputados emedebistas — Augusto Toscano e Rubens Granja — estão chiando: os seus lugares teriam sido devidamente trocados por um assistente técnico e uma recepcionista. O detalhe: apenas o MDB vai representar o Legislativo estadual numa cerimônia de tanta importância (!) e justamente num ano em que já se pediu a segunda suplementação orçamentária...

● O deputado Paulo Kobayashi, da Arena, contava, dia desses, na Sala de Imprensa da Assembléia, um episódio vivido numa sala de aula de uma

Faculdade paulista. Informava o professor de atualidades brasileiras:

— "Este ano o déficit brasileiro no exterior vai atingir os 26 bilhões de dólares..."

No fundo da classe, em silêncio sepulcral, uma voz feminina exclamou:

— "Eu... sócia do Brasil? Nossa mãe!!!"

● Ainda Paulo Kobayashi: o jovem deputado estadual da Arena, principal articulador do "movimento de vanguarda", defende a tese de que os dois partidos políticos deveriam iniciar um movimento destinado à manutenção do artigo constitucional que assegura eleições diretas para os Governos estaduais em 78. Enquanto isso não acontece, Kobayashi vai percorrer o Interior defendendo os candidatos arenistas, em "dobradinha" com o secretário Jorge Maluly Neto, do Trabalho.

● Noite dessas, quando o palácio já estava deserto, o deputado federal Chico Amaral, principal candidato do MDB à Prefeitura de Campinas, fez uma visita ao governador Paulo Egydio Martins. O que foi tratado, ninguém sabe. O detalhe: o encontro realizou-se depois da concentração promovida pelo MDB em Campinas (que contou com figuras nacionais do partido) e do concerto arenista do prefeito Lauro Péricles. Um assessor palaciano não se aguentava: "O Chico já ganhou disparado em Campinas... ele é imbatível".

● Amigos do governador Paulo Egydio lembram que poucas vezes os jornais acertaram as previsões sobre quem iria ocupar qual lugar na administração estadual. O comentário surgiu depois que se começou a noticiar que o conselheiro Onady Marcondes iria se aposentar no Tribunal de Contas do Estado e depois assumiria a chefia da Casa Civil. O atual titular, o poeta Péricles Eugênio, seria — na mesma linha — indicado para a vaga de Onady no TC, considerando-se que a Casa Civil não pode continuar sendo apenas um órgão burocrático, mas exercer efetivamente as suas naturais funções políticas.

● O mais curioso: na defesa da permanência de Péricles estão figuras palacianas que lutam, desesperadamente, por uma vaga no Tribunal... O que não deixa de ser sintomático.

● A Assembléia Legislativa de São Paulo andou agitada esses últimos dias com a venda de ingressos para uma "avant-première" beneficente, a Cr\$ 50,00 o bilhete. A renda destinada ao Serviço de Assistência à Velhice e Infância de São

Paulo, presidida — segundo o ingresso — pela "Sra Leonel Júlio". O bilhete dá direito a assistir a um filme no Cine Windsor: "O Complô".

● Frase do governador Paulo Egydio Martins, para ser devidamente anotada: "Eu sou daqueles que acompanha com cuidado a história do desenvolvimento econômico nas várias partes do mundo. Não creio em desenvolvimento econômico só voltado para a indústria. Se esse desenvolvimento não tiver uma base sólida na agricultura e na pecuária, será fadado ao fracasso".

● Mais Paulo Egydio: "Não acredito em desenvolvimento econômico só para alguns. Ele tem que ser para todos. Nós, neste País, não podemos permitir que uns poucos se beneficiem em detrimento da maioria".

● Frase do falecido brigadeiro Faria Lima, diversas vezes repetida na intimidade, depois que deixou a Prefeitura de São Paulo: "Tenho a consciência de que cometi alguns erros na administração, mas, inegavelmente, o maior deles foi a criação do Tribunal de Contas do Município".

● O ex-deputado estadual e ex (7) futebolista Paulo Planet Buarque, presidente do Tribunal de Contas do Município (o da sede faraônica), acaba de defender a tese de um "processo seletivo" para alguém chegar à vida pública. Entre as bizarras sugestões, figura o diploma de um "Curso de Formação Política", de dois anos, a ser sustentado pelo Estado. E mais: defende o "carreirismo" político, ao colocar a exdrúxula tese segundo a qual só vereadores poderiam eleger-se para a Câmara Federal; só deputados federais poderiam eleger-se senadores, e só deputados federais ou senadores poderiam chegar ao posto de governador.

● Segurem-se em suas cadeiras: segundo depoimento do vereador Vicente de Almeida, da Arena, perante representantes de sociedades de bairros, o túmulo do ex-presidente Castello Branco, em Crato, Ceará, está com mato de um metro de altura

● O presidente da Federação do Comércio, Zizinho Papa, ao agradecer as homenagens da Assembléia paulista ao 30º aniversário do Sesc Senac, disse a certa altura: "O empresariado sente-se feliz por verificar que seu programa sócio-educativo encontra eco nesta Casa. Somos todo um só povo". Um deputado preeminente do MDB, que atentamente ouvia as palavras do jovem empresário, cutucou o colega do lado: "Tá dito".

# JARBAS PASSARINHO

“...vou dizer, com honestidade, as únicas vezes em que falei a favor de uma cassação...” Na íntegra, a entrevista concedida pelo senador Jarbas Passarinho ao jornal paraense *O Liberal* sobre os processos de cassação de mandatos e direitos políticos à época em que era ministro.

## DOCUMENTO

JARBAS — Percebo que a História do Brasil continua a ser feita cada vez menos por brasileiros e, agora, existe um grupo, dos chamados brasilianistas, que são os que escrevem sobre o Brasil. Não me parece que os brasileiros não possam escrever a História com isenção, embora, há poucos dias, eu tenha lido um tremendo equívoco praticado pelo sr. Hélio Silva, historiador brasileiro, que está escrevendo um livro completo sobre a História contemporânea, e é justamente naquela em que ele se refere à nossa passagem pelo Ministério do Trabalho — está completamente equivocado. É interessante, então, que a gente dê testemunho ainda em tempo de poder ser testado, de ser contestado também, se for o caso. E eu tenho procurado, ultimamente, fazer isso sempre com fontes de citações. Nesse problema relacionado com a cassação, a fonte de citação vai ser um pouco não precária mas pouco difícil de ser localizada.

O LIBERAL — Um momento, Senador: V. Exa. fala em cassação e vamos recuar no tempo. V. Exa. serviu a dois governos revolucionários e governos que cassaram em processos diferentes — um, era uma espécie de colegiado — foi o de Costa e Silva: um “processinho à deliberação”, ele consultava os Ministros; outro, o de Médici, mais sumário. Então, nesse esquema nessa situação dos dois Governos aos quais serviu, V. Exa. poderá dar um depoimento sobre como eram feitas as cassações.

JARBAS — Certo. Por isso mesmo que eu disse que não era precário, mas difícil localizar a fonte, porque a fonte é o Conselho de Segurança Nacional, e as atas do Conselho são secretas. De maneira que eu vou dar uma opinião sobre problemas relacionados com o Pará — apenas com o Pará, e nos dois estilos a que o jornalista se referiu claramente: ao tempo em que eu era Ministro do Trabalho, o Presidente Costa e Silva reunia o Conselho de Segurança Nacional, que, como se sabe, é constituído dos Ministros de Estado, do Secretário do Conselho de Segurança, que é o Chefe da Casa Militar, que agora também já tem o status de Ministro, e os processos chegavam a nós já para conhecimento, na hora da reunião.

Acredito, porém, que muitas vezes o Ministro da Justiça, meu amigo que era, o Ministro Gama e Silva, deixava vazar esta ou aquela notícia prévia. Certa vez, ele me telefonou logo depois que foi editado o AI 5 (se não estou equivocado, foi em dezembro de 1968) e disse “Passarinho, da Bancada Federal do Pará, qual é o comunista que tem lá?” Respondi-lhe: “ao que eu saiba, não existe nenhum comunista na Bancada federal do Pará”. Ele disse: “Não há um camarada, parece que é Montenegro — a expressão

que ele utilizou lá?” Ai eu percebi que era uma referência ao Camilo Montenegro Duarte. E disse a ele, por telefone: “Gama, há um equívoco, não existe isso: o Camilo não é, e, no meu entender, jamais foi comunista.” Ele não aprofundou a conversa — até mesmo desconversou — mas eu percebi que havia mouro na costa, qualquer coisa havia nesse sentido. Chamei o Camilo — eu já sabia que o Camilo era um homem visado porque havia respondido inclusive a um IPM antes de ser candidato — e ele me confirmou que tinha respondido a um IPM, que havia sido absolvido, segundo ele, e ele me deu informações: o IPM foi encerrado porque não havia nada, não se provou nada contra mim. Eu disse: “Bem, já que tu vais viajar (ele disse que ia ao Pará naquele dia) localiza esse problema lá e me dá a peça de defesa, porque eu gostaria de entregar isso ao Ministro da Justiça — embora não dissesse a ele claramente que o Ministro me havia falado nesses termos.

Ele foi, ou por desleixo, ou porque não acreditou no que eu disse a ele, não me deu a menor resposta.

Poucos dias depois — eu me lembro que já era fevereiro de 1969 (isto tenho bem presente), nós nos reunimos. Reunimos e já sabíamos. Quando o Presidente convocava o Conselho de Segurança era para fim de exame de cassações. E surgiu, então, o caso do Camilo, já no Conselho. Nessa altura, o general Jaime Portela, que no caso do Abel Figueiredo e do Gerson, me tinha avisado previamente, mas porque ele sabia que...

O LIBERAL — Eles iam ser cassados também?

JARBAS — Iam: Abel e o Juca Aguiar estiveram na primeira lista de cassação. Na primeira fase do Governo Costa e Silva. Contra o Abel e o Gerson, houve três tentativas, mas nessa ocasião, o general Jaime Portela sabia que estas tentativas estavam ligadas a uma espécie de represália de uma área exaltada da FAB, contra o episódio de Santarém. (Refere-se aos ferimentos recebidos pelo deputado e brigadeiro da reserva Haroldo Veloso, no governo Alacid, Nunes, em Santarém e que depois lhe causaram a morte). Então, era uma tentativa de atingir o Alacid, através do sogro, que era Presidente da Assembléia Legislativa, e do líder do Governo. E o Juca Aguiar, deputado por Santarém, que não sei por que entrou nisso. Deve ter alguma justificativa para isso.

Desse episódio tenho até cartas que posso entregar depois, porque me foram dadas pelo Ministro Leitão de Abreu e pelo Ministro Alfredo Buzaid (foi a terceira tentativa — já o professor Buzaid era agora ministro do Médici) A segunda tentativa foi ao tempo da Junta. Eu consegui impedir, junto ao ministro

Lira Tavares, a quem fiquei devendo este favor — disse ao Lira Tavares todo o quadro qual era.

O LIBERAL — Só o Gerson?

JARBAS — Não, Gerson e Abel. Nessa ocasião, era Gerson e Abel. Já na Junta. Começaram com Costa e Silva. O general Portela me comunicou. Como o Portela estava inteiramente a par do assunto de Santarém, um dia o general Portela poderá vir a dar este testemunho — ele fez, segundo ele mesmo me disse, voltar um avião do ar, um avião que ia para Santarém, para uma represália, teria sido dada ordem a determinado oficial da FAB, e o general Portela inteceptou esse avião e fez com que ele voltasse do meio do caminho.

O LIBERAL — Episódio de Santarém?

JARBAS — Sim, episódio de Santarém. Então, sequele do episódio de Santarém: apareceu a tentativa de cassação. O Portela, um dia, conversando comigo, me disse: “Olha, Passarinho, há uma lista grande aqui, de deputados do Pará, para serem cassados, encabeçada logo pelo presidente da Assembléia. Ai, eu verifiquei que o problema do Presidente da Assembléia era o dr. Abel, e que o motivo seria esse. E pedi autorização a ele, se eu podia usar a informação que estava me dando. Ele autorizou e fui ao Presidente. Expliquei ao Presidente Costa e Silva e o Presidente mandou não apresentar o processo na reunião. Com a doença fatal do Presidente, o pessoal exaltado da FAB, que não perdoava aquele episódio de Santarém de maneira alguma, voltou à tentativa mais uma vez. Desta vez, foi extremamente perigoso, porque chegou a ser assinado pelo Ministro Márcio e pelo Ministro Hademacker, a quem o Ministro Marcio levou (a cassação do Gerson e do Abel).

O LIBERAL — O Juca não estava mais?

JARBAS — O Juca não estava nessa vez. Então, fui avisado outra vez, me avisaram da Casa Militar. Os amigos que eu tinha lá me avisaram. Liguei para o general Lira Tavares (estava no Rio) e lhe disse: “General, quero pedir-lhe um grande obséquio — não assinasse antes de eu lhe explicar o problema. Ele vinha para cá para Brasília, chegou, eu expressei o problema todo, ele se convenceu, e muito habilidosamente, como era o jeito do general Lira Tavares, negou a assinatura. Negando a assinatura, não havia assinatura dos três, não havia cassação.

Quando chegou o Governo Médici, esse problema devia estar ainda lá em curso, de novo. Este terceiro episódio é que eu estou dando em primeira mão. Fui avisado, então, pelo ministro Buzaid (nós até interrompemos o caso do Camilo e voltamos para este aqui).



## JARBAS PASSARINHO "O ministro Gama e Silva, certa vez, ele me telefonou e disse 'Passarinho: da bancada federal do Pará, qual é o comunista que tem lá?'"

até numa parada de 7 de setembro, encontrei o Ministro Buzaid, que me disse: "aquele assunto está encerrado definitivamente". Foi a terceira tentativa de cassar Abel e Gerson, e nesta, incluindo o Juca.

**O LIBERAL** — Vamos voltar: como se operou a cassação do Camilo, lá no Governo Costa e Silva.

JARBAS — A cassação do Camilo foi pouco depois, em fevereiro. O episódio do Márcio Moreira Alves foi em dezembro, veio o AI-5, o Congresso entrou em recesso forçado, e em fevereiro, houve a reunião. O Camilo não tinha me mandado nada da tal defesa dele, apresentada no IPM, em que ele dizia que havia provado tudo contra as acusações que lhe haviam sido feitas. Ele tinha inimigos lá que não convém aqui citar — ele disse que estavam na ativa, um estava no Exército, outro na Aeronáutica, em Belém. O da Aeronáutica é famoso porque, mais tarde, veio a ser punido pela própria Aeronáutica — é um homem que acusava Deus e o mundo.

**O LIBERAL** — Candidato a deputado que não se elegeu?

JARBAS — Ai, já estão dando o nome dele!

Então, eu acredito que tenha partido daí esta indicação sobre o Camilo. Chegou a hora da reunião com o Presidente Costa e Silva, o mais liberal de todos os homens que tinha assento no Conselho de Segurança, incluindo o dr. Pedro Aleixo, dr. Magalhães Pinto, o Coronel Passarinho e quem quer que fosse, o mais liberal era exatamente o Presidente Costa e Silva. Na hora em que o general Portela ficava de pé e lia a ficha, quando começou a ler a do Camilo Montenegro Duarte, iniciou assim: "Comunista notório", (informações vindas da área, a área militar, entenda-se o que quiser) — "Comunista notório e mais isto e mais aquilo, uma porção de informações que, mais tarde, vim a saber que eram as mesmas do tal IPM. Acabada a leitura, o Presidente Costa e Silva, na maneira de ele fazer, voltou-se para mim e disse: "Agora, vamos ouvir o senador pelo Pará". Eu disse: "Presidente, quero dizer aos meus ilustres colegas e ministros militares e ministro da Justiça (porque quando um processo desses era lido já vinha assinado pelos 3 ministros militares e pelo Ministro da Justiça a gente já enfrentava 4 ministros na hora, de quem a gente tinha que discorde. Eu disse: "eu quero dizer aos meus ilustres colegas que discorde frontalmente da acusação de comunista feita ao deputado Camilo. Gabo-me de ter sido chefe do Estado Maior da Amazonia, de ter acompanhado o movimento comunista lá e de ter conhecido com bastante precisão os ativistas do Movimento. E nunca o deputado Camilo, que então era um professor universitário, esteve relacionado nesse grupo. Houve suspeita de que ele tivesse pertencido à AP (Ação Popular), na fase pré-revolucionária, muito diferente dessa Ação Popular que veio eclodir em 68/69, que é mais esquerda do que o PC — a AP marxista-lenista. E dei ainda meu testemunho de que, conversando com eles sobre a AP, isto mesmo não me negou. Ele disse que nem à AP ele pertenceu. E vou mais longe, Presidente: "Pelo modo do Camilo, pela forma de ele ser, não seria um ativista comunista. "O Presidente deixava que a discussão continuasse. O general Médici, que era o chefe do SNI, abriu uma pasta (até então, ele não tinha falado, só havia falado o general Portela, lendo a ficha) abriu uma pasta e (eu me lembro de que tinha uma espécie de sanfona de papel, desdobrava, e havia uma referência, uma tabela de dupla entrada — eram todos os votos do deputado Camilo Montenegro Duarte, dados ostensivamente na Câmara. Então, primeiro: projeto que era do MDB, não sei de quem — de anistia ampla e geral a todos os punidos. Camilo votou a favor. Era questão fechada do Partido, que não se fizesse anistia. Então, Camilo votou a favor. 2) Suplementação de verbas do SNI. Camilo votou contra. 3) Todos os casos de municípios apresentados para segurança nacional. Voto do Camilo — contrário. O general Médici foi lendo os votos, e a cada dia: "dia tal, votou assim; sobre tal assunto, votou assim. E terminou no caso da Comissão de Constituição e Justiça, o voto era a descoberto — no caso do Márcio Moreira Alves, ele votou também contra o Partido e a favor do Márcio Moreira Alves. Então, conclusão do então general Médici: é evidente que ele deve também, no voto secreto, ter sido um dos que votaram a favor do deputado Márcio, contra os interesses da Revolução. Diante deste fato, eu tinha antes levado o Camilo ao Presidente, porque foi pedido pelo Rondon Pacheco, chefe da Casa Civil e estava com medo do que ia acontecer na Câmara — então, pediu a mim que levasse o Camilo, etc. O Camilo, apesar de morarmos no mesmo edifício e ele num apartamento em cima do meu, praticamente nós nos avistávamos muito raramente, mas ele era muito frequente ao meu gabinete. E ele foi lá e eu falei: "Camilo, vamos ao Presidente". Levei-o para ele conversar com o Presidente. E o Pte. Costa e Silva, com muito tato — o que talvez tenha sido mal para ele, porque se o Pte. tivesse dito claramente "olha, se vocês não derem a concessão — não é uma cassação é concessão — para o Supremo julgar esse

**O LIBERAL** — Vamos passar já para o Camilo.

JARBAS — E encontro o Ministro Buzaid no gabinete do Ministro Leitão de Abreu. Na hora em que acabei o despacho com o Presidente, passava o Ministro Buzaid para entregar os decretos etc. E, na conversa, o ministro Buzaid diz: Olha, há três Deputados do Pará que estão aí... (aí já eram Gerson, Abel e Juca". "Mas, de novo! Eu disse a ele "Mas, outra vez?" Então, eu disse: O senhor me permite — vou falar com o Presidente, porque acho, em relação a essa tentativa, até uma ignomínia, por que razão casar o Abel e o Gerson? Então, haverá razão para casar todo mundo, pois eles não têm motivos para serem cassados, a não ser que um era Presidente da Assembléia Legislativa, e o outro o líder do Governo, a quem o Governo Alacid mandou fazer a sua defesa na Televisão — e o Gerson, veemente, da forma que chegou lá, falou (ele não atacou o Veloso, pois se

tivesse atacado, nós também não aceitaríamos isso — ele defendeu o seu Governador; quer dizer, cumpriu o seu papel). Então, eu não achava justo que eles viessem a pagar por isso. Comuniquei isso ao Gerson, depois, e ao Abel, através do Alacid, que estava em Brasília numa determinada ocasião.

**O LIBERAL** — E também falou com o Presidente sobre o assunto.

JARBAS — Falei com o Presidente e foi sanado o assunto. Mas puseram em dúvida, porque há um grupo especilaizado no Pará: em tudo que eu digo "sim", eles põem "não" do lado — puseram em dúvida e me obrigaram a pedir o testemunho dos dois Ministros. Então, eu tenho a carta — a carta do ministro Leitão de Abreu e a do Ministro Buzaid, respondendo a minha — estou com cópia xerox de ambas — em que eles confirmam exatamente o que aconteceu, a minha intervenção; e posteriormente me parece,

# JARBAS PASSARINHO Fevereiro de 1969: "Já sabíamos. Quando o Presidente (Costa e Silva) convocava o Conselho de Segurança era para fim de exame de cassações"

rapaz, vai acontecer o pior", o Presidente não abriu completamente o jogo, mostrou apenas que ele teria problema sérios se a Câmara recusasse. O Camilo se retirou, me procurou e disse: "Jarbas, eu não posso, sou um professor universitário e de Direito, não posso, na Comissão de Constituição e Justiça, votar a favor desse pedido do Governo, porque ele é inconstitucional, diante da inviolabilidade do parlamentar. Esta garantida pela Carta de 67. Então, sugeri o seguinte: eu saí da Comissão de C. e Justiça e permiu com o Gilberto, que está na Comissão de Relações Exteriores; vou para a Comissão de Relações Exteriores e ele vem para cá, porque admitia que o Gilberto não teria consciência jurídica e votaria a favor da concessão.

Eu propus isso ainda na Câmara, ao Rondon, mas não pode ser efetivado, e o Camilo acabou votando na Comissão de C. e Justiça, contra o Governo. Aí, acabadas essas providências (lembro-me bem de que o Pte. Costa e Silva, na cabeceira da mesa, fez um gesto para mim, abrindo os braços como quem pergunta "e agora?", quando foi lido o número. O número era de tal ordem que eu suponho mais de 15 votos que haviam sido localizados. Então, cassaram o Camilo. Assim ocorreu a cassação do Camilo.

Sobre o Epílogo de Campos, não foi levado ao Conselho. Não me lembro do caso do Epílogo.

## O LIBERAL - O Gilberto Azevedo?

JARBAS - Lembro-me bem do caso do Gilberto. Não me lembro do de Epílogo. Ele foi cassado no Governo de Costa e Silva, Gilberto e Hélio Gueiros foram também no nosso tempo. O Epílogo, acho que foi antes, ele trabalhava no MEC, com o ministro Tarso Dutra. Do caso do Epílogo, não estou inteiramente lembrado. Foi ligado a um problema de desvio de verba e um congresso de Petrópolis, em que o Presidente até estaria presente e, à última hora, descobriram e houve qualquer carga lá. Esta me faltando a memória aqui, se o caso foi levado ao Conselho ou foi, como depois fazia o Médici, quer dizer, o pessoal decidia a cassação e os ministros depois assinavam. Isso ainda tenho que rever, talvez a minha memória... Agora, o caso do Gilbertinho, do Gilberto Azevedo e o do Hélio Gueiros. Há também o do Barbalho, foi da mesma época.

No caso do Hélio Gueiros, posterior, suponho, ao caso do Camilo - apareceu a leitura: quando foi lida a ficha do Hélio Gueiros, eu me lembro bem do que aconteceu após a Revolução num artigo que o Hélio Gueiros tinha escrito, defendendo o Moura Carvalho, e que tinha chocado o general Taurino Resende, no O LIBERAL. Não sei se chegou a haver intimação ao Hélio, mas houve inquérito. Inquérito realizado em Belém. Parece que foi aquele grande inquérito presidido pelo general Bandeira Coelho tendo o cel. José Lopes de Oliveira como escrivão. Então, as acusações que vinham feitas ao Hélio eram tipicamente as mesmas do período desse IPM que o presidente Castelo não tinha levado em consideração, porque o José Lopes de Oliveira é quem poderia complementar bem esta informação - parece que houve extravio desse inquérito (eu me lembro de que o Oliveira, uma vez me falou nisso). O fato é que todas as pessoas que foram ouvidas naquela ocasião, o Presidente Castelo não cassou, a não ser o deputado Agenor Moreira, do Pará, e o Benedito Monteiro. Esses já foram casos do Castelo, anteriores à minha presença no Ministério, mas quando foi lida a informação sobre o Hélio havia uma acusação comunista também. Eu me lembro de que essa acusação partia até de uma área de informação.

O LIBERAL - Foi debatido no Conselho o processo do Hélio Gueiros?

JARBAS - Foi debatido no Conselho. Do Hélio, tenho certeza por que falei na ocasião. Eu me voltei para o Pte. - lembro-me até do Almirante Hedemacker, a informação dizia que partia mais da área do Genimar, a declaração de que o Hélio era comunista

- então, eu me voltei para o Almirante Hadmacker, que é um amigo muito querido meu, e disse: "ministro, quero pedir-lhe permissão para discordar frontalmente". Conteí a mesma história: eu conheço os comunistas do Pará. O dr. Hélio Gueiros, inclusive, é protestante, filho de pastor protestante, nunca o nome dele foi envolvido em problema de ideologia, nunca. Eu estava no Q.G., vivi no QG meus últimos dez anos de vida militar, e, lhe dei meu testemunho: o dr. Hélio Gueiros, absolutamente não tem nada em comum com o Partido Comunista. Então, começaram a ler o restante, envolvido com o Governo Aurélio do Carmo.

Tinha sido líder do Aurélio. Então, a partir dessa liderança vinha o envolvimento nesse IPM. Estas informações foram as que levaram à cassação do Hélio Gueiros.

Já à cassação do deputado Láercio Barbalho foi bem posterior (isso é uma coisa que posso ver, pois posso estar com a memória falhando, mas suponho que tenha sido nesta ordem). Eu me recordo bem de que havia o seguinte: havia várias pessoas indicadas para a cassação: Barbalho e Arnaldo Moraes Filho - lembro-me muito bem. Quanto ao Arnaldo, como era um desafeto pessoal meu, não fiz a menor referência no estudo do problema quando o general Portela me mostrou. Por que sim, por que não, também não sei. O fato é que quando chegou ao Conselho, não chegou o do Arnaldo, só chegou o de Barbalho. Aí, a decisão do Presidente: no do Barbalho, foi uma leitura que envolvia dois aspectos: um aspecto antigo, o mesmo daquele IPM (estou me referindo sempre ao IPM que teria sido desviado, a base das acusações). Então, o Barbalho entrava nesse IPM onde se faziam acusações ligadas à corrupção, etc. Mas entrava fundamentalmente numa participação da chamada Frente Ampla. Ele e o Arnaldo, que teriam vindo a Brasília representando o grupo deposto no Paraná pela Revolução e aqui teriam tido entendimentos (lembro-me disso nitidamente e que apareceu nas informações dadas na hora do Conselho reunido), Ora, o Pte. Costa e Silva tinha praticamente sangrado a si mesmo na hora que cassou o Mário Covas (Mário Covas era o líder do MDB, por quem o Pte.) Costa e Silva tinha um carinho especial, e só cassado por causa da Frente Ampla, quando se cassou Lacerda). Depois que se cassou Lacerda, passou a servir de parâmetro. Ligado ao caso do Lacerda, quem estivesse nas mesmas condições sofre o mesmo tipo de punição, e o Barbalho foi punido. Eu adversário pessoal, magoado com insultos recebidos do Arnaldo Moraes, poderia se fosse mesquinho, miserável, soprar no ouvido do Portela e dizer "falta um; se este foi, por que não foi o outro?" Mas nunca usei. Vou dizer com honestidade, depois, as únicas vezes em

que falei a favor de uma cassação: uma, no Pará e outra no Brasil em geral. Falei: a favor na hora de dar opinião. Não fui advogado propriamente, porque advogado seria ficar a meu cargo apresentar as acusações, e eu não fiz.

O LIBERAL - Quais foram as duas?

JARBAS - Foram o Carlos Lacerda, que constituiu uma surpresa para muita gente, porque muitos esperavam que aquela reunião do Ministério fosse tumultuada, pois se supunha que o Lacerda fosse vivamente defendido, e não foi, por nenhum - apenas houve um elemento que lamentou, disse que se lamentava porque era um companheiro nosso etc. "mas não vou dizer quem é: eu dou o depoimento.

O LIBERAL - É para a História.

JARBAS - Quando chegou a minha vez, até me lembro de que o general Médici, disse: "voce feriu a previsão do SNI, porque não estava previsto você falar".

O LIBERAL - Porque o gel. Médici participava do Conselho?

JARBAS - Era o chefe do SNI. E eu falei. Eu tinha estado muito magoado com as últimas exposições do Carlos, onde ele atacava as Forças Armadas de uma maneira muito dura, e em seguida, às suas ações de ir até o Uruguai para ver Jango, e dizem que o Brizolla se recusou a recebê-lo - então, nessa ocasião, disse: "Pte. eu tenho sido até que inconveniente, porque tenho defendido - e isto sabe, não se defende de graça, porque, na hora em que se defende um acusado por quatro ministros, a pessoa que defende corre certo mal-estar - é porque felizmente eu tinha bom conceito junto as meus companheiros ministros do Presidente e junto ao Pte. - eu disse: "sei que tenho sido até inconveniente, mas acho que minha consciência deve funcionar. Assim como defendo pessoas que acho acusadas injustamente, neste caso, quero dizer que voto com tranquilidade, Presidente, porque o dr. Carlos Lacerda foi um homem que empolgou minha geração e minha Arma. E não só minha Arma, também a Marinha e a Aeronáutica e, agora, subitamente a gente verifica que ele se reúne aos homens que ele nos fez até odiar, os homens que ele pintou como corruptos, incapazes, como as pessoas mais nocivas ao Brasil, pois foi esses que ele procurou para justamente derrubar a Revolução. Então, acho que está certo: ele não deve ser intocável.

E o Carlos Lacerda foi cassado.

O outro voto a favor, apenas "sim", sem comentários maior, porque toda a documentação tinha vindo de Belém, enviada pelo Governador Alacid Nunes, para os órgãos de Segurança e dirigida para o general Portela, através de mim, porque eu entreguei a documentação, era o caso do Elias Pinto. Sei que o Alacid preparou uma pasta, um dossier muito bem feito sobre uma porção de compromettimentos do Elias Pinto na Prefeitura de Santarém, que havia sido o primeiro episódio, que não deu certo porque houve aquele caso do Veloso. Então, ele voltou a ser prefeito e foi cassado já depois do AI 5. Foram as únicas vezes.

Agora, defendi Gilberto. Ele foi cassado porque não perdoaram ao Gilbertinho, a atuação de "pombo-correio", no episódio Márcio Moreira Alves disposto a fazer um movimento contra o próprio Pte. Costa e Silva e derrubá-lo (o Amaral Peixoto chegou a fala nisso). O Pte. cairia, não a Revolução, mas o Pte. cairia. E o coronel Francisco Boaventura Cavalcante Júnior aparecia como um dos que o Gilberto se entendia.

O coronel Boaventura punido também pelo Pte. Costa e Silva, com a sua transferência para a reserva, era irmão de um Ministro. O Chico Boaventura, meu primeiro aluno de turma e um dileto amigo meu e uma pessoa a quem eu queria muito bem, e ele a mim, hoje um homem muito ressentido, natu-

## JARBAS PASSARINHO "O Portela um dia conversando comigo, me disse: "Olha, Passarinho, há uma lista grande aqui, de deputados do Pará, para serem cassados, encabeçada logo pelo presidente da Assembléia".

# JARBAS PASSARINHO "Chegou a hora da reunião com o Presidente Costa e Silva, o mais liberal de todos que tinham assento no Conselho de Segurança, incluindo o dr. Pedro Aleixo, o dr. Magalhães Pinto, o coronel Passarinho e quem quer que fosse, o mais liberal era exatamente o Presidente Costa e Silva".

ralmente, porque seria um dos generais mais brilhantes deste Exército. O Gilberto, que eu chamo Gilbertinho, que é um sujeito afável, afetuoso, amigo da gente, pagou o preço de querer ser bem informado. Então, dava telefonemas e etc. E essas coisas começaram a ser localizadas. Só ele e o Coronel Boaventura. Então, ele teria chegado à Câmara (aliás o Gilberto negou para mim isso depois), teria chegado à Câmara como sendo porta-voz do Boaventura, dizendo: "podem negar a concessão que nada acontecerá". Então a área militar garantia que se a Câmara cumprisse o que supunha ser o seu dever que era manter inviolabilidade do deputado, nada aconteceria. Ora, nada aconteceria; não! Teria que acontecer alguma coisa porque o Pte. Costa e Silva não ia aceitar a decisão, como não aceitou. Então, das duas, uma: ou ele era derrubado, ou ele fazia o que acobou fazer: AI-5. Então, no caso de Gilberto, ainda houve um fato: ele era querido pelo Pte. Costa e Silva: uns 15 ou 20 dias antes da cassação do Gilberto, o Gilberto encontrou o Pte. Costa e Silva na missa a que o Presidente assistia sempre, lá no Rio, numa determinada igreja - e era no Rio, na ocasião. E o Gilberto foi com as crianças, e os meninos vieram e beijaram a mão do Costa e Silva. O presidente Costa e Silva ainda me contou esse fato, lagrimou quando contou, porque ele pensava na família, pensava no que ia acontecer. Mas o Gilberto não tinha mais escapatória, porque tinha que ser uma cassação em decorrência da cassação do cel. Francisco Boaventura Júnior, que era um dos grandes do Exército.

**O LIBERAL - Ele não foi cassado, para a Reserva, compulsoriamente.**

JARBAS - O Boaventura não foi atingido pelo AI-5; foi uma variante, não é cassação, nem de direitos políticos; foi passagem obrigatória para a Reserva, que era um das formas de punição do AI-1. Havia, desde a demissão no Exército até a aposentadoria compulsória, o que se chamaria em linguagem civil, no caso, a passagem para a Reserva compulsória, com os vencimentos proporcionais. Foi o que se fez com o Boaventura. Então, com essa punição do Boaventura foi muito violenta, porque ele era muito querido, por todo o mundo e acabou sendo punido por causa do Lacerda...

**O LIBERAL - Era um dos elementos da Revolução, articulador da Revolução.**

JARBAS - Foi. E salvou a vida do Lacerda naquele episódio dos paraquedistas durante o período do Jango, em que houve um louco qualquer que derminou a prisão e morte do Lacerda que ia fazer um comício num bairro qualquer do Rio e os paraquedistas iam cumprir a missão, razão pela qual foi cassado um rapaz (uma turma na minha frente) que foi governador de Fernando de Noronha, foi governador de Rondônia, esse rapaz foi cassado posteriormente porque era o chefe da equipe que saiu para cumprir a missão contra o Lacerda, e o Boaventura que era, parece, chefe do Estado Maior do grupo de Artilharia, então se rebelou, e diante dessa atitude do Boaventura, junto ao comandante dos paraquedistas, que era o general Castilho, o Lacerda escapou da ação dos para-quedistas. Então com todos esses serviços prestados, o Boaventura foi compulsoriamente levado para a Reserva. E talvez em homenagem a ele mesmo e ao irmão, que era o ministro, o Pte. referia-se ao ministro Costa Cavalcanti, atual presidente Itaipu, não aplicou o AI-5 nele, mas o fato é que cancelou a sua carreira e o Gilberto foi apanhado

Isso é o que me lembro das cassações no meu período de ministro do Governo Costa e Silva. No governo Médici, este não cassou, pelo AI5; só uma única vez, e por azar exatamente, o deputado Oswaldo Mutran, do Pará.

**O LIBERAL - Por que o Mutran foi cassado? Qual a acusação?**

JARBAS - Vou chegar lá. As outras constam das atas do Conselho de Segurança Nacional. Devem estar lá gravadas, a participação minha e de todo o mundo. Agora, li coisas, por exemplo, do Carlos Chagas, que era assessor de imprensa do presidente Costa e Silva, ele não tinha acesso ao Conselho então o testemunho do Carlos era por ouvir dizer. Quando ele dizia para mim que o Pte. e o vice-Pte. extremavam-se na defesa de todo mundo etc., não era bem assim. É o que insisto: muito liberal mais que o próprio Pedro Aleixo, era o Costa e Silva. Mas o governo Médici, ou por que o presidente fez isso sistematicamente, ou por outra razão, o fato é que ele não reunia o Conselho de Segurança porque ele só aplicou o AI 5 contra a corrupção. Só. E eu não sei a origem do processo do Mutran com certeza, de Belém. Deve ter sido da área de Segurança. De lá veio o dossier contra o Mutran. Um dia, estou no meu gabinete de Ministro da Educação, acabando uma audiência, o secretário, coronel Rebordão é testemunha deste fato, me avisa que esta na ante-sala o cel. Camarinha, da Aeronautica, que pretendia ao Conselho de Segurança Nacional e que trazia um documento urgente para mim. Eu acabei a audiência e fiz o coronel Camarinha entrar.

Camarinha comandou depois a Base Área em Belém. Então, o Camarinha entrou com uma pasta e disse: "ministro, eu trouxe isto para a sua assinatura, se o senhor concordar." Leio o preâmbulo. Com a mesma honestidade com que estou dando as informações também. Leio o preâmbulo e com imensa surpresa, porque ninguém me avisou - o Portela já não tinha informações também. Leio o preâmbulo e com imensa surpresa, porque ninguém me avisou - o Portela já não tinha informações nesse caso - e vejo que o preâmbulo era sobre cassação por corrupção do ex-prefeito, de São João do Araguaia, o deputado estadual Osvaldo Mutran. Olho e já estava a assinatura praticamente de todo Ministério. Eu me voltei para o Camarinha e disse: "aqui eu não tenho nem chance de discutir o problema, já está o fato consumado, e estas informações eu, em consciência, não poderia dizer se são ou não verdadeiras, porque, honestamente, eu não conhecia as acusações sobre corrup-

ção do Mutran - eu conhecia sobre violência. E com ele eu falei (inclusive ouvi um caso de um camarada que era o co-piloto do Macedo, que veio a morrer posteriormente em Lima. Esse caso me foi contado pelo Macedo; eles pegaram o co-piloto, bateram no sujeito e depois jogaram-no dentro do avião: co-piloto do Macedo, e este ficou quieto senão apanhava também. Essa história de violência sim, eu conhecia porque recebi os três irmãos e disse a eles. Não conheci problemas de corrupção, só outros problemas, que não convém revelar aqui, são muito de foro íntimo. Foi o único caso de cassação.

Agora, dou a garantia - e isto pode ser obtido com as informações que estou referindo, tenho o testemunho do coronel Rebordão, que era meu Secretário particular e do coronel Camarinha, que fui totalmente tomado de surpresa com a cassação do Mutran. E foi a única cassação que o Pte. Médici fez.

De maneira que, como foi única, e foi no Pará, uma boa margem dos que vivem sempre pretendendo modificar a história verdadeira do Pará, atribuem a mim: então, como foi no Pará, fui eu que cassei o Mutran.

Agora, pergunto: vamos para o problemas dos romances policiais: a quem interessa o crime? Ao criminoso. Qual era a vantagem que eu teria, vamos dizer, na cassação de Camilo, na de Gilberto, que eram meus amigos, o Gilberto especialmente, o Camilo também, comigo viveu muito bem, frequentava meu gabinete com muita constância não havia a menor vantagem para mim cassá-los. Se se tratasse de pessoas política apostas a mim, ainda eu podia, cedendo à vingança, como seria o caso, por exemplo, do sr. Arnaldo Moraes, sendo pela mesma razão do Barbalho teria eu, e eu não fiz a menor carga contra eles. Então, o Mutran, por que? O Mutran, como deputado estadual, tinha me visitado. Veio um dia aqui, ele com o Sabá e outros, me oferecer a sua lealdade política. Foi leal politicamente a mim, porque sendo leal ao Alacid estava sendo leal politicamente a mim. Não se ligou ao grupo de oposição; ele tinha uma briga com o capitão Emanuel aquele caso típico - o capitão foi prefeito de Marabá depois - e daí é que eu supunho que surgiu o problema: foi a denúncia apresentada nessa ocasião. Tenho a impressão de que fiz assim um giro retrospectivo, porque não me parece que haja outro cassado esquecido.

**O LIBERAL - Aproveitando a oportunidade, Senador, para um caso que, no Pará, se discute muito, talvez V. Exa. conheça: no princípio do Governo Médici, V. Exa. indicara a constituição da diretoria do Banco da Amazônia. No próprio Governo Médici, toda essa diretoria foi distituida, e se diz que V. Exa. preferiu ficar no Ministério a defender seus amigos aliados da diretoria do Banco.**

JARBAS - Há uma porção de equívocos nisso aí: 1) eu não indiquei toda a diretoria do Banco; eu indiquei o presidente do Banco, o dr. Francisco Lamartine Nogueira. E ocorreu o seguinte foi até um fato muito interessante (exatamente o oposto): depois que eu o indiquei o governo Costa e Silva foi que o general Afonso Albuquerque Lima aceitou o nome do dr. Lamartine. Alguém deve ter feito uma carga muito violenta, e o general Afonso pediu ao Pte. Costa e Silva que retirasse a menção que já havia ido para o Senado. Toca o jornal num ponto muito interessante para mim e também histórico.

Recuando um pouco: eu tinha pleiteado que fos-

## JARBAS PASSARINHO "...e junto ao Presidente (C. e Silva) eu disse: "... e agora (1969), subitamente a gente verifica que ele se reúne aos homens que ele nos fez até odiar, os homens que ele pintou como corruptos, incapazes, como as pessoas mais nocivas ao Brasil, pois foi esses que ele procurou para justamente derrubar a Revolução. Então, acho que está certo; ele não deve ser intocável. E o Carlos Lacerda foi cassado".

## JARBAS PASSARINHO "...li coisas, por exemplo, do Carlos Chagas, que era assessor de imprensa do Presidente Costa e Silva, mas ele não tinha acesso ao Conselho (de Segurança); então o testemunho do Carlos (Chagas) era por ouvir dizer".

se superintendente da SUDAM - na ocasião, já era SUDAM - o dr. Fernando Guilhon, mas o general Afonso tinha um candidato pessoal, amigo dele, com um filho, o cel. João Walter, que viria a ser depois governador do Amazonas; o que, aliás, magoou muito o João Walter (era muito meu amigo e ficou magoado porque achou que eu fui contra ele). Não, eu como homem do Pará, pleiteei a superintendência da SUDAM para o Guilhon porque achava que era uma função compatível, típica do Guilhon, com a fama de ser do Guilhon, o planejador, um homem de gabinete. Em compensação, num momento, lá, o Petrônio e até o Andrezza me aconselhavam, porque o Costa e Silva pediu: "Andrezza, auxilia o Passarinho para ver se convence o Afonso", ainda antes da posse.

No fim, o Afonso voltou-se para mim e diz: porque não indicas o Guilhon para o Banco Amazônia? Eu o nomeio para lá. Isto dois dias antes de se iniciar o governo de Costa e Silva. O Ministério, se reuniu logo depois. Eu me voltei para o general Afonso e disse: "eu não indico o Guilhon para o Banco porque ele de Banco não entende nada. O Pte. Costa e Silva, o Presidente Castelo Branco me convidaram para ser Pte. do Banco da Amazônia quando deixei o Governo. Eu lhes disse que de Banco só entendia do cheque

que recebia fim do mês. Então, não tinha sentido. E insisti com Guilhon. Vencido o Guilhon, indiquei o Lamartine para o Banco da Amazônia. Era um velho funcionário do Banco e foi a primeira vez, se não estou equivocado, que um funcionário do Banco chegou à Presidência. Em seguida, houve qualquer coisa, não sei o que aconteceu. Alguém deve ter pressionado tanto o Afonso que sem ele falar comigo convervou com Costa e Silva e Costa e Silva chegou a pedir a retirada da mensagem. O senador Daniel Krieger está vivo e pode continuar isso. Vai ao meu gabinete, e diz: "olha, Passarinho, eu vou te avisar de uma coisa, porque acho que isto é grave: está chegando agora ao Senado uma mensagem pedindo a retirada do nome do teu candidato para o BASA. Tinha apenas dias no Ministério do Trabalho, devia estar encantado de ser ministro - e o que fiz? Pedi uma audiência imediata ao Presidente Costa e Silva e joguei o Ministério na mesa: Presidente se o sr. pede a retirada do nome do dr. Lamartine, eu vou me considerar inteiramente atingido e desmoralizado e não tenho condições de ser seu ministro". E o Presidente Costa e Silva retirou o pedido de retirada da mensagem. E o Lamartine saiu presidente do BASA.

Aí as coisas se complicaram: o Sarney, tinha indicado o João Castelo, houve uma indicação do

Amazonas, que era a do saudoso Wanderley Normando, enfrentou uma oposição, parece que chefiada pelo hoje senador José Esteves. Creio eu. O fato é que, tive também de opinar sobre o Wanderley, achando que era muito bom nome. E também a do Osvaldo Trindade, que era o diretor da área de borracha. Então fiquei como sendo padrinho de toda a diretoria. E comecei, exatamente, indicando apenas um presidente. A partir daí, seja porque Afonso não confiava no Lamartine, seja porque ficou seque-la deste episódio, pois se, de fato, um ministro da área pede ao Pte. a retirada da mensagem e o Pte. acaba não atendendo, ou atende e depois desatende, o Lamartine nunca foi persona grata do Afonso. E, em consequência, o Banco da Amazonas deixou de receber FIDAM, e passou a ser um Banco autofágico. Ora, o Lamartine só podia emprestar para empreendimentos aquilo que correspondia aos depósitos feitos no próprio Banco; ou, então, aqueles que parece que a lei previa, naquela ocasião, um ano - a pessoa depositava por um ano, antes, para poder escolher o seu projeto. Então, baseado no giro desse dinheiro é que o Banco vivia. Com extrema dificuldade, eu recebi muitas queixas, o Lamartine escrevia, eu falava com Afonso, não houve solução. Já no Governo Médici - este assumiu e o Lamartine continuou - porque era mandato de 4 anos. Então, não houve destituição. É o outro equivoco. 1) Não fui o autor da indicação de todos; 2) não houve destituição; houve 4 anos normais do mandato. O presidente do Banco podia ser nomeado e demitido a qualquer momento. E os diretores tinham mandato. Na área do ministro Delfim Neto, começou a crescer a onda da necessidade de anular a diretoria do BASA - e não sei até que ponto Costa Cavalcanti poderia explicar melhor do que eu, porque ele foi para o Ministério do Interior justamente substituindo o Afonso - e o Lamartine continuou. Na área do Delfim, surgia uma idéia que crescia cada vez mais de que o Banco da Amazônia não estava com diretoria eficiente. A Diretoria não seria eficiente. Note-se: não surgiu nenhuma acusação de desonestidade, nenhuma. E, aliás, o Lamartine é um homem que divide muito, tem seus amigos e seus inimigos que também são furibundos, mas ninguém falou quanto à honorabilidade do Lamartine.

Então, passado algum tempo, o Presidente Médici, num despacho comigo, disse "Passarinho, nós vamos substituir a diretoria do BASA, aproveitando

o fim de mandato, e a informação - disse a mim claramente - que existe é de que esse pessoal não é melhor diretoria sob o ponto de vista da eficiência." Eu disse: "presidente, há dias, tive um encontro no Banco do Brasil, com o dr. Nestor Jost, com uma parte do pessoal das indústrias do Pará, e eu ainda disse ao Nestor Jost - ele pode não ter gostado: "Nestor, me dê 5 melhores homens do Banco do Brasil, ponha esses 5 homens no Banco da Amazônia e, no fim de 2 anos, eles estão desmoralizados. Porque não se dando a eles meios para operar, eles vão se desmoralizar como qualquer um." Então, chegou ao fim. Comuniquei ao Lamartine que a Presidência dele se encerraria com o mandato dos 4 ou 5 outros diretores. E aí já por inspiração do Delfim e do Costa Cavalcante, eles fizeram a total renovação. O Costa Cavalcante tinha colocado um diretor ainda ao tempo de Lamartine, creio que com a eleição do João Castelo, João Castelo foi eleito para deputado federal e ele colocou o Edson, que veio do Banco do Nordeste, o qual foi, no meu entender, a cabeça de ponte para o segundo lance. E o segundo lance foi dado, portanto em condições perfeitamente normais.

O LIBERAL: Com a nova diretoria eleita, com o presidente nomeado não representou um recuo do ministro Passarinho, que era o chefe político da área, admitir, inclusive a ida a Belém de dois ministros (Delfim e Costa Cavalcante) para afastar a diretoria de Lamartine, isto - tudo não responsabilizará o senador como patrocinador, pela omissão, do aproveitamento de elementos de fora na Diretoria do Banco, como de resto em outros setores federais?

JARBAS - Então, era preciso que eu fosse dono de cadeira cativa. Vão dois ministros lá, não para afastar a Diretoria; foram para a reunião da assembleia geral. Sou acusado de defender amigos que não merecem. Muitos dizem que eu me mato por defender amigos que não merecem ser defendidos. Agora, vou perguntar diante desse tipo de informação, o que me resta dizer ao Pte. precisamente foi isso. Eu comentei "Nestor Jost exatamente esse problema quando à eficiência. Agora, passado o período normal de mandato, seria um novo mandato de 4 anos. Fazer ou não fazer, aí, para mim, já seria diferente discutir o caso de destituição, como teria sido o primeiro que eu recebi. Mandam o nome do homem e retiram o nome do homem. Aí, me atinge frontalmente. Agora, um presidente sair no fim de 4

anos, com a sua equipe, para vir outra equipe, embora pertencendo ao novo governo, não significa para mim que eu fosse atingindo pessoalmente; não significa que meus amigos o fossem. Posteriormente, sim, tentaram atingir, enodoar a diretoria. E aí, ao contrário do que se diz, me bato frontalmente contra esse novo tipo de coisas. Infelizmente as acusações - houve até uma espécie de histeria nacional - todo mundo escrevia contra todo mundo; então inventaram para o Banco que hoje se orgulha de ter aquele edifício, teria sido uma negociata. Isso tudo teve de ser explicado pela diretoria, pelo Lamartine Nogueira. Posteriormente. E eu fui ao Delfim. Agora, atingir a honorabilidade do diretor é diferente.

Enquanto eu tive força realmente, na área do Pte. Costa e Silva, indiscutivelmente, tive a maior força das indicações federais, que foi, ao que sei, um dos motivos de atrito com o Alacid, lá em Portugal, ele se queixou e é um testemunho disso, que julguei de maneira amarga, e no meu entender, muito injusta, porque eu não interfeiri no Governo estadual dele. Então, uma indicação do Governo federal eu poderia fazer. E ele se achava diminuído com as indicações que eu fazia e que eram um acerto para o Pte., uma vez das indicações dele. O Pte. Costa e Silva, realmente, me deu mão forte nas indicações. Andrezza,

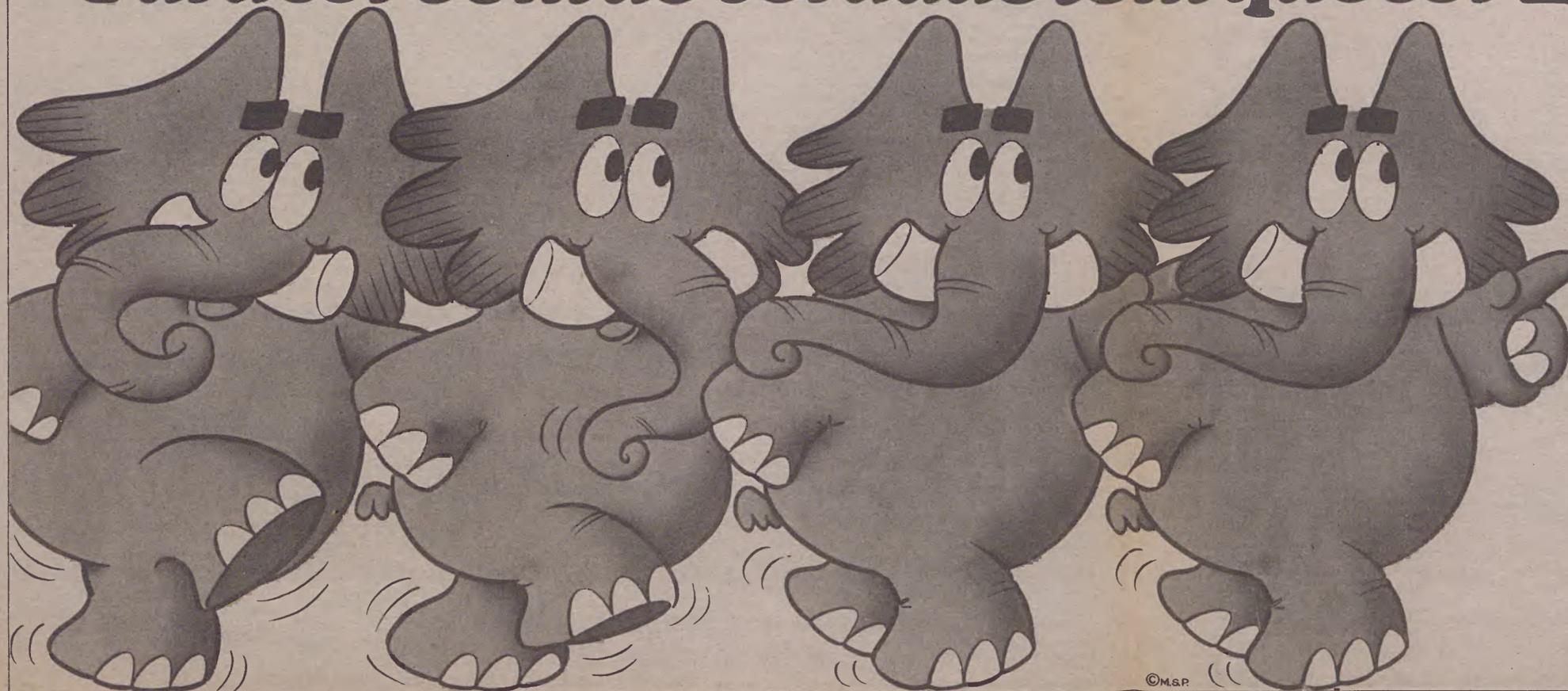
por exemplo, nomeou todas as pessoas que eu indiquei, inclusive Guilhon. Posteriormente, ainda o Andrezza mudou a diretoria da ENASA, e me pediu: "Passarinho, você me libera porque eu acho que preciso de gente mais atuante."

Ora, é justo que um ministro, agora, declare: "não, você não pode tirar o homem de lá porque foi indicado por mim, e se você retirar de lá eu também deixo de ser ministro, vou para a rua, ser oposição ao governo". Não era minha área. Eu estava sendo objeto de uma cortesia especial, sem dúvida. E um fato igual: retirou-se o Freire, e que no meu entender era o melhor representante dos armadores na ENASA um dos mais capacitados e que foi uma indicação do Guilhon para mim. O Freire foi também retirado da ENASA e foi para lá um comandante da Marinha. E em ambos os casos, o Andrezza veio a mim: "Passarinho, sei todas as suas indicações, mas agora quero dar mais força à ENASA e preciso de um homem muito mais operacional lá.

O LIBERAL - Qual foi? Jarbas - Nem sei o nome. Sei que foi um homem da Marinha; se houvesse destituição, quer dizer, com ofensas, atingindo a dignidade deles, evidentemente isso me atingiria. Mas não, houve o término da atividade.

## JARBAS PASSARINHO "Vou dizer com honestidade, depois, as únicas vezes em que falei a favor de uma cassação: uma, no Pará e outra no Brasil, em geral" (a 1a., do prefeito de Santarém; a 2a., de Carlos Lacerda).

# Para ser bom de verdade tem que ser Elefante da Cica.



## CICA

Faz a boa alimentação.



©M.S.P.

# A RÁDIO MULHER VAI MUDAR. QUEM FOR MULHER QUE NOS SIGA.

A Rádio Mulher está de mudança marcada para o próximo dia 3 de outubro.

Dos 730 ela vai para os 1.260 KHZ, lá do outro lado do mostrador.

Com isso ela fica mais forte, com som mais puro e atinge o país inteiro.

A nova Rádio Mulher vai ter mais atrações ainda para conquistar todas as brasileiras.

E pra fazer você participar dessa mudança, a Rádio Mulher oferece muitos presentes.

Basta preencher o slogan da Vasp e o novo slogan da Rádio Mulher.

Se a sua resposta for selecionada você poderá ganhar uma passagem Vasp para o Brasil ou outro presente.

Envie logo o seu cupom. E ouça a nova Rádio Mulher: a partir de 3 de outubro, ela vai dizer quem ganhou.

*Rádio Mulher*  
**VASP**

SELL

Vasp. Onde você voa \_\_\_\_\_

Rádio Mulher. Uma voz que vai longe. \_\_\_\_\_

Quem for mulher \_\_\_\_\_

(Coloque num envelope e envie para a Rua Granja Julieta, 207, CEP 04721, São Paulo)

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

# PIOLHO



## Reportagem de capa

“Mamãe. Boa tarde! Concordo com a senhora quanto à epidemia de piolhos. Estamos em rigorosa vigilância para que não passe de criança para criança e mesmo para as professoras. Gostaria que a senhora continuasse com o tratamento. Use vinagre em toda a cabeça, amarre bem e espere por um longo tempo antes de lavar. Não mande as crianças para a escola antes que saírem por completo. Muito obrigada. 13.9.76”. (Bilhete enviado pela professora à mãe de duas crianças que estudam no Colégio Objetivo da Rua Teodoro Sampaio, Pinheiros).

O piolho chegou à classe A. Num simples giro pelos principais colégios do centro da cidade, esta última segunda-feira, iríamos colher mais indícios, como estes:

— “Nossas várias enfermeiras, diplomadas, periodicamente, de mês em mês, passam em revista as cabeças das crianças”. (Professora Alice Trindade Alvim da Silva, chefe do Departamento Social do Mackenzie).

— “Todos sabem que epidemia de piolhos é um fato periódico na capital. Há muito tempo que eles não aparecem por aqui, e os poucos que apareceram, sem dúvida, foi por causa das empregadas domésticas”. (Professor Enéas Martins Dias, diretor do Primeiro Grau no Colégio Dante Alighieri).

No Colégio Equipe, um estudante de 16 anos diz que em sua escola “está tudo bem”, mas no colégio de sua irmã, no Alto do Morumbi, “foi um horror: tiveram que dedetizar o prédio todo...”

Consultamos os amigos jornalistas, vários. Não houve um que não lembrasse um caso,

entre os filhos dos próprios colegas de redação. Outro frisou que soube de piolho até num dos colégios mais caros de São Paulo, o Vera Cruz, na Vila Beatriz.

— “Ah, sim, de uns vinte dias para cá tem aparecido muita mãe aqui, umas chegam meio envergonhadas, eu até digo: que é isso, minha senhora? meus dois sobrinhos também estão com piolho...” — era o farmacêutico japonês, entrevistado em seu estabelecimento da rua Morato Coelho, em Pinheiros.

E quando o próprio Editor-Geral de AQUI-São Paulo e o Editor-Adjunto foram obrigados a entrar no Neocid — o tratamento mais comum indicado no caso —, então era demais. O piolho tinha chegado também à nossa redação.

— “É um problema basicamente de higiene”, diz o professor José Maria Soares Barata, da Faculdade de Higiene da USP, diagnóstico confirmado por cabeleireiros e barbeiros (são eles os primeiros a notar quando a incidência de piolhos aumenta).

Ouvida também a palavra da Secretaria da Educação, constata-se ao final que não chega a ser uma epidemia; que — ridículo ou tragicômico — a chegada do piolho à classe A espelha a situação em que se encontra a mais desenvolvida cidade do País, em termos de higiene; e que, infelizmente, o *Pediculus Humanus* que nos infesta ainda não é o pior inimigo da saúde pública, em São Paulo.

## Barata: “Temos que começar imediatamente uma campanha de esclarecimento”

Só faltava mais esta: piolho!

— “O amigo poderia me indicar alguém aqui na Faculdade que seja autoridade em piolho?”

O rapaz, funcionário do setor de Dermatologia na Faculdade de Higiene, não se espanta. Pensa um nome, mas logo desiste pois “este professor está viajando”. Depois se lembra:

— “Ah, tem um professor no segundo andar, na Epidemiologia. Ele é entomologista...”

— “Insetos”.

— “É. Ele só mexe com isso, inseto...”

— “Como é o nome dele?”

— “Barata...”

Subi as escadas rindo. Tinha começado a rir na véspera. Uma reportagem sobre piolho em São Paulo? Como é que eu iria encarar, digamos, um Secretário da Educação?

— “Senhor Secretário, como é que está a situação dos piolhos nas escolas?”

O professor José Maria Soares Barata, muito moço, tipo retaco de brasileiro do norte, entra na sala de espera. Eu esperava algum senhor cinquentão, circunspecto, que me explicasse dúvidas como: o piolho não é coisa da roça? piolho faz mal? vem da galinha? piolho mata? ou quem sabe, não será um parasita benigno que, se desaparecer, da face da terra, provocará um desequilíbrio ecológico de consequências funestas para os humanos? O professor Barata, óculos de aro escuro, aliança na mão esquerda, avental branco, é afável:

— “Pois não.”

Sem coragem de encará-lo assim de saída, desembuchei:

— “Professor, eu sou jornalista e gostaria de ouvir algumas explicações sobre piolho.”

Agora é a vez dele rir. Vai rindo até a sua sala, reclamando no caminho — com ironia — que alguém deve ter-me “empurrado” pra ele. Sua mesa está atulhada de livros e papéis. Sob o tampo de vidro, alguns desenhos infantis, coloridos: do filho de 5 anos. Que aliás, dois anos atrás, teve piolho. E ele morava em pleno bairro de Pinheiros, perto dos Jardins classe A.

— “Você veja — ele começa — sobre esse problema do aumento de incidência de pediculose entre nós, nos últimos anos, quem vocês deveriam ouvir era a Saúde... ou a Secretaria de Educação, não é?”

Mas vamos apenas falar do bichinho preferido de mendigos e “pessoas de baixo nível sócio-econômico”, que agora deu de empestar até as cabeças lavadas a xampu da garotada dos nossos mais finíssimos colégios.

Nada que ver com galinha, nem boi ou qualquer outro animal. O piolho do homem é nosso exclusivo companheiro há milhares de anos, desde os tempos das cavernas um parasita que se adaptou a morar em nosso corpo. A chamada família pedicular que nos assola é bem específica e divide-se em duas espécies.

— “Há o *Pediculus Humanus humanus*, que vive na cabeça. E há o *Pediculus Humanus corporis*, que prolifera na roupa.”

O professor fala rápido, leve sotaque paraense — ele é de Belém, onde se formou farmacêutico bioquímico e de onde chegou lá seis anos. O piolho mais frequente entre nós é o que se instala na cabeça. Pode ter no máximo 6 milímetros de comprimento, é achatado, sem asas, hematófago — ou seja, chupa o nosso sangue. Vive cerca de 30 dias e em geral é inseto muito ativo, tanto o macho quanto a fêmea — atividade que diminui se a temperatura cai.

— “Então, professor, se chegar o verão e não tomarmos logo providências, pode virar mesmo uma epidemia?”

Sem dúvida. Mas seria um deus-nos-acuda para a saúde pública? Alguma doença grave, além do incômodo da coceira que os técnicos chamam de prurido?

— “Como agente, ele sozinho pode provocar a doença chamada pediculose, que ataca a pele, com pruridos intensos — coceira, não é? A coloração da pele se modifica. A pele fica meio acinzentada. Como transmissor, ou vetor, o piolho pode transmitir algumas doenças, a mais grave das quais é o tifo exantemático — dor de cabeça, prostração, febre, erupção de manchas, dores generalizadas...”

Ele pára de falar. Alerta para o fato de que não há razões para ficarmos alarmados, que a possibilidade das doenças transmitidas é remota, e que o leitor não deve ficar “induzido” e achar que qualquer febrezinha já significa a doença do piolho. Em todo caso, em sua opinião, teríamos que começar imediatamente uma campanha mais aberta de esclarecimento, de “educação sanitária”, para “induzir nas pessoas hábitos de higiene”.

— “Porque este é o problema básico: higiene.”

O professor José Maria Barata relaciona então três fatores principais para o aumento da incidência de piolho entre nós:

1 — as pessoas, atualmente, têm-se descuidado dos hábitos de higiene em geral (ele faz um paralelo com outro descuido, para exemplificar melhor: nos próprios países desenvolvidos, as pessoas perderam também o medo de doenças infecciosas, diante dos progressos da “era dos antibióticos”, e passaram a descuidar-se da prevenção de contágios; resultado: conforme um gráfico que ele me mostra, o altíssimo índice de incidência de gonorréia nos Estados Unidos em 1940 baixou a níveis mínimos ao longo de 20 anos, e depois, recomeçou a crescer, até atingir — no início desta década — praticamente o nível de 1940!).

2 — há muitos cabeludos e barbudos na praça.

3 — a urbanização desenfreada facilita o contato próximo entre as pessoas, no ônibus, no teatro, no cinema, no futebol etc.

Não tem muito mistério, portanto. Vamos tomar mais banho: água e sabão simplesmente. E cabelo mais curto.

— “E se mesmo assim a gente pegar o bichinho?”

O motorista do taxi que me havia levado até a Faculdade de Higiene, sujeito de quase 40 anos, de bigodes loiros, pilotando um volks chapa HC-9361, havia dito que a filha mais velha estudava num colégio "bom", e nas Perdizes, quando pegou piolho, no ano passado. "sarou com flit", disse ele. Sabia, porém, de outra criança que havia sarado com álcool.

— "Álcool eu não aconselharia", diz o professor, citando o perigo do inflamável, ainda mais tratando-se de crianças.

Sua receita é o tradicional inseticida à base de DDT. Aplicar na cabeça, deixar cerca de meia hora, depois água e sabão. Repetir até o Pediculus Humanus desaparecer.

— "Mas escuta, professor, seria estratosférico demais pensar em termos de equilíbrio ecológico? digo, se a gente eliminasse o piolho da face da terra, o que aconteceria?"

Lembro a ele, também, uma velha leitura, o Dicionário de Folclore de Câmara Cascudo, o folclorista rio-grandense do norte. O item piolho é intimamente associado ao cafuné, hábito indígena que o brasileiro do Norte e Nordeste adotou. O piolho era capturado à mão, e as lêndeas — os ovos botados pelas fêmeas e que podem conter até 300 novos piolhinhos, ou ninfas — eram esmagadas entre as unhas dos polegares, plec! Esse procedimento — que o professor inclusive aconselha adotar no caso de crianças pequenas para poupá-las do DDT — provoca uma gostosa sonolência no piolhento, é claro. O cafuné consiste nada mais nada menos do que numa falsa catação de piolho: os dedos acariciam a cabeça da gente, fingindo procurar, depois as unhas dos polegares se introduzem e, após uma rápida pressão, soltam-se para imitar o estalido: plec!, até a felizarda vítima do cafuné adormecer.

— "E então, professor, você acha que podemos eliminar o piolho?"

Ele diz que preferia não entrar nesse assunto, mas aceita conjecturar que o "nicho ecológico" onde se aninha o piolho — a nossa cabeça — poderia vir a ser ocupado por outro Pediculus, o Pediculus Bovis, por exemplo, ou qualquer outro bichinho... conjecturas.

De repente volta a sensação do ridículo. Estamos aqui há alguns bons minutos preocupados com piolho! Ele estava contando:

— "... na Idade Média era tão comum o relacionamento do homem com o piolho, que se sabe de reis — Luís XV, se não me engano, tinha até uma bengaliinha com garras na ponta, para meter na peruca e se coçar — e era um hábito social normal..."

Atalhei:

— "Na sua área, professor, que lida com insetos, higiene, o piolho não é problema prioritário, certo?"

Prioritário mesmo, e isto em nosso Estado, é atacar outros insetos: o barbeiro, que produz 7 milhões de latino-americanos atacados pela doença de Chagas; ou o mosquito que causa a encefalite, aqui mesmo em nosso litoral. De uns anos para cá, comentamos, mudou-se o enfoque do problema rural-urbano: as doenças que julgamos coisa de zonas rurais estão aí, na maior cidade do país. A periferia de São Paulo, iria constatar também, logo depois, um alto funcionário da Secretaria da Educação, ainda se encontra em condições lastimáveis. Ali há lepra, tuberculose, febre tifóide. E é de lá que vem o piolho.

O assessor de Imprensa do Secretário da Educação, Geraldo Pinto Rodrigues, advogado e colaborador eventual do Jornal da Tarde, poeta bissexto, me reconhece: trabalhamos juntos 15 anos atrás, na Foia de S. Paulo, quando eu não passava de um principiante.

— "Que assunto você quer tratar com o Secretário? Ele sempre gosta de saber, antes de receber as pessoas..."

Respondi que o assunto a tratar com o dr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, nosso Secretário da Educação, era "prosaico" mas tinha se transformado num problema importante:

— "Porque você imagine, Geraldo, que atingiu até o editor do nosso jornal: é piolho."

Ele cortou em cima. Realmente era um assunto muito prosaico, pequeno demais para o Secretário pronunciar-se.

— "Assim que o Secretário tomou conhecimento de que havia o problema, essa fase aguda, digamos assim, deu ordens imediatas para que o setor competente tomasse energéticas providências..."

Ele me apresenta então, por telefone, ao professor Gerson Munhoz dos Santos, diretor do Departamento de Assistência ao Escolar da Secretaria da Educação, que engloba serviços de saúde. O professor Gerson interrompe uma reunião em outro andar do grande edifício da Secretaria no largo do Arouche e me recebe sem mistérios, indo sem rodeios direto ao assunto que deixa a maioria das pessoas com a pulga atrás da orelha:

— "Olhe, esse problema de piolho, nós temos tomado duas providências. Nós temos folhetos que envia-

mos à todas as escolas, ensinando como tratar. E há o treinamento de professores para dar orientação às famílias de como combater a pediculose. Você sabe, o piolho se desenvolve com muita facilidade, a criança em poucos dias passa para muitas outras crianças. Então o nosso trabalho é de educação sanitária, um trabalho educativo da família e da comunidade. Você sabe, isso é um problema de higiene, e o nosso trabalho é longo. Esbarramos em outros problemas, não há pessoal suficiente. Se tivéssemos um médico em cada escola..."

O professor Gerson me dá alguns números de cabeça. Ele não fala em tom de quem lamenta. É moço e demonstra ter energia, disposição, apesar da situação que enfrentamos todos nesta cidade em termos de saúde pública — uma situação que, nas rápidas pinceladas do professor Gerson, responsável pela "assistência" ao escolar, vou confirmando: situação triste. Bem, temos 30 e poucas educadoras sanitárias em São Paulo, e evidentemente algumas têm "sobrecarga" de trabalho.

— "Na grande São Paulo, temos 11 dispensários, com médicos, enfermeiros e educadoras sanitárias. As professoras mandam as crianças aos dispensários quando há qualquer doença. No caso do piolho, as educadoras quase sempre orientam as professoras na própria classe. Várias campanhas, em casos de importância, como a meningite, são feitas conjuntamente com a Secretaria da Saúde. Como o piolho não é uma ameaça tão grande, não chega a ser epidemia, a campanha está a cargo apenas da Secretaria da Educação..."

Não foi necessário perguntar o que era mais importante que o piolho, pois o professor parou apenas um segundo e continuou:

— "É desagradável, mas nós temos pernilongo, moscas. Nós temos a verminose e a desnutrição. E tuberculose. É duro você verificar que ainda temos tuberculose aí. Aqui no centro você não vê tanto, mas na periferia a situação é..."

— "Dantesca..."

Econômico no uso de adjetivos, o professor apenas concordou: "dantesca".

Mylton Severiano da Silva

## Barbeiro: "Cabelo é igual horta: se não cuidar, cria capim, rato, formiga..."

— É o que eu digo: o primeiro sinal da decadência da civilização ocidental, que costuma se manifestar através dessas aberrações...

— Mas, sr. Waldemar, um simples piolho...

— Simples? Tão somente um agente. E pode, sim senhor, provocar tudo isso... ou melhor, espelhar... Espelhar a decadência de costumes, essa transição social por que vem passando o Ocidente, tal qual já aconteceu no Século 18, na França. Ou você nunca estudou História? Nunca ouviu falar, por acaso, nos tempos do rei Luís XVI, quando ninguém mais cuidava de sua higiene e se usavam perucas para disfarçar a sujeira, os piolhos que infestavam as cabeças dos nobres? Até que chegou Napoleão Bonaparte e colocou as coisas em seus devidos lugares...

Confesso: estava simplesmente impressionado. Saíra para fazer uma simples materinha, uma enquetezinha entre cabeleireiros e barbeiros sobre a atual reincidência de piolhos em São Paulo e, nunca, jamais, nem de longe poderia imaginar a subversiva atuação daquele que, segundo mestre Aurélio, é a designação comum aos insetos malófagos mastigadores e anopluros sugadores, ectoparasitos de vertebrados, desprovidos de asas.

A minha frente, andando prá lá e prá cá, nervoso, irritado, encobrinde e descobrinde coloridos desenhos nas paredes da Branca de Neve e os 7 Anões, do Mickey, Pato Donald e Pateta, o sr. Waldemar Ferreira Neves, há 25 anos proprietário e único oficial-barbeiro do Salão "Cabeleireiro Infantil" (sua especialidade), na rua dos Bombeiros, 53, Cerqueira



## PIOLHO

### REPORTAGEM DE CAPA

César. Cavaleiro solitário a reconhecer quase como causa perdida a sua cruzada contra lêndeas e piolhos, guerrilheiros subvencionados e acobertados por um modismo.

— Parece até moda... e as maiores culpadas são as próprias mães. Essas mães que preferem ver os filhos cabeludos, sujos, mas "bonitos". Você mesmo pode ver... na hora em que entrou aqui eu estava cortando os cabelos daquele garotinho... veja, veja (apontando para o chão ladrilhado, praticamente limpo): Por acaso, tem cabelo cortado aí? Tem? Mas, e a mãe? "Só uma aparadinha, "seu" Waldemar..." Ah, no seu tempo...

— No meu tempo, os rapazes cortavam o cabelo, americano... e as moças punham um vestinho branco, simpleszinho, tinham mais higiene. E a moda hoje, o que é? "Moda de mendigo"... uma calça rancheira desbotada, remendada no joelho ("se não tiver, se faz"), boca-larga se arrastando no chão, suja de barro e poeira, chinelos e cabelos imundos e piolhentos. E as moças também, ora se...

Em sua ojeriza contra modos e costumes atuais — agravada ainda, ao que parece, pela total falta de perspectiva, sequer remota, do surgimento de um novo Napoleão — o sr. Waldemar alimenta sonhos e ilusões, enquanto recalca ódios reprimidos.

— Quando 60, 70 por cento de cãlegas se viram obrigados a fechar seus salões por absoluta falta de fregueses, eu fui até o Sindicato e pedi o meu desligamento. Por que? perguntaram... ora, porque, respondi... E falei: em vez de vocês fazerem essas eleições sem sentido, por que não providenciamos uma cultu-

ra de lêndeas e piolhos e soltamos nos cinemas, teatros, ônibus? Assim, os "cabeludos" voltarão a frequentar os nossos salões... Eles riram.

— O sr. também falou em sonhos...

— Apenas isso: sonhos. Mas, não seria uma solução? Três partidos, nada de MDB, Arena, mas o Partido do Lavrador, por exemplo, o Partido do Operário e o Partido do Intelectual, que agruparia médicos, engenheiros, advogados e vocês, jornalistas... E quando de uma outra crise, quando um colega se visse em dificuldades financeiras, procuraria o seu representante no Congresso e ele, deputado ou senador, trataria de baixar um decreto, uma lei que obrigasse a todos a frequentar os salões uma vez por mês, duas, quem sabe? O que é que você acha?

— Bem, sr. Waldemar, pensando bem... aliás... hum, hum... como chove, heim... pois é... que coisa... mas, e os piolhos?

— Chego a afirmar: a maioria das crianças de São Paulo está com piolhos. Culpa desses grupos escolares sujos, sem higiene, da promiscuidade em que são mantidos e... das mães, principalmente das mães, que não se importam mais com a higiene de seus filhos... Preferem te-los piolhentos, mas cabeludinhos, bonitinhos...

Para Raul Lopes de Oliveira, barbeiro desde 1939 e há 21 anos no Salão Lord da av. Brigadeiro Luís Antonio, 3.200, a falta de higiene é também a responsável pelo atual surto de piolhos que se observa em milhares e milhares de cabecinhas paulistas, ele mesmo, a semana passada, tendo raspado quatro delas, de uma mesma família.

— Cabelo é igual horta: se se abandonar, se não cuidar, carpir de vez em quando, cria capim, rato, formiga... e caspa, lêndeas, piolho...

Nesse caso, para o goiano Raul, a única solução é se raspar totalmente a cabeça do indigitado, como vem fazendo ultimamente com grande frequência. Ao lado de seu salão, uma obra da Gomes de Almeida Fernandes, operários de cabelos até os ombros, cabelos que seriam pretos mas que estão pardos de pó de cimento, areia, lascas de madeira e tijolos.

— E esse pessoal de obra, deve ser um foco de piolho, não?

— Muito ao contrário. A maioria toma banho todo o dia, quando não deixa a água cair em cima do cabelo e... repare: devem ser os únicos e os últimos a usarem ainda pentes nos bolsinhos da camisa, que

ficam passando a toda hora na cabeça... conversam e ficam penteando o cabelo, penteando, penteando... a "gente fina", hoje, usa escova... que não penetra na cabeleira e deixa aquele emaranhado que é a delícia de "lendas" e piolhos...

No Salão "Ringo", no Shopping Center Iguatemi, a simples menção do nome do maléfago inseto desprovido de asas provocou vertigens entre os cabeleireiros e olhares indignados do cabeleireiro-chefe. Entretanto, frescuras à parte, acabaram por reconhecer que, efetivamente, estavam enfrentando problemas com lêndeas e piolhos, mas que todos os instrumentos eram desinfetados após cada corte. O que deveria ser, no mínimo, uma obrigação.

— Se você está perguntando de escolares, todos os dos colégios aqui da redondeza, mas todos, têm piolhos... é uma praga.

— E os adultos?

— Até que não. Esses tem é a cabeça suja, mesmo. Nunca vi coisa igual: não se toma mais banho, não se lava mais os cabelos e, o que é pior, parece que ninguém liga mais para isso, achando muito natural...

Há 35 anos na região da Augusta, Rafael Grillo, por força das circunstâncias, acabou desenvolvendo uma técnica própria para acabar com lêndeas e piolhos e que ele diz ser batata: misturar um pouco de óleo numa porção de querosene e friccionar na cabeça à noite, por exemplo; de manhã, então, lavar os cabelos com sabão de lavar roupa, "o melhor para isto, pois tem muito ácido". Grillo diz que é tiro e queda.

Na farmácia em frente, entretanto, o que mais se vende é Neocid. Atrás do balcão, um vendedor de maneiras e atitudes delicadas.

— Tem Neocid?

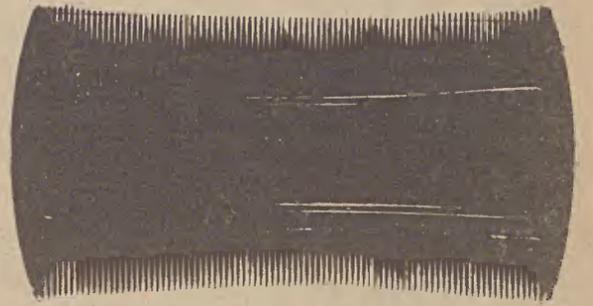
— É prá chato, pulga ou piolho?

— Piolho.

— Então, leve em pó. E nada de raspar a cabeça. À noite, na hora de dormir, encher os cabelos com Neocid, até ficar branquinho e, a seguir, cobrir a cabeça com um saquinho plástico, fazer isso três noites seguidas e... adeus, piolhos.

Prestativo, informou ainda nunca se vender tanto Neocid quanto agora. Os maiores compradores: mães e soldados. Quanto a estes, não é por causa de pulga.

Marco Antonio Montandon



## PIOLHO

REPORTAGEM  
DE CAPA

# estúpido cupido

## O ENCANTAMENTO DOS ANOS 60

DE SEGUNDA A SÁBADO.  
7 DA NOITE.



REDE GLOBO

# A energia de Urubupunga vence a distância

A Subestação de Embu-Guaçu, recentemente inaugurada pela Centrais Elétricas de São Paulo S/A — CESP, desempenha um papel de máxima importância. Por meio dela, integram-se a energia gerada, pelo maior complexo hidrelétrico da América do Sul, Urubupungá, e a Linha de Transmissão de maior capacidade de transporte em todo o País.

Localizada no Município de Embu-Guaçu, na Grande São Paulo, esta subestação recebe a energia gerada pelas duas usinas que compõem Urubupunga — Jupιά e Ilha Solteira, por meio de uma Linha de Transmissão de alta tensão (460.000 kVAs).

Esta energia terá dois destinos: transformada para a tensão de 345.000 volts, será utilizada pelo Sistema Light, no abastecimento da Grande São Paulo. E na tensão de 138.000 volts, beneficiará a região do Litoral Sul do Estado de São Paulo, área de concessão da própria CESP.

## ALGUNS NÚMEROS SOBRE A SUBESTAÇÃO DE EMBU-GUAÇU

Área total: 325.760 m<sup>2</sup> Área da plataforma: 180.000 m<sup>2</sup> Capacidade de transformação: três bancos de auto-transformadores de 460.000/345.000 volts, com potência de 750.000 kVAs cada um. Um banco de auto-transformadores de 460.000/138.000 volts, com potência de 150.000 kVAs. Potência total 2.400.000 kVAs.

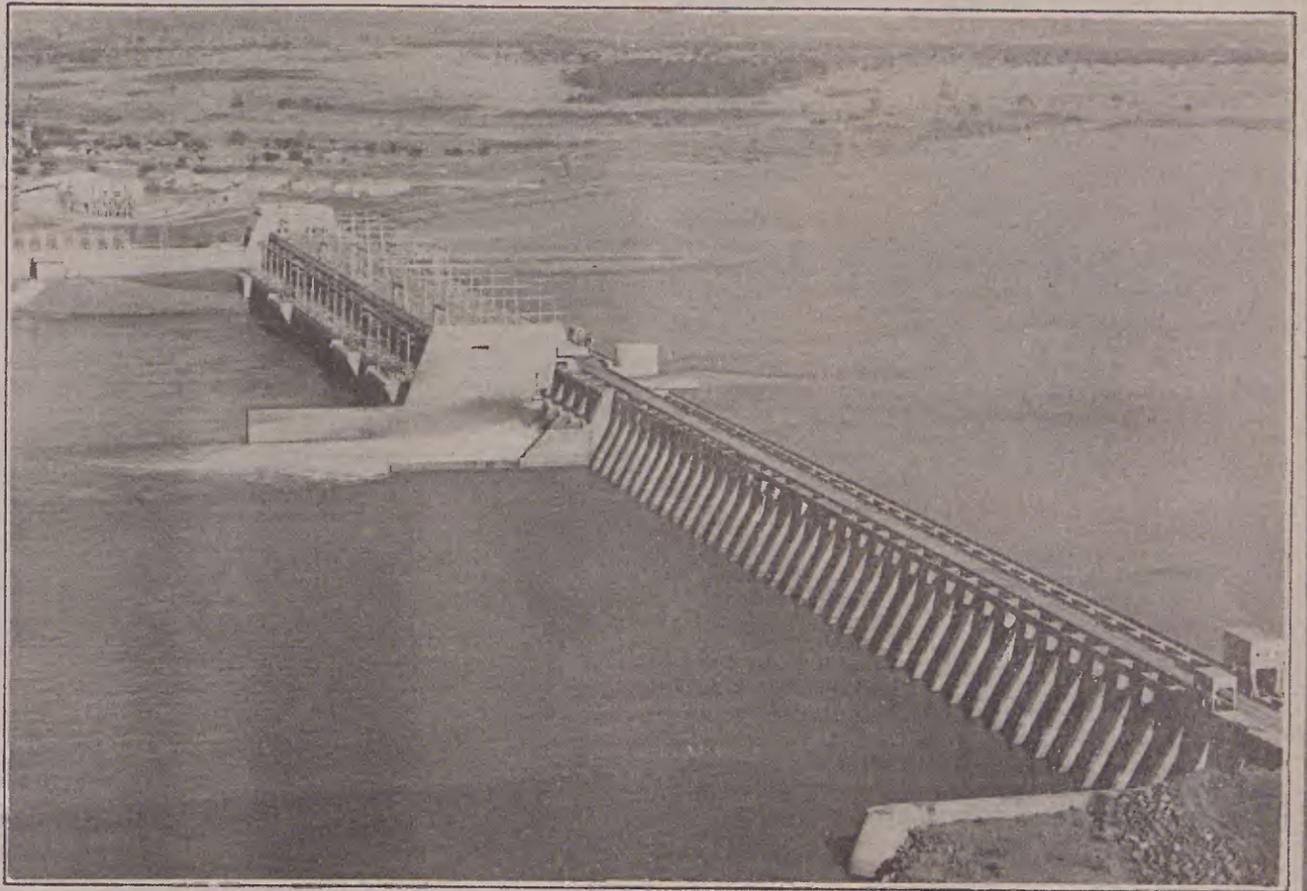
Investimentos (desde julho de 1974): 164 milhões de cruzeiros (obras de construção, montagem, equipamentos e materiais). Até o término da obra: 330 milhões de cruzeiros.

## UMA PODEROSA LINHA DE TRANSMISSÃO

A Linha de Transmissão que abastece a Subestação de Embu-Guaçu tem 627 Km e dois circuitos. Possui quatro cabos de Alumínio com alma de aço de 25 mm de diâmetro, por fase, perfazendo um total de 24 cabos e mais dois cabos pára-raios, em cada estrutura.

Para sustentar estes cabos foram erguidas torres metálicas com uma altura média de 46 m, e com um peso a extensão da linha, foram implantadas 1.494 torres.

Juntas, elas formam um anel elétrico em torno da Grande São Paulo.

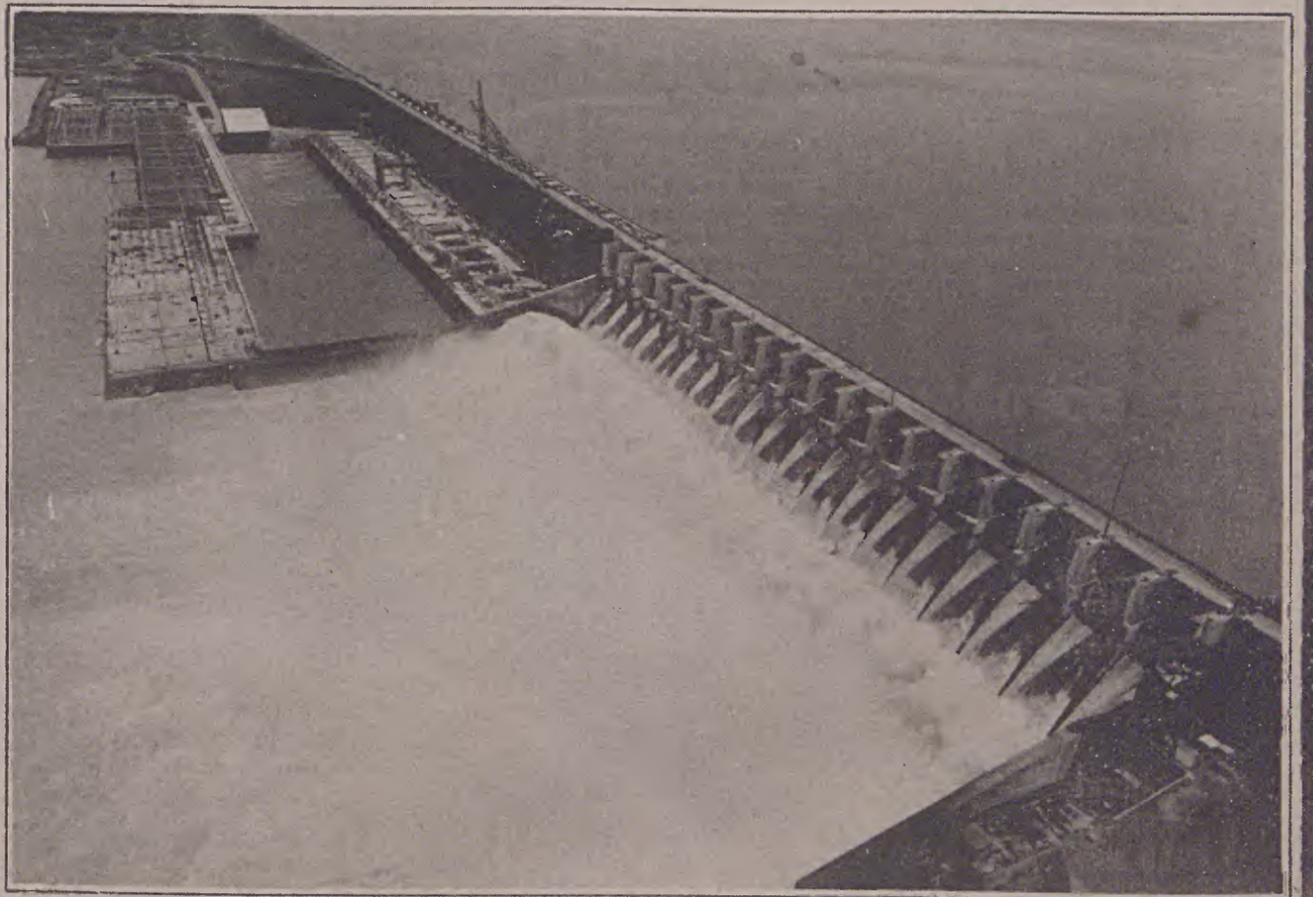


A Usina de Jupιά, com 1.411.200 kW de potência instalada, é uma das duas usinas formadoras do Complexo de Urubupungá.

Esta Linha de Transmissão não é a única que chega à Subestação de Embu-Guaçu; mais duas chegam até a Subestação, numa tensão de 460.000 volts. Uma delas provém da Subestação de Cabreúva, e outra da Subestação de Santo Ângelo.

Juntas, elas formam um anel elétrico em torno da Grande São Paulo.

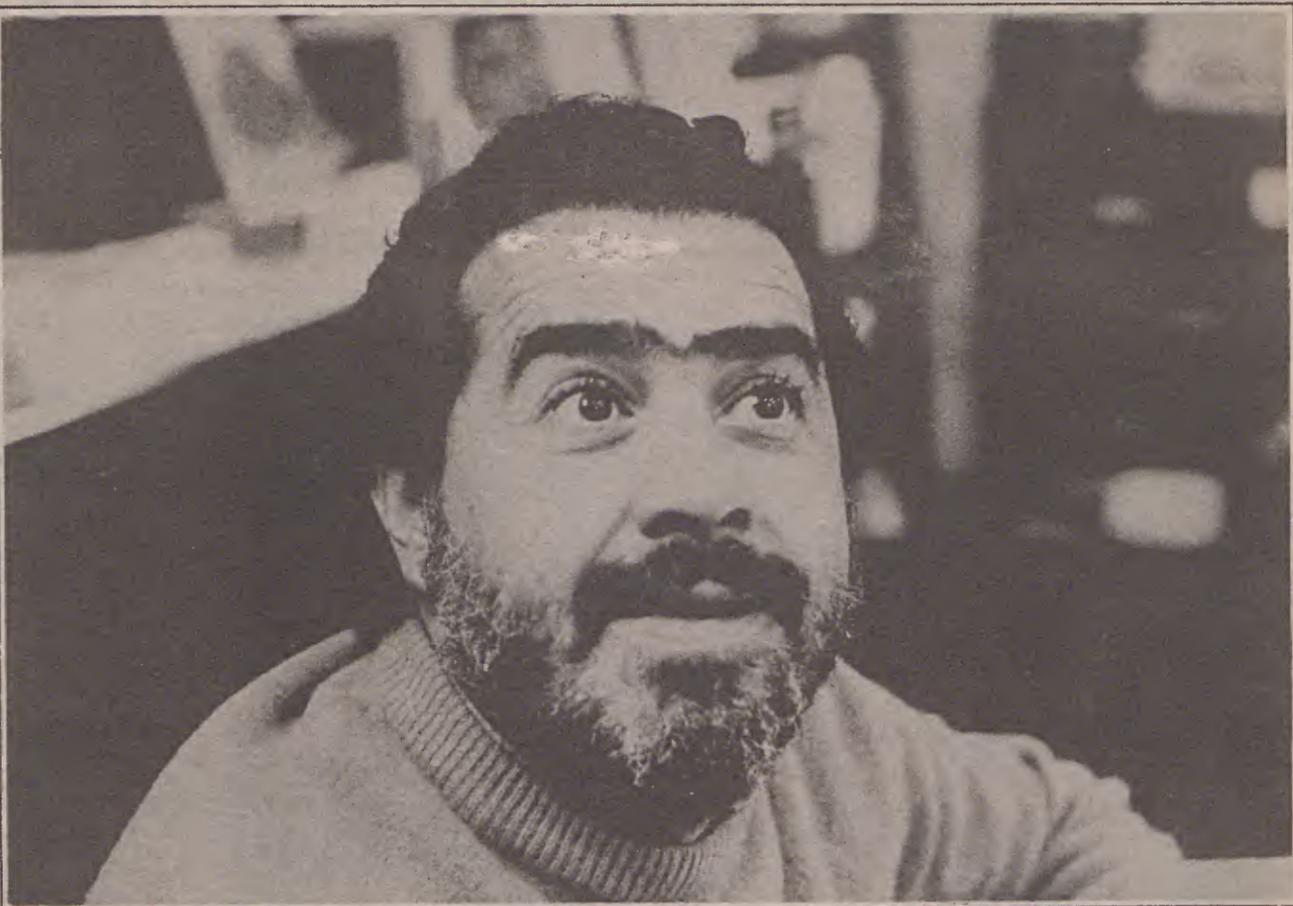
Com a Subestação de Embu-Guaçu, e a poderosa Linha de Transmissão instalada, a energia de Urubupungá vence a distância e chega aos centros de consumo.



Ilha Solteira é a maior das duas usinas que formam o Complexo de Urubupungá, com uma potência instalada final de 3.230.000 kW.

## O JORNALISTA ESCRITOR BRASILEIRO

Que livro você está lendo agora? Veja bem o nome do autor, e verifique se não se trata de um jornalista. Numa quantidade inédita, começaram a surgir nas livrarias obras — de ficção principalmente — escritas por jornalistas brasileiros. Há várias explicações para o fenômeno. Muitas estão sendo discutidas neste momento na Feira do Jornalista Escritor, que o Sindicato dos Jornalistas está promovendo em São Paulo. Outras estão no depoimento que o mais famoso dos jornalistas escritores de hoje, João Antonio, concedeu ao repórter José Trajano.



# Nem João Capote, nem Truman Antonio

Num país como os Estados Unidos, um cara chamado Truman Capote, outro cara chamado Norman Mailer, conseguem ser excepcionais jornalistas e excepcionais escritores. E por que no Brasil não pode acontecer isso?

Então, levanto a questão. Evidentemente, esse é um país subdesenvolvido, aquele é um país desenvolvido. Evidentemente o Truman Capote faz o "A Sangue-Frio" porque ele está vivendo nababescamente, em Nova Iorque, no meio da alta burguesia nova-iorquina e, de repente, bate com uma notícia policial que em Arkansas teve um crime pavoroso em que se matou uma família de fazendeiros. Dois caras, sem motivo justo e aparente, mataram uma família de fazendeiros. Então, ele se abala de Nova Iorque para Arkansas e começa a levantar o troço. E trabalha nisso 6 anos para fazer "A Sangue-Frio". Quer dizer, durante 6 anos houve um investidor, um cara chamado editor que investiu nele. Claro, então é possível fazer "A Sangue-Frio", que é, na minha opinião, um livro que desmonta todo o conceito tradicional de romance. Como também desmonta todo o conceito tradicional de reportagem policial. Tá entendendo? É um negócio amplo, que pôde ser feito porque houve um investimento.

Agora, no Brasil não. No Brasil isso nem passa pela cabeça dos caras. Os caras realmente discutem que um jornalista não pode ser escritor e o escritor não pode ser jornalista porque é um problema de linguagem, que um tem uma visão muito pessoal e outro tem uma visão muito impessoal. Quer dizer, é uma discussão velha. Uma discussão, por exemplo, que a "Realidade" acabou com ela antes de 68.

Qual o caminho da "Realidade" antes de 68? Era o caminho do para-jornalismo. Não era o caminho do jornalismo ortodoxo, fechado. Era não, ela já tinha trabalhos para-jornalísticos.

Então, o que acontece é uma discussão formalística, de forma. É claro, que eu estou falando de um jornalismo que é parente da literatura, quando essa literatura apresenta a crítica realista. Evidentemente que esse tipo de jornalismo não é parente do realismo fantástico, do realismo mágico. Não, o realismo mágico é uma tarefa muito mais de escritor do que de jornalista.

De repente houve assim um acordar pra um troço, um despertar pro seguinte: que a literatura ou o livro poderia ter uma leitura não elitizada. Quer dizer, pode ser uma leitura consumida por uma massa maior de leitores. Durante muito tempo, me parece que o livro e a literatura no Brasil eram tidos e, de certa forma também eram na verdade, um produto

muito alto, muito sofisticado culturalmente. Mas com a chegada de uma turma que escreve, ou que tenha escrever numa linguagem, não direi objetiva, mas mais clara, mais ao alcance comum, os caras descobriram. Quer dizer, o Diaféria, por exemplo, é um cara que pode ser lido pelo leitor comum, o Loyola nem tanto, mas o "Zero" é um livro, enquanto linguagem, resolvido com simplicidade. A forma do "Zero" é complicada, mas a linguagem é fácil. O Fernando Moraes. Os meus livros, são livros consumíveis imediatamente. Houve uma tendência a se aproximar os autores de linguagem mais clara.

Acho que veicular esses autores é mais fácil. Porque veja bem: o fantasma que se tinha erguido em torno da literatura, era que a literatura era um bem divino, um troço altamente difícil, que só podia ser entendido por iniciados. Em cima disso tudo transitam as idéias da semiologia, da semiótica e do estruturalismo. É em cima exatamente disso aí. Quer dizer, realmente a literatura é um produto para a elite, para uma elite intelectual, feita por aspirantes a essa elite intelectual. E com o selo, carimbo das PUCs nacionais, principalmente da PUC carioca, que é o maior foco de estruturalismo do País. Não é que eu defenda o livro para-jornalístico, ou o livro escrito por jornalistas, mas eu acho que esses caras têm mais condições, no momento, de refletir uma realidade brasileira que está aí e, conseqüentemente com a qual o leitor comum se identifica mais. Acho muito claro esse troço.

### Reportagem-livro

O grande problema que eu acho é o seguinte: eu tenho intenção, dentro da crise que atualmente eu atravesso, crise de produção que eu atravesso, eu tenho consciência completa que o grande problema desses livros meus, principalmente da "Malhação do Judas Carioca" e da "Casa de Loucos", é que o meu trabalho — aí é que entra o grilo todo — o trabalho jornalístico para ir pra livro ele precisa ser muito

bem depurado de tudo o que é circunstancial. Ele tem que ir sem uma data, ele tem que ir numa condição de durar. Quer dizer, tem que fazer um jornalismo independente da circunstância. Você pode citar a circunstância, mas daqui a 10, 20 anos, se abrir esse livro, ele provavelmente vai continuar de pé.

O grande problema da reportagem-livro, eu acho, é esse: se nós — eu digo nós, escritores e jornalistas — conseguirmos superar o fator do circunstancial e do datado, provavelmente faremos uma produção de jornalismo ou para-jornalismo que vai ter mais vendagem do que a literatura gomalizada. Não a literatura comum. Porque a literatura do Vander Pirolli é uma literatura que tem trânsito grande, tanto assim que não tem mais nenhum livro em primeira edição. Ele disparou em vendas. O José J. Veiga, embora seja um realista mágico, também é um cara que não tem mais livro em primeira edição. Quer dizer, os autores que não são tão elitizados, têm um trânsito maior, são adotados por professores e tal e coisa.

Mas eu acredito que do ponto de vista de fazer uma verificação de realidade brasileira, os jornalistas teriam mais chances, desde que eles procurassem fazer um trabalho que fosse válido, independente da circunstância. Por exemplo, se você quiser saber o que foram os anos da Revolução de 64 até 75 e abrir o "Malhação do Judas Carioca" e o "Casa de Loucos", você terá referências muito sérias sobre essa época, do tipo da repressão policial, do tipo da música popular, do tipo do futebol, do tipo de uma cultura que se acaba. Aquela cultura ainda à Sérgio Milliet, quer dizer, é uma espécie, não direi de atestado de óbito, mas depositário de uma época, porque eu mexo com costumes, eu mexo com política, mexo com música, futebol. Há um clima dessa época nesses livros.

Evidentemente que isso é consciente. Agora, isso só é possível numa linguagem objetiva, através de uma técnica jornalística, embora alguns dos trabalhos do "Casa de Loucos", como alguns dos trabalhos do "Malhação do Judas Carioca", são contos, no sentido da literatura pura. Mas o que eu quero justamente é passar algumas infiltrações do conto-repor-

tagem e de uma literatura menos gomalizada, cheia de goma, empastada, que no fundo não é literatura, é literatice. Porque a onda ainda hoje é escrever livro complicado.

## Conto-reportagem

O que é conto-reportagem? Bem, conto-reportagem é quando entra uma carga mais pessoal de observação do autor, e uma carga mais pessoal de dados, de informações pessoais do repórter. Eu faço um casamento das duas coisas. Agora, o que eu procuro nesses contos-reportagens é afastar um pouco esses dados de importância menor e deixar a essência do troço. A essência humana da coisa. Quer dizer, afastar um pouco o acontecido e pegar mais o acontecimento.

Por exemplo: o Corinthians ganhou de 2 a 0. Não interessa que o Corinthians ganhou de 2 a 0. Interessa é que no dia em que o Corinthians estava jogando acontecia um troço novo na cidade. Quer dizer, 2 partidos políticos da cidade se reuniram no Pacaembu, ou Morumbi, sei lá, para brigar por azeite, por alguma coisa, já que eles não tinham mais nada para brigar. Não tinham liderança, ainda os anos 64 para cá, não tinham mitos, não tinham exemplos a seguir, então batiam palmas para a única coisa que tinha: o futebol. Então, tá marcado aí, você pega o negócio do Mineirão é isso.

Quando eu falo do Mineirão no meu livro é isso, é a ausência de líderes na cidade, ausência de vida cultural, de vida política. Então quais são os 2 grandes partidos de Minas Gerais? É Atlético e Cruzeiro. Não é MDB e Arena. Uma banana pra cada um. Eles são os 2 igualmente impopulares. Populares são o Atlético e o Cruzeiro. Popular é o futebol, o maior traço da nossa cultura, entende como é que é? Veja bem, o tipo de contribuição que eu acho que o para-jornalismo podia dar, já que ele não pode ser feito em veículos próprios, seria a revista, o jornal-revista, a revista-mensal, ele não pode fazer por motivos de censura e também por motivos até de anunciantes, então eu acho que o livro é um caminho para esse troço. O livro é um caminho, uma opção, uma saída.

O primeiro conto-reportagem que eu fiz foi na "Realidade", em 68, um trabalho sobre o cais de Santos, chamado de propósito para fazer a tentativa de fazer o conto-reportagem. Não era um conto puro, mas também não era reportagem, também. E também não era divagação do autor, era constatação de um fato. Era ficção, mas trabalhava como repórter. Fiquei no meio do cais, morando lá. Então veja bem, a linha de aproximação que eu acho que podia existir, que o nosso jornalismo hoje já teria se não tivesse tido toda a trava que teve, de 64 e principalmente de 68, 68 é que foi a trava mesmo, o AI-5, se esse jornalismo continua na sua marcha natural, hoje nós estaríamos fazendo um para-jornalismo brasileiro. Hoje estariam acontecendo coisas assim no Brasil, por exemplo: morre o Lúcio Flávio, no outro dia, teria um cara, ou uma equipe de caras que iam fazer um livro sobre Lúcio Flávio. Morre um cara importante, o Juscelino, o aniversário da morte do Getúlio, ia ter um livro sobre Getúlio Vargas, um livro jornalístico e que não teria apenas, duramente, ortodoxamente, feição jornalística — teria também um toque da coisa.

## Nem Jornalismo, nem literatura

Veja bem, um país como esse, eu acho muito importante que o livro tenha elementos não rigidamente literários, mas para-literários, para-jornalísticos. Que também é uma única forma de conseguir mais leitores, quer dizer, é a única forma de se tentar popularizar o livro, sem cair na bandalha, sem cair no pornô. É a popularização com dignidade.

Você pode escrever uma história do Promessinha, ou de um Lúcio Flávio, ou Mineirinho, Cara de Cavalo, sem nenhuma apelação. Você pode fazer esse livro com muita dignidade e ser um livro sensacional.

O Otávio Ribeiro (repórter de polícia) está escrevendo um livro, ele me contou. Agora, se o Otávio aprende realmente a escrever bem, ele pode fazer um livro fabuloso, porque o que ele tem para contar é fabuloso. Agora, ele tem que ser alertado pelo seguinte: ele vê muito Mineirinho, mas ele não vê a favela, ele não tem aquela visão humanística, a visão sociológica, social, que é ver a favela também. Ele acaba vendo só bandido, ele não vê o quê produziu o bandido. Acontece que ele poderá incorrer, não acredito que incorra mais, mas se a gente olhar só pela ótica

assim da informação sensacionalista, ele vai acabar fazendo um desserviço. Vai fazer um bandido pitoresco, não vai fazer o bandido homem. O que ele tem que fazer é um levantamento do que empurrou Mineirinho para aquela vida. Quer dizer, de repente o Mineirinho aparece, pode aparecer nenhuma explicação. Então fica um negócio maniqueísta. O cara é bom porque é bom, é mau, porque é mau. E daí? Tem que discutir esse negócio.

Você pega, por exemplo, o Truman Capote fazendo "A Sangue-Frio", ele leva tudo isso às últimas consequências, ele discute o troço, procura pegar todas as consequências humanas do cara, todo o componente social, humano, até racial dos caras, até a origem do cara, toda aquela coisa que forma um cara que chega a fazer um crime daquele. Então, o que acontece? Você escreve "A Sangue-Frio" sem tomar o partido dos bandidos e sem tomar o partido daqueles que ele matou. Mas você sai p... com a estrutura social que permitiu aqueles 2 homens. Ou até que fabricou aqueles 2 homens. Então, a consciência do Truman Capote, que está acima de tudo, ele nunca tomou partido de ninguém, mas em todo o livro se sente que a estrutura é que atacada, o sistema é que é atacado. Aí a malícia do cara.

O Gay Talese? Fabuloso, é um cara que consegue descrever uma crise através de acontecimentos quase laterais à crise. Sem falar da crise, ele acaba falando. Por exemplo, tem a morte de um grande cara aqui no prédio vizinho, ele não vai ao prédio vizinho, ele vai no botequim, no homem da rua, no jornalista, no motorista de taxi que parou para ver o que é. E ele acaba fazendo um retrato muito mais profundo do troço. É uma técnica incrível, uma dimensão nova, e que aí já não é jornalismo no sentido ortodoxo, no sentido tradicional, do lead, sublead, aí o negócio é muito mais amplo. Mas também esse negócio não é literatura. Aí é que tá a jogada, não é nem jornalismo nem literatura. E ao mesmo tempo é. Ele é formado das duas técnicas.

Para aferição e para registro e mergulho na realidade brasileira, me parece que uma técnica dessas estaria muito mais à mão do que a técnica tradicional, tanto da literatura quanto do jornalismo. Da literatura porque exige uma elaboração muito grande, e do jornalismo porque peca por passar mais ou menos superficialmente nas coisas, com muita rapidez. Então, acho que essa mistura daria um troço novo, ou pelo menos seria uma etapa de um troço novo, ninguém sabe o que podia dar daí. Poderia aparecer talvez, se estivéssemos em tempo de liberdade de expressão, aparecer um grande repórter-dramático. O cara fazia uma reportagem em termos de peça teatral, e por que não? E acabava dando uma peça em estilo novo, e que talvez fosse um caminho abraçado hoje pelo Plínio Marcos.

## Palavras e não idéias, o erro

A postura toda mudou. Exatamente aí é que está o negócio. A postura mudou muito, a ponto que há uma tendência para o descrédito a essa literatura de gabinete. Embora eu a ache importante, eu não olho essa literatura de gabinete com desprezo, não, é uma literatura importante, ela pode levar a um outro tipo de pesquisa, a outras situações. Mas eu acho que, no momento, como nós não temos uma literatura brasileira, nós não temos sequer o registro desses fatos brasileiros em livros, eu acho que o mais importante e mais imediata seria uma técnica mais voltada para o jornalismo.

Eu acho que, no fundo, as pessoas estão ainda equivocadas é com o problema de palavras e não de idéias. As pessoas estão muito preocupadas em escrever com palavras e não com idéias, me parece bem isso. Me parece que a discussão é sobre linguagem, quando realmente a linguagem, a forma, deve ser uma decorrência do conteúdo. O pessoal tá pensando ainda numa postura acadêmica, formalista. A grande resistência que existe para aparecer uma porção de gente fazendo esse tipo de trabalho é que nós, no fundo, somos contra a coisa de escrever como um troço beletrístico, uma coisa muito alta, uma coisa assim doutoral.

Eu acho que o poema sobre a bola do seo João Cabral de Mello Neto é importante como um teatro de futebol, como uma reportagem sobre futebol, até o livro sobre futebol. Tudo é importante. Mas é evidente que a importância mais imediata vai recair sobre um trabalho para-jornalístico. Apenas o cara que for fazer isso tem que ser malicioso e ver o seguinte: o que vai morrer daqui a 10 minutos. O que vai morrer na outra edição do jornal. Ele não tem

que fazer um trabalho para durar 15 horas, ele tem que fazer um trabalho que vai durar 50 anos. Aí tem que jogar toda a malícia dele.

Por que os caras não estão publicando suas coisas nos jornais? Porque não estava havendo condições de publicar. Justamente essa saída para o livro, é uma forma de veículo, os caras estão procurando formulas novas porque não existe a revista mensal, não existe um jornal que tenha um segundo caderno decente, quer dizer, não há condições de veicular suas publicações normais. Então o cara vai sair pra livro. O Claudio Bojunga, por exemplo, e outros caras que estão aparecendo aí, o José Louzeiro, o Luis Carlos de Sousa, que fez o "Maralto", os caras procuraram a fórmula de livro por que? Porque não têm onde encaixar a coisa.

Em primeiro lugar porque há um ódio contra texto longo no jornal e na revista também. Quer dizer, há um ódio contra isso. E os gurus da informática dizem que qualquer coisa que você faça além da informação, eles dizem, "ah, mas isso é ensaio, isso é lirismo, isso é literatura." Então, muitas vezes eles matam o repórter, um cara que poderia ser um excelente observador. Agora, eu pergunto o seguinte: do jeito que estão sendo esses anos de decadência do jornalismo, do jeito que está sendo essa época não houver registro em livro, onde haverá registro disso?

## Jornalismo é história

Eu acho que o editor brasileiro não acordou pra uma porrada de coisa: ganhar dinheiro rápido. E o bom jornalista, que vai com um livro de reportagens pro editor, ele é um ótimo ganhador de dinheiro para o editor. Então o editor gosta do jornalista, tanto é que o Claudio Bojunga não teve dificuldade nenhuma pra publicar "Viagem à China Aberta", pela Brasiliense. Publicou rápido. O Luiz Carlos de Souza não teve dificuldade nenhuma para publicar o "Maralto", pela Civilização. Foi rapidíssimo. Um livro como esse meu "Casa de Loucos", o Enio Silveira faz rápido, correndo. Mesmo porque este tipo de livro vende mais. Claro que vende mais, porque ele fala de coisas mais atuais com as quais o leitor se identifica. Se ele for bem feito pode vender rápido e depois continuar no pinga-pinga.

Aí é um problema de realização artesanal do livro. Ele tem que ser bem feito, bem escrito. Inclusive com toda a malícia de linguagem para durar durante um tempo. Agora vocês vejam por exemplo: a obra do João do Rio, a obra do Stanislaw Ponte Preta. O que é a obra do Stanislaw Ponte Preta? É uma obra eminentemente jornalista passada em livro. E vende bem toda vida. Quer dizer, ele raramente escreveu de propósito para livro. Tem A Casa Demolida, mas aí ele assinou como Sérgio Porto. Então veja bem: eu acho que há um mercado para isso. Agora, o que era preciso é que o próprio escritor desse tipo de livro se conscientizasse de que não pode fazer um produto provisório. Ele tem que fazer um produto, por exemplo, com a malícia de um Luís Edmundo, o "Rio do Meu Tempo". Ele tem que fazer com a malícia do tempo, da época, ele tem que dar informações da sua época, que será a forma de fazer esse livro durar. Ele tem que pegar imediatamente a informação e dar traços humanos a esse troço, que aí ele compõe toda uma época. Porque no fundo o que esse cara tá fazendo é história. Ele não está fazendo exatamente jornalismo ou literatura. Agora, se ele for bom, se mergulhar, então ele vai fazer uma história, não só de costume, mas psicológica, de marcação de tipos.

Eu tenho certeza, por exemplo, que há muitas coisas no Brasil que vão desaparecer sem registro em livro. Por exemplo, o jogo do bicho. O jogo do bicho vai desaparecer do Brasil, a tendência é desaparecer. Eu duvido que os escritores se atrevam a escrever sobre o jogo do bicho. Porque só através de uma técnica jornalística, de repórter, indo lá, etcétera e tal, é que se poderá fazer a marcação disso. Para dar um exemplo das coisas que vão sumir: a literatura de feira-livre, não existe no Brasil. Exatamente. Por isso que eu digo que é exatamente a hora e vez do jornalista-escritor. Não interessa dizer: "Então você vai impedir o aparecimento de uma literatura psicológica, de uma literatura que mergulha etc. e tal". Sim, mas a gente não tem literatura nem de registro. Então, faz pelo menos essa! O miserê cultural brasileiro é total. Nós sabemos disso. Não temos teatro, não temos cinema, não temos jornalismo, não temos p... nenhuma. A televisão? Ah, ah, ah. 57% de produtos enlatados. Grandes audiências: Sílvia Santos, Moacyr Franco e agora, o que se deixou prostituir, Paulo Gracindo, com o "8 ou 800", que é a coisa mais velha desse País.

E as telenovelas, né?

# O Homem Que



# Desafiou a Abril

Entrevista a Hella Schwartzkopff Fotos de Kerstin Weinschenck

À primeira vista ele é uma figura monumental. Apesar de não ser muito alto, dá a impressão de ser maior do que na realidade é. Vestido com um bom terno, de corte tradicional, tem a imponência de um ministro de estado em missão oficial. Luis Carta me recebeu com muita cordialidade e um uísque importado que não bebi. Alguma coisa da impressão inicial foi-se transformando no decorrer da entrevista. Ele foi chegando ao que eu chamaria de iminência de simplicidade.

Estamos sentados em poltronas de couro confortáveis e discretas, numa sala de reuniões da Editora Três, onde tudo aliás é discreto, talvez até um pouco frio.

Não há ali uma nota colorida, um elemento que suavize a austeridade. O empresário e jornalista que criou e lançou revistas famosas como **Status**, **Planeta**, **Mais**, **Vogue** e outras é um homem solene, apesar de ter 40 anos e o olhar doce e um pouco melancólico que trai a cada instante todo o aspecto formal que apresenta. Ele formula a primeira pergunta: "Sempre que sou entrevistado quero saber o porquê da entrevista. Essa pergunta aparece muito sempre que eu faço alguma coisa.

Você veio me ver como empresário, como jornalista ou como homem privado? Tem alguma coisa a ver com o fato de eu ter me desvinculado da Editora Três?"

**É** lógico que esse fato estaria vinculado ao todo de sua trajetória como homem de empresa, como jornalista, com uma relação íntima com a imprensa desde muito jovem. Mas é claro que tudo isso está ligado ao ser humano global que você é. Quero tudo isso.

"Bom. Então você quer as cartas. Então você vai ver que as coisas se entrelaçam. Depois eu vou te dar as características principais. Primeiro vou te contar que tive dois avós que eram, por parte de mãe, um, jornalista; e por parte de pai, reitor de um colégio. E os filhos desses dois homens se encontraram e se casaram. Minha

mãe, uma mulher inteligente, sensível e forte, era filha do jornalista, e meu pai, filho do reitor. Tornou-se jornalista também e foi trabalhar no jornal do sogro, meu avô. Teve uma carreira brilhante e aos 27 anos de idade era o redator-chefe, coisa que na Europa é pra ser considerado como um feito. Estavam em Gênova. Nasceram dois meninos, Luís e Mino, gordos e bonitos, e aí veio a guerra. Viemos pro Brasil e aqui vivi o ciclo da minha vida, estudando e entrando na Faculdade S. Francisco, e começando a trabalhar aos dezessete anos numa agência de notícias, a **Ansa**, onde meu pai era diretor. Meu pai era também editor internacional do **Estado de S. Paulo**. Voltei então pra Itália e trabalhei

numa revista ilustrada, a **Rotocalco** que fez muito sucesso. Era também o correspondente da **Manchete**. Fui então convidado pra ser diretor da Bloch Editora, com um altíssimo salário, e vim com passagens pagas pra mim e minha família. Tinha então um filho. Nem bem desembarquei — tinha 20 anos — a Abril me fez um convite pra ser o diretor das redações, com um salário 50 por cento mais alto do que o da Bloch. Escrevi pro meu pai — naquele tempo se usava menos o telefone — perguntando o que eu deveria fazer. Mas não esperei a resposta e aceitei a oferta da Abril. Naquela época, a Abril se resumia a duas publicações: **Capricho** e **Pato Donald**. De 59 a 68 foi o que foi. A grande empurrada da firma, da qual participei muito. Estive envolvido em todos os lançamentos da editora, inclusive com o lançamento da **Realidade**. Até que a editora passou pra Marginal. Então, repentinamente, virou uma indústria. Deixou de ser um editora. Era uma indústria gráfica que fazia revistas, fazia fascículos, mas basicamente passou a ter uma mentalidade muito mais industrial do que antes. Daquele momento em diante em comecei a brigar com a Abril."

Qual seria a linha que você perseguia?

"Eu perseguia a diversão na vida. Eu perseguia o sentido de humor, o bom produto, feito pelo produto, eu perseguia um certo romantismo eventualmente. E, no fundo, eu lutava contra a grande empresa, contra o fato de tudo se transformar num número. Lutava contra o fato dos jornalistas serem considerados operários. Naturalmente eu seria capaz de fazer a crítica às avessas. Se um jornalista se considerasse um herói, eu diria a ele "olha rapaz, não seja tão brincalhão, tenha o seu senso de ridículo, de ironia." Eu estava no meio da jogada, num sanduiche. Tinha sido muito divertido, até ali, mas passou a ser muito incômodo. Era divertido enquanto a editora Abril era uma editora — e então era lógico que houvesse

uma cúpula patronal e uma massa de jornalistas. Mas no momento em que eu estava no meio de um negócio em que, de um lado tinha uma máquina, uma indústria, do outro um patrão, e pendurados no espaço um grupo de 500 jornalistas, aí a situação passou a ser bastante desagradável. Eu não gostei. Achei que aquilo lá estava se tornando uma brincadeira. A gente tinha perdido o sentido real das coisas. Entende? Não havia mais ironia suficiente pra trabalhar. Não havia mais divertimento, nem senso de humor, e a gente estava pensando em fazer uma obra monumental e fantasmagórica, quando na realidade estávamos simplesmente procurando sobreviver. Cada um na sua. Aí comecei a brigar até que fui embora."

Você saiu porque quis?

"Sai porque quis. Em 71 me demiti e saí em fevereiro de 72, atendendo inclusive a insistentes apelos do meu sócio e amigo Domingo Alzugaray, que estava querendo fazer um negócio dele comigo, já há muito tempo. Ele era o diretor comercial e eu o diretor editorial na Abril. Resisti durante algum tempo às pressões, porque não estava muito convencido de que realmente estava tudo perdido, e de que realmente era importante eu fazer um negócio meu. Mas finalmente ele me convenceu. E estava certo. A minha saída da Abril foi extremamente traumática. Fui chamado de ladrão — de idéias especialmente —, simplesmente por ter lançado como primeiro produto da Editora Três um fascículo chamado **Menu**, sobre cozinha. O que mostra mais uma vez a falta de senso de ridículo e a total falta de ironia do grupo que ficava lá. Porque ninguém pode imaginar que alguém roube a idéia de fazer um fascículo de receitas de cozinha. Mas aí houve então uma quebra de relações — que me agrada terrivelmente — porque me libertou de pesos que não teria sentido carregar, e eu parti com o Domingo pra essa empreitada chamada Editora Três. O Domingo tem um sentido empresarial muito arraigado e além disso é um editor,



mas é basicamente um empresário. Eu estava convencido de que deveríamos fazer uma empresa, basicamente uma editora, mas que não deveria ser grande. Minha mania era dizer "Vamos fazer um negócio pequeno, um negócio controlável, um negócio francamente divertido pra aproveitar a vida". Tinha entrado no meu terceiro ciclo. Tinha sido um menino, depois um rapazinho que tinha vindo pro Brasil, tinha sido um homem casado que estava levando a vida com extrema seriedade no trabalho — dos 20 aos 30 anos — tinha sido um funcionário revoltado contra a máquina e estava querendo terminar a minha quarta década fazendo o que eu queria. E foi o que eu fiz. Porém, com o passar dos tempos fui percebendo que meus desejos pessoais, não empresariais, nem editoriais, divergiam um pouco dos desejos pessoais do meu sócio Domingo. Isto é, no fundo ele está querendo uma empresa grande, e eu estou com medo dela, no fim, se tornar uma grande empresa."

**Qual a idéia sob os aspectos filosófico, psicológico e afetivo que comanda o fato de você não querer que sua empresa cresça?**

"A minha idéia é a de fazer uma empresa humana no seu sentido. Que seja divertida, que tenha o tamanho correspondente à minha capacidade. No fundo é a demonstração de minha possessividade o fato de eu querer uma coisa pequena. Eu quero controlá-la inteira, abraçá-la, se se falar do ponto de vista afetivo. Eu não quero que ela me escape, mas também quero protegê-la inteira. Eu quero ter segurança com ela. Quero fazer a coisa mais bonitinha possível, o mais divertida e sensata."

**Qual a tradução de "divertido" pra você?**

Engraçada é uma coisa de que eu gosto muito. Quando uma coisa é boa eu digo que é divertida. No caso do divertido, a palavra é usada no sentido mais absoluto, porque eu acho que o

trabalho é uma coisa que tem de divertir a gente. Senão não interessa. Se não achar ótimo o trabalho não interessa. Então o tamanho de empresa que eu quero é um tamanho razoável, correspondente a mim. Não quero depender amanhã de uma super-estrutura, senão eu não me interessaria mais. Se eu não souber mais o nome das pessoas que trabalham comigo eu fico um pouco preocupado."

**Isso me parece absolutamente raro.**

É raro e eu cheguei à conclusão de que não sou absolutamente o empresário. Esse meu pensamento chegou ao mesmo tempo em que nós tínhamos, dentro da Editora Três, um assunto chamado *Vogue*, que era um negócio, que era uma revista, que era uma empreitada dentro da Três. Porque você não vê em nenhum lugar do mundo a *Vogue* junto com uma outra empresa. Não porque é uma coisa isolada, mas porque é um mundo à parte. Então me agarrei nisso e disse "Vai ser *Vogue*". Podia ser qualquer outra coisa, mas afinal *Vogue* é uma coisa bacana, divertida, uma coisa atraente e que pode ser muito inteligente, e que corresponda a uma fase. Depois vou te falar do que eu considero os ciclos das revistas brasileiras. Mas resolvi que neste novo ciclo eu quero fazer exatamente o que eu quero, do jeito que quero, do jeito que eu posso fazer. E isso começa com uma empresa menor que a atual, à qual vou me dedicar a fundo pra fazer o trabalho do jeito que me parece mais acertado."

**Você se desvinculou da Três e do Domingo?**

"Fico ligado ao Domingo através de uma terceira empresa que nós temos em comum, e que se chama Encontro Editorial. Ela faz a revista *Isto É*, e lá Domingo, eu e Mino somos sócios, cada um com um terço. Então passa a ser a nossa ligação, e o nome Encontro Editorial passa a ter um sentido maior do que já teve. Depois o Domingo passa a tocar a Três e eu passo a tocar essa

nova empresa que se chama Carta Editorial. Ambiciosa, porque eu não sou nada modesto e não deixo de ter uma enorme vaidade. Essa vaidade não tem nada a ver com tudo aquilo que eu disse sobre o tamanho da empresa. Não significa que eu seja um homem modesto ou pouco vaidoso o fato de querer uma empresa pequena. Porque sou um homem pouco modesto, muito vaidoso, que quer porém uma coisa adaptável ao seu espírito, ao seu tamanho, às suas possibilidades de trabalho. Então a Carta Editorial passa a fazer a linha *Vogue*. E é aquilo que eu vou me dedicar."

**Qual o sentido da escolha da *Vogue*, agora?**

"Vou falar do ciclo das revistas e do motivo porque eu acho que *Vogue* é uma coisa importante. Porque tudo tem um porque. No Brasil, se você for examinar a coisa do ponto de vista das revistas, as coisas acontecem com uma lógica. Então houve antes de tudo uma revista popular chamada *Cruzeiro*. Partimos daí. Não vamos esquecer os *Fons-Fons* da vida. *Cruzeiro* respondeu a um certo período do Brasil popularesco, aventureiro, pobre. A *Manchete* veio em 52 porque tinha chegado o momento das cores, o momento de uma pequena burguesia, de um certo sonho cor de rosa. O terceiro passo das revistas — não confundir com imprensa em geral, veja bem — se chamou *Claudia*. Estou te dando símbolos. Como *Claudia* deve haver mais dez, como *Manchete* deve ter havido mais algumas, mas eu estou mostrando expoentes. *Claudia*, que surgiu em 61, representava o fato da burguesia ter chegado a um certo nível, com uma indústria que estava acompanhando essa burguesia de uma certa forma. Havia uma certa coisa que podia sustentar uma revista dirigida pra uma dona de casa, de um certo tipo de casa que começava a existir no Brasil. O consumo era uma coisa que estava começando a se esboçar no Brasil, e isso poderia aguentar e sustentar uma revista como aquela, que tinha como ingredientes básicos o serviço, a emoção e a informação. Os anos 60 foram o que foram e produziram dezenas de publicações no resto do mundo, e no Brasil uma que se chamou *Realidade*. Estávamos em 66. No Brasil foi a única que sintetizou uma onda, e sintetizou tanto a onda que quando ela passou não tinha mais substância pra sobreviver. Mas foi um fenômeno que sintetizou aquele momento. Era uma onda de costumes, de mudanças de filosofia de vida, de maneira de viver. E *Realidade* foi representativa nesse sentido. Foi a única. Foi uma realidade. Aliás o nome era meu. A proposta de *Realidade* foi minha. Eu gosto de dar títulos. Sou um tituleiro. *Status*, Editora Três, *Mas* e tantos outros. *Mas*, enfim, basicamente eu traduzo títulos estrangeiros e adapto. Eu gosto muito de adaptar quando chega a hora e quando o porquê está respondido. Em 68 foi o momento de uma revista de informação. O Brasil tinha chegado a um nível de consumo e a um nível de modificação de costumes com *Realidade*, e estava chegando a um nível de necessidade de informação com *Veja*. Em 73 o momento foi de *Status* porque havia uma sobra de dinheiro numa certa faixa de público, que estava querendo mais coisas. O consumo tinha chegado a um dos pontos mais altos. E havia a necessidade de dar ao consumo um status. Nessa evolução chegou-se hoje ao ponto de se ter no Brasil uma revista como *Vogue*. Não estou dizendo que todos esses pontos têm o mesmo sentido e a mesma importância. Cada um reflete um degrau de uma evolução. E cada produto se encaixa numa possibilidade de mercado. Mas o fato de se ter chegado a esse nível em termos de ciclo de revistas é extremamente importante, do ponto de vista técnico, não do ponto de vista social."

**Mas sob o aspecto social, a *Vogue* não é uma incongruência no Brasil? A que faixa se destina? Por que você fez essa opção?**

"Não é uma incongruência. O Brasil é o país mais rico e mais esnobe numa certa faixa, e que necessita de uma *Vogue* pra que se situe e tenha a informação de que precisa. *Vogue* é uma decorrência de uma situação. Isso no Brasil de agora, porque na América do Norte esse nível foi alcançado há 50 anos atrás. Não importa quão pequena seja essa faixa aqui no Brasil. Num país de 110 milhões de habitantes, tudo o que é atingido pela tiragem das revistas é uma faixa pequeníssima. Creio que das que sobrevivem a que tem maior tiragem é a *Veja*, com 200 mil exemplares, o que é ridículo. Os 40 mil exemplares de *Vogue* é um número comparativamente altíssimo dado o tipo de público. É a mais cara de todas, 25 cruzeiros contra os 15 das outras. Poderia ser até mais cara. Mas o importante nisso tudo é que se tenha chegado a esse nível. O importante é que *Vogue* fala com um público muito menor, mas que em termos econômicos é tão forte ou mais forte do que aqueles outros de que falamos antes. Uma revista é um veículo comercial e um veículo de informação. Ela sobrevive apenas se tiver uma força comercial que a sustente, porque senão, ou ela é patrocinada por alguém, ou ela não existe. Então, o fato dela ser um veículo comercial não é uma desonra como o querem certos jornalistas, mas é uma necessidade pra que ela sobreviva e cumpra sua função. Quanto à opção, você tem fatalmente de fazer uma opção. No Brasil, pra você encarar esse outro mundo que existe, você tem de ser um grande empresário, e não pode ser um romântico. O grande empresário é o que não quer ser, porque acaba sendo detestado por esse tipo de mundo que você está me referindo como sendo amador parcela do Brasil. Porque o grande empresário é o grande aproveitador e aquela coisa toda. Está certo. Então aí há uma incongruência. O grande empresário é que pode fazer o veículo pra massa, é quem pode atacar a massa, quem pode dar uma contribuição pra que essa massa cresça naturalmente, mas isso não existe, porque o grande empresário vai fazer a revista de fotonovela que vende 1 milhão se possível, pra tornar todo mundo imbecilizado e ler somente em quadrinhos. Isso é o que o grande empresário sonha, está certo? Esse pedaço não me interessa por dois motivos. Primeiro, porque não gosto da grande máquina, e segundo porque não gosto de fotonovelas. Então tenho de escolher o caminho lateral. Então escolho o caminho pequeno, mas superior. Eu escolho a sofisticação. Essa foi minha escolha. Porque no fundo sou um sofisticado. É suficiente pra mim. Me satisfaz isso hoje. Porque o trabalho tem de ser inteligente, bem feito, técnico. Portanto isso satisfaz minhas veleidades profissionais. E essa camada sofisticada é uma camada necessária em qualquer sociedade, pra que ela evolua pra cima. Isto é. Ela é uma camada que não faz mal a ninguém. É uma camada que caminha na frente, ou por motivos econômicos ou por motivos intelectuais."

**Se ela caminha na frente ela seria determinante de uma abertura maior do que a que temos. E me parece que no Brasil, não é o que está acontecendo. Há uma preguiça fantástica. Inclua aí os intelectuais.**

"Não me preocupo com esses problemas. Sou um sujeito que não se propõe esse tipo de problema. Vivo tranquilamente e bem. Sabe qual é minha grande força? Não sei se você também tem. Mas quando eu piso muito no conceito do senso de humor eu quero dar às coisas o seu real valor, e seu real peso. Eu não acho que nós estamos aqui pra uma missão extremamente definitiva. Sempre me considero finito. Quando

## "ACHO QUE EU NÃO SERIA LEITOR DE VOGUE"

acordo de manhã, e neste momento. Portanto não vou te falar de coisas transcendentais. Vou te falar de coisas normais que faço ou não faço. Entende? É por isso que não estou interessado na grande empresa. Ela vai ser grande, mas sempre amanhã, e eu quero viver hoje."

**Como homem de imprensa, você acha que faz um trabalho válido como idéia?**

"Estou fazendo isso agora. Não sei o que vou deixar. Me lembro que quando eu estava numa outra empresa, havia um rapazinho muito pretencioso que saía de noite com 2 malas, dessas de executivo, cheias de papéis, e ia pra casa e eu dizia "Pra que tanto papel?" e ele dizia "É assim que se constrói um império". Entende? É uma frase incrível. Se você perguntar isso a uma pessoa que diz essa mesma frase, talvez ela te responda coisas mais divertidas do que eu. Nunca fui carregando nada. Não estou construindo um império. Estou vivendo da melhor maneira possível, fazendo a coisa o mais honestamente possível, procurando ser o mais humano possível em tudo o que eu faço. Isso é o mais importante. Pode ser que daqui a 5 anos eu resolva mudar tudo e decida que não vou mais trabalhar, e que vou viver numa praia ouvindo o murmúrio do mar, e pode ser que então eu pense no que você gostaria que eu pensasse agora. Tudo continua igual e *buona notte*. Em termos de idéias eu acredito em exemplo. Meu pai em relação a mim, portanto eu em relação aos meus filhos; assim como ele foi determinante. Não tanto pelo que ele disse mas pelo que ele foi — pela maneira dele pensar e viver, pela honestidade de pensar e agir — ele foi determinante. Em relação aos meus filhos, acho que quando eles chegarem à maturidade eles vão ter de mim, basicamente, o mesmo tipo de lembrança."

**Você se considera semelhante a esse homem a quem o *Vogue* se dirige? Qual a revista que você lê?**

"Nada, nada. Não tenho nada a ver com ele. Não sei se seria leitor da *Vogue*. Acho que não. Provavelmente serei leitor da *Vogue Homem*. Será uma revista destinada a falar de gente, a contar histórias de gente bem sucedida. A revista se propõe a saber das coisas por dentro. Inclusive estou voltando a escrever e fiz uma entrevista com o Rui Mesquita e justamente procurei saber como ele é por dentro. A revista terá artigos muito atualizados de personagens importantes em vários pontos da inteligência de hoje. Será uma revista que terá alguns pontos de diversão, porque sou um homem que gosta do bem-estar e não tenho vergonha de tê-lo, porque eu o conquisei. Mas não sou exatamente aquele leitor que te descrevi. No Brasil a única revista que eu lia era *Veja*. Mas não leio mais. Não sei se é um problema de irmão traído ou se realmente a revista mudou e perdeu alguma coisa. Acho que ela perdeu nas entrelinhas, e o público, que é muito leito, vai custar a perceber. Mas a *Veja* vai cair dentro de um ano. Algumas coisas do *Status* eu leio com prazer. Internacionalmente? O *Esquire* é bom e eu gosto bastante.

Os suplementos e as revistas inglesas eu leio com certo prazer. Tem algumas revistas italianas como *L'Europeo* e *L'Espresso* que eu leio. As revistas francesas eu acho fracas, inclusive *L'Express*. Acho mais fraca que a *Veja*. É isso aí. Uma revista como o *Lui* e *Playboy* me interessam pouco. Acho *Status* melhor que *Playboy* e *Lui*. Acho que o senso de ironia de *Status* é mais alto. Esses senhores estão ainda se tapeando com muito desespero. *Status* se tapeia com mais tranquilidade. A *Playboy* é o reinado da tapeação. Eles fizeram uma revista que oficialmente virou uma revista inteligente, mas na realidade é destinada aos banheiros públicos e privados. *Playboy* disfarçou com um conteúdo mirabolante, mulheres nuas muito mais mirabolantes."

**Mas não é o que *Status* faz? Explorar a idéia patriarcal da mulher como produto de consumo? A revista faz mais do que refletir o status-quo social?**

"Qualquer revista tem a função de estar um degrau acima do público a que se destina. A revista tem a função de puxar, de abrir os olhos. Uma revista como *Realidade*, tentou abrir os olhos do leitor. Cada uma no seu setor. A *Vogue* deve fazer isso. Deve fazer sob os aspectos de artes, espetáculos, e cultura inclusive. Além da moda, que é um mercado que existe. É uma indústria que absorve 16% do material humano que trabalha no Brasil. Ela trata também de aspectos sociais, mas de uma forma leve. Ela é uma diversão e não uma função. Qualquer revista, a mais importante, a mais engajada, a mais empenhada, tem de ter um aspecto de diversão também, porque se o leitor está atrás de uma instrução ele compra um livro. Mas a revista não é só o reflexo de um status, ela está sempre um degrau acima do que ela reflete. Se *Quatro Rodas* não tivesse aparecido quando surgiu a indústria automobilística, nunca teria surgido. Há uma lógica perfeita. Estou falando de um certo tipo de produto. Não estou falando de *Opinião* ou do *Pasquim* de um certo tempo atrás, que pretendem representar um momento do pensamento de uma certa faixa de público insatisfeito. Esse não é meu metiê. Não entendo disso. Quanto a *Status*, ele tem um senso de humor muito grande. Se a mulher se deixa fotografar é porque ela quer, porque ganha 50 mil por fotografia. Ela está seca pra se propagandear ou porque vai fazer um filme ou porque já fez e quer publicidade. Ela vai ganhar mais que todos, mais que eu e mais do que o leitor que depois de uma rápida e solitária sessão, acabou-se. Acho que fotografar uma mulher não é como fotografar um produto qualquer. Para o público isso equivale a uma coisa bonita, como uma casa cheia de verde, repousante, florida. Você pode fotografar uma mulher sem cafagestismo. Divida bem as coisas. Cafageste e não cafageste. O mundo se divide em cafageste e não cafageste. Bom gosto e mau gosto."

**Como encarar o mundo num contexto humano, sob o aspecto de bom e mau gosto? E que bom gosto é esse, que, como a moda, é obsoleto a cada instante?**

"Bom gosto é a subjetividade. O que

interessa se uma coisa não é mais bonita daqui a 20 anos? Daqui a vinte anos não estaremos mais aqui. Nem brinca! É por isso que a gente tem que viver hoje. Mesmo que a gente fizesse planos eles seriam pra outras pessoas. Então pra quê? Você tem de acreditar hoje no que está fazendo. Somos técnicos, não somos Deus. Eu me considero Deus em outras áreas, nas áreas íntimas, nas áreas pessoais, na área da percepção dos outros. Considero que sou fantástico. Brincadeira naturalmente, mas eu brinco disso. Temos de sobreviver bem, e se todos pensassem como eu, estávamos feitos. Não quero mal a ninguém. Não se pode ser muito egoísta nem ser aproveitador. Mas o bom gosto existe e nós sabemos disso. Há uma elite que sabe disso. Existe o mau gosto. E quem tem bom gosto, *beato lui*, quem não tem, pior pra ele. Mas pra efeito da minha vida profissional eu tenho de me aferrar a certos conceitos, assim como quando eu era jovem e punha uma couraça. Hoje eu me aferro a certas coisas pra ir em frente. Eu não sonho muito. Ser prático não significa ser duro, mas é uma necessidade pra se poder sobreviver hoje em dia. É uma necessidade premente, porque não se pode brincar. A gente tem de encarar o trabalho como uma ludoterapia mas não como uma brincadeira. Se se escolhe um caminho, tem-se de agarrar uma série de formas. O bom gosto inclui inteligência, expressão, mentalidade, entende? Ironia é uma forma de inteligência, e isso é uma forma de bom gosto."

**Como você se situa num Brasil de tanto mau gosto, tendo você tanto bom gosto? Você vê só a faixa a que você pertence?**

"Acho ótimo o Brasil. Essa nossa realidade é ótima. A faixa de que você fala representa uns 30 milhões de brasileiros. Você está querendo que eu fale de problemas nacionais? Eu vivo muito bem nessa terra. Ela me dá o que eu quero. Entende? Não é que eu seja um preocupado com o destino da humanidade, e não vou pensar nisso senão fico louco. Penso nos meus 5 amigos. O que é que você quer que eu faça? Que eu vá resolver o problema deles? Vou pensar no mundo com o qual eu convivo. Você quer saber se eu sou um alienado? A minha teoria é a de que se cada um fizer, dentro das suas possibilidades o que pode se bem feito, se cada um que tem uma empresa pagar o mais justo possível aos que trabalham pra ele — e como eu aplico isso na minha vida, e o lucro é um elemento bastante final — acho que o problema pessoal é o máximo que ele pode resolver. Se ele se torturar e for andando por aí desesperado porque viu um garotinho barrigudo, ele está frito. Aí é melhor que ele vá trabalhar como assistente social."

**E essas definições deixam você em paz?**

"Se você quiser falar sobre mim, eu vou te contar que eu estou fazendo o caminho às avessas. Eu era um sujeito que teve de botar uma couraça em torno porque a vida me aquinhoou com prêmios muito grandes, muito rapidamente, e pra suportá-los, merecê-los e sobretudo não perdê-los era necessário ir em frente, bancar o seguro, e depois fui percebendo que o negócio não era brincadeira. Eventualmente mantenho a gravata, o terno cinza, mas basicamente eu me despi de uma série de coisas. Aquela dureza era uma carapaça, uma armadura. Acho que a vida me deu uma experiência que faz com que essas coisas aconteçam. No plano pessoal eu sou eventualmente um atormentado. Ciclicamente eu tenho crises e mudanças e transformações. Se tivesse chegado ao Brasil, não como diretor da Bloch mas como repórter, e tivesse tido de conquistar aquele lugar, minha atitude teria sido diferente. Mas eu caí de cima. Baixei na praça e foi muito difícil, especialmente no plano humano. Em 66 ou 67 houve uma revista da qual não participei no início,

e que se chamou *Realidade*, e foi feita pelo Robert Civita. Basicamente o sonho da vida dele era ser jornalista. Então ele tinha um grupo, e permitiu que esse grupo — que era muito talentoso, e alguns estão com você no *Aqui São Paulo* — fizesse misérias. Ele foi tão jornalista que esqueceu que era também um empresário, dono da empresa, e que o diretor de uma revista tem de ser também um administrador. Aquilo virou um grande sucesso e um grande caos. Tanto que ele foi sutilmente afastado do cargo uns 6 meses depois, antes que a Abril tivesse problemas econômicos. O pessoal estava modificando toda a estrutura da empresa. Foi contratado o Odilo Costa Filho como diretor, e foi naturalmente comido rapidamente pela redação, que não aceitava mais ninguém, pois tinha trabalhado com o patrão e conseguido dele misérias incríveis. E a operação ficou sem direção. Pra lhe dar uma dimensão do meu problema sob o aspecto humano, eu, que era o sujeito de couraça, o sujeito duro que ia em frente, carreirista segundo alguns, fui recebido por esse grupo de brilhantes, ardorosos e ingênuos jornalistas, da pior maneira possível. Eles vieram simplesmente me comunicar que me consideravam uma bosta, mas que dado o destino, estavam trabalhando comigo. Depois de 6 meses — e a revista vendeu mais do que nunca — recebi dessa turma fogosa, mas já af um pouco mais contida, um violento elogio. Eles passaram a dizer que eu era realmente muito bom. Fiquei muito contente e agradecido. Já começava a ter então um senso de humor bastante acentuado, e nessa época já podia ouvir o que eles me disseram sem ficar triste, de tal forma eu reprimia meu senso de humor antes. Mas foi uma convivência importante, e foi meu primeiro contato com uma turma brava da imprensa. Eu sempre tinha dirigido operações mais tranquilas, como certas revistas femininas, entende? Revistas de automóveis, revistas infantis, coisas mais simples em termos humanos. Mas esse grupinho que estava lá, além do mais sob a égide do sucesso, pelo fato de ter reconhecido que eu não era tão mal, me gratificou muito."

**Você está tranquilo quanto ao destino do homem? O mundo que deixamos pros nossos filhos é um mundo válido?**

"Eu fiz uma guerra em criança e vi de perto, e sofri, e minha mão tremia enquanto eu aprendia a escrever. Eu esperava a bomba cair a cada instante. Talvez isso me tenha dado uma maturidade maior em relação a quem não viu isso. São vantagens. Fazem parte do meu equilíbrio, e portanto do meu bom gosto. Portanto isso eu não vi num filme nem na televisão. E enquanto a próxima bomba não explodir na minha cabeça eu procuro fazer o melhor que posso, fazendo as coisas da melhor maneira possível e da maneira mais honesta e humana, pra que todos vivam bem. E isso dentro das minhas parcas e modestas possibilidades. Eu não me desligo do todo, e me interessa o que vai acontecer com os meus filhos. Acho que os jovens estão encarando a vida de uma forma melhor que a nossa. Acho que eles têm uma força que nós não tínhamos. Eles estão chegando à essência. Eles vivem. Eles vão fazer coisas, e eu estou esperando que isso aconteça. Eles só têm um defeito: são um pouco apáticos, um pouco lentos. Estão perplexos. Mas terão de agir dentro de pouco tempo, porque a vida é ação. Então estou aguardando esse momento mágico, e quando acontecer eles vão agir com mais honestidade e melhor que nós. Eles não vão ter de vestir couraça, nem vão ter de se defender de várias maneiras, nem vão ter a mão que treme e tudo o mais. Eu acompanho muito de perto o processo. Eles vão ser melhores que nós. Essa é uma coisa que me faz eventualmente chorar. Os jovens têm uma universalidade feita de pensamento."

# VOGUE

BRASIL

Portugal Esc. 40\$00

Agosto - N°15 - Cr\$20



Moda  
Pré-  
ver

Es  
v  
de

Pr  
de beleza

# BRANCO É CLARO



# AQUI CORÍNTIANS



Lourenço Diaféria

"...só o gol redime, lava a égua, expulsa os demônios e justifica a fidelidade..."

## Lembranças de um guerreiro de cuja paixão dependia a sorte

Encontro o Chacal, a bandeira tricolor enrolada entre as pernas, lívido.

— O que há, homem? — O tricolor morfético só me dá desgostos.

— Sinto-o deveras. Por que não aderes ao Curingão? Estamos abrindo vagas para os simpatizantes disfarçados. Aproveita. Adesões de última hora não serão aceitas.

O Chacal fingiu-se de ofendido:

— Jamais! Prefiro ser enterrado vivo sete palmos abaixo da terra do que torcer pelo time da Marginal.

O que é o preconceito! Rapaz inteligente, boa pinta, cortejado pelas damas, dançarino de tango, uma flor de delicadeza, o Chacal recusa-se a testemunhar esta verdade irrefutável: o Curingão é o único time do mundo que tem colo de mãe. Colo de mãe e ombro largo, bom para receber as lágrimas dos desesperados.

— É — disse o Chacal, o cínico — o Curingão é mesmo o time dos sofrendores. Mas nós, os tricolores do Morumbi, dispensamos o oferecimento.

— É uma pena — emendi de canhota —, o que falta a vocês, são paulinos órfãos de bola, é uma Fazendinha onde possam despejar suas lamúrias. Nós, os alvinegros, temos a Fazendinha e nos fundos, correndo mansamente, o lendário Tietê. Temos um rio histórico no quintal de nosso território. Ali, onde os bandeirantes navegaram, nós despejamos nossas lágrimas.

— Não é à toa que o Tietê vive transbordando — sacou o maldito Chacal, que tem uma presença de espírito invejável.

— De fato, o Tietê transborda mas é de emoções corintianas. Todo corintiano é uma catarata de felicidade.

— Catarata não; cascata. Corintiano é só cascata.

A conversa estava engrossando.

— Cascata é a vó.

— Cascata sim. Veja o papelão que vocês fizeram com o Guarani.

— Jogamos melhor noventa minutos.

— E entraram por um cano maravilhoso.

— Esporte tem disso.

— É que o Curingão não sabe marcar gol. Quem não faz, leva — é a lei do futebol.

— Tivemos azar.

— O azar é a desculpa menor dos pernas-de-pau.

— Perdemos oportunidades de ouro.

— Falta de pontaria!

— Faltou sorte.

— Ruindade, isso sim.

— O campo estava encharcado.

— Para os dois times.

— Levamos um gol de falta.

— Time preparado não leva gol de falta.

— Nem o Guarani esperava a vitória. O Curingão fez por merecer um resultado positivo.

— O Coríntians é o time das justificativas. Encontra explicação para tudo, até para bola na trave.

— Escuta aqui, Chacal de uma figa: tu quer dizer que o Esquadrão do Parque não tem gabarito para levantar o título de campeão do Nacional?

Chacal fez uma pausa, aproveitando para dar mais uma enroladinha na bandeira tricolor, desbotada e rota. Suspirou fundo:

— Sabe, cronista do tobogã, você é visionário. Você e todos os corintianos. Vocês imaginam as vitórias, e vivem de imaginação. Mas no campo, no gramado, entre as quatro linhas, na hora do pega pra capar, o time afina. Para ser campeão, um time tem de ter na ponta das chuteiras a volúpia do gol. O gol tem de ser perseguido como o caçador persegue a caça. É preciso ir até o fundo da luta, mergulhar no desespero e na ansiedade, e dizer mil, dez mil vezes, segundo a segundo: Meu destino é o gol! Meu destino é o gol! Meu destino é o gol!

O Chacal virou as costas e foi embora. Pobre são paulino, que não entende os mistérios do Curingão. Ou será que entende, e somos nós, os corintianos, que nos iludimos?

Pois de uma certa forma, o timão do Parque dá de fato a impressão de que não conhece o caminho das redes. Parece ignorar que a bola, as chuteiras, as traves, as bandeirinhas, as linhas de cal, os refletores, a torcida, os gandalas, a grama, até os vendedores de pipoca e cachorro-quente só existem para um destino: o gol. Sem o gol, o futebol é uma farsa, uma mistificação, um picadeiro sem palhaço, um trapézio parado no ar.

Falta ao Curingão a convicção do gol, a certeza de que só o gol redime, lava a égua, expulsa os demônios e justifica a fidelidade da torcida. O Curingão parece que entra em campo para desviar da bola. Não parece ainda um time convencido de que a bola é como o buquê que deve ser arremessado no véu da noiva, como uma prenda. O Curingão, apesar de seus craques e de suas estrelas, não acredita no gol.

Carbone, o imortal Carbone, poderia dizer duas ou três palavras aos jovens que hoje defendem o Coríntians. Carbone foi um homem que acreditou no gol. Quando todos já haviam desesperado, desistido, se desinteressado do gol, ele partia para a bola com a certeza do guerreiro que sabe que de sua espada depende a sorte da batalha e da guerra.

Durante noventa minutos Carbone, o imortal goleador, perseguia a bola com a fúria de um apaixonado. E era por isso que a bola obedecia a Carbone e entrava no gol.

Se houvesse um Carbone no Curingão, o Guarani teria caído de quatro.

Mas o Coríntians 76 ainda é um time que tem medo do gol.

## CINEMA

Quem era quem, no início da década de 30 na França?

### No Gazeta, além do ingresso, exige-se a enciclopédia

São estranhos mas previsíveis os caminhos da esquerda francesa. Vejam o caso de "Stavisky" (no Barão e Gazeta). O diretor Alain Resnais foi forçado a um descanso de oito anos desde o fracasso de "Eu Te Amo, Eu Te Amo" em 67. Quando finalmente pôde retornar, teve que aceitar o que Jean Paul Belmondo lhe oferecia: "Stavisky". Não importava que Belmondo não lembrasse em nada um judeu apátrida, a condição era que ele próprio estrelasse o filme.

Assim surgiu "Stavisky", um roteiro escrito por Jorge Semprun (e publicado em livro no Brasil pela Editora Paz e Terra) revivendo a figura do escroque que na década de 30 quase foi responsável pela queda do regime parlamentar francês. Mas Semprun deu um jeito de torcer a história e utilizar um truque de narrativa: conta as façanhas de Stavisky somente a partir da chegada de Trotsky procurando exílio na França.

Assim o filme dá a impressão de que a única importância do escândalo Stavisky foi que, por causa dele, Trotsky não pôde permanecer no país (abalado por passeatas e inseguranças) provocando dano irreparável para o futuro do esquerdismo francês. O herói-título toma um lugar secundário diante da constante presença de Trotsky e de um casal de jovens rebeldes, que parecem evidentemente simbolizar a esperança do futuro.

Quem não for preparado para o cinema, recordando em alguma enciclopédia os nomes das personalidades do governo francês no começo dos anos 30 vai certamente se perder em meio ao acúmulo de dados e informações que são jogados sem muita preocupação didática. O roteiro é intelectualizado ao extremo, forçando todo o tipo de citações (desde Giraudoux, Sacha Guitry até o Coriolano de Shakespeare).

É verdade que os autores não se preocuparam com uma rigorosa autenticidade. Vários dos personagens principais são inteiramente fictícios, como o barão feito por Charles Boyer, que é uma mistura de vários aristocratas, representando segundo eles: a boa consciência da época, a inocência do dinheiro, o espectador impessoal e também o ponto de vista do diretor. Ou então o espanhol Montalban — Robert Bissacco — que serve apenas para propósitos de construção dramática.

Resnais diz que não se interessou absolutamente em descobrir a verdade sobre Stavisky, fazendo-o um herói de romance folhetim, realizando o filme como "uma dança macabra", uma espécie de "Guignol muito negro, sinistro" — sob um ar alegre e açucarado, tem o senso da morte. Seria a história de um condenado à morte, o fim de Stavisky seria também o fim de uma época, o fim da inocência.

Se pode acusar Resnais de tudo menos de não ter bom gosto. Seu amor pelos hotéis barrocos à la Marienbad, a reconstrução carinhosa e elegante da época (utilizando o branco nas roupas e nas flores de Anny Duperey), sua bela fotografia a cores (procurando os tons vermelhos e marron escuro, uma cor não realista), suas citações na "mise en scène" de Ernst Lubitsch e Epstein, a construção quase musical dos planos e montagem.

"Stavisky" (notem que no título original há três pontinhos de sintomáticas reticências) não convence em parte por sua frieza, pela insuportável canastrice de Belmondo e principalmente porque Resnais não é Francesco Rosi e não soube fazer um outro "Caso Mattei". Fica-se sem saber quem era realmente o escroque, nem se entende os limites de suas ações, as repercussões político-sociais de sua época, nem chega mesmo a acusar frontalmente a polícia e o governo de terem matado Stavisky e forjado um falso suicídio, com medo do que ele pudesse falar e denunciar. O resultado do filme é tão dúbio que o filho de Stavisky processou os produtores acusando-os de calúnia. Só que o juiz que ouviu o caso decidiu que o filme constituía uma verdadeira reabilitação de Stavisky.

R.E.F.



Pola Vartuck

PASTA MOVEL  
E SUSPENSAS



M. KOGAN & CIA. LTDA.

Rua 7 de Abril 264 8º andar, s/ 817-18-19

Fones: 34-0218/34-2813 - SÃO PAULO

AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS

## MÚSICA

Inventou Raul Seixas e o repente-pop, e acabou num escritório

### Ser executivo dá mais do que ser músico

Um letrista que realmente dispensa as badalações artísticas tão disputadas, apesar de suas músicas estarem constantemente nas paradas de todo o Brasil. Seu primeiro sucesso foi já alguns anos — "Ouro de Tolo", uma moda de harmonia pobre, com texto dos mais inteligentes, foi cantada pelo Brasil inteiro por Raul Seixas — "Eu devia estar contente por ter o domingo reservado para ir até o zoológico com a família dar pipoca pros macacos..."

Paulo Coelho, um dos melhores letristas do chamado rock brasileiro acha mesmo que esse negócio de rock não afina bem com seu trabalho:

— "Por exemplo, meu trabalho com Raul eu considero mais pra repente do que pra rock — é coisa muito daqui. Pode até ser repente pop".

Tudo na base dos três acordes básicos, letras quilométricas e declamativas, sujeitas mesmo a muita improvisação. Coisa que pintar no momento. Daí a denominação repente. E pop, no caso, é de popular mesmo, já que suas canções são entoadas tanto em Ipanema como no Engenho de Dentro.

— "O próprio Raul adquiriu muito esse faro popular compondo pra Jerry Adriani e produzindo elepês pra Renato e seus Blue Caps", completa o carioca Paulo Coelho, formado em Direito pela Candido Mendes.

O primeiro contato com Raul foi há muito tempo, na época em que Paulo brigava pra colocar nas bancas o terceiro número da revista 2001, publicação na base do realismo fantástico, "com pretensões a concorrer com a Planeta".

— "Chegou na redação um baiano magro, tipo intelectual pau de arara, dizendo se interessar muito por esses temas, ocultismo etc. E queria colaborar. Escrever. Qualquer coisa".

O terceiro número acabou não saindo, mas serviu para que Paulo e Raul resolvessem proporcionar a si próprios uma troca de gentilezas. O baiano tinha uma infinidade de melodias, e o carioca, com seu "trauma de gaveta" (aos 14 anos decidiu que queria ser escritor) resolveu mostrar o que tinha.

E "Ouro de Tolo" foi o primeiro dos seus discursos a serem cantados pelo povo, ficando nas paradas por muito tempo.

Hoje, ainda nas paradas (vide "A Dez Mil Anos Atrás"), responsável pelo departamento de imprensa da Phonogram-Rio e procurado por muita gente para escrever letras, Paulinho se diz um executivo da arte.

— "Em 72 eu cheguei a seguir todas as rotas de viagens hippies e acabei passando um tempo no Nepal. Hoje tenho uma consciência mais crua das coisas. Eu assumo o que escrevo. Veja o Belchior, que parece estar jogando numa porrada de times ao mesmo tempo. Acho que ele fica agradando o lumpem do intelectualismo e abafando uma porção de coisas que poderia dizer. E ele está criando um público. Já Roberto Carlos é um babacão. Esse povo diz que adora Ulisses sem saber quem é. Eu adoro Tubarão. E esse negócio de underground não existe aqui. Eu não acredito num artista popular que não venda vinte mil discos. Posso até estar sendo radical, mas é a lei. Eu acredito em comunicação como ciência".

Os elepês de Raul vendem uma média de 100 mil cópias, mas Paulo Coelho diz que seu relacionamento com o baiano é dos piores. Na porrada mesmo.

— "Mas acho que a gente só consegue trabalhar assim mesmo. Afinal, as coisas estão aí, tocando. Então deu certo."



Sérgio Mello

## TELEVISÃO

"Debora Duarte uma matrona, e Mário Gomes falando como se estivesse com azia"

### Bem vagabundo esse gangster à brasileira

Faz tempo que o "Caso Especial" da Globo não acerta. Já que eles estão reprisando alguns programas antigos, a diferença fica ainda mais palpável. Afinal é difícil ver algum sentido na produção de um programa como "Gangster", um texto embaraçoso de José Vicente que Gustavo Dahl dirigiu com a devida falta de inspiração.

Dahl diz que fez "algumas homenagens aos velhos filmes policiais" através de certas referências como a utilização de câmera baixa mostrando o teto, mas ele não precisava se preocupar com nada disso, já que a história não fazia mesmo nenhum sentido.

O texto é daqueles que constrói um clima falso de suspense sem nada que realmente o justifique. A Debora Duarte acha que é o pai que a está ameaçando através de um ladrão para impedir seu romance (vive maritalmente, fato inusitado para as nove da noite) com um jornalista (Mário Gomes). Depois de cinquenta minutos, vê-se que afinal de contas não era nada disso. O ladrão era um ladrão mesmo, Paulo Cesar Pereio estava fazendo cara de mau só para assustar e todos viveram felizes para sempre, sem ao menos imaginar qual era o gangster do título.

Para completar, Debora está uma jovem matrona, com dez quilos a mais e Mário Gomes continua a falar como se estivesse sofrendo de azia. A culpa não é do Gustavo Dahl. Nem Hitchcock com uma história parecida — "Suspeita" — foi capaz de fazer melhor.

Uma coisa boa que a Globo está fazendo é romper com a tirania da cor, exibindo os filmes novamente por causa de sua qualidade não por serem coloridos. Foi formidável poder rever os filmes de Tarzan — com o autêntico Johnny Weissmuller, não com os impostores que lhe tomaram o lugar depois — com sua inabalável ingenuidade, sua inevitável luta com o jacaré, os reveladores biquinis de Maureen O'Sullivan. Nada do Tarzan "James Bond" da série de tevê, mas o bom selvagem de nossa infância.

Enfim, os filmes italianos e alguns clássicos inéditos voltaram a aparecer na programação da Globo. Está faltando apenas um pacote de filmes antigos da Paramount que a MCA tem para colocar ao ar, com os clássicos maiores de Lubitsch, Marlene Dietrich, Bing Crosby. Resta alguém (que tal a Bandeirantes, que é outra que sabe o que é bom em matéria de filmes?) decidir comprá-los.

Mas não é só por aqui que as coisas vão meio confusas. No balanço da última temporada da tevê norte-americana (que terminou em junho) verificou-se que foi o pior de sua história em termos comerciais. O nível geral de audiência caiu 5% em relação ao ano anterior. No meio da temporada estrearam 22 shows (33% da programação total) e alguns dos mais badalados (Fay, Beacon Hill) saíram do ar antes mesmo de completar dois meses.

A única coisa nova foi "Mara Hartman", um show de Norman Lear que ele teve que vender às estações independentes, já que as três grandes cadeias o recusaram. É uma sátira às "soap-operas" (equivalente às nossas novelas), em que a heroína quer ser cantora de "musica-caipira", seu avô foi preso por ser "exibicionista" e os tabus sexuais da classe média começam a ser destruídos.

A CBS já anunciou seus novos planos para esta temporada que começa agora em setembro. Em "Rhoda", Valerie Harper vai ficar mais livre do marido e ganhar uma companhia de confusões em Anne Meara (a que fez "Kate McShane"). Em "Phyllis", saem Liz Torres e Richar Shaal e entram Carmine Caridi, John Lawlor e Gam Stevens. "Switch" passou a ser produzido pela mesma equipe de "Kojak" e vai perder seu lado de roubo à moda de "Golpe de Mestre". "Os Waltons" vai fazer mais histórias sobre as crianças pequenas, com um casamento de uma das meninas e mais assuntos com apelo para os jovens". "Havai 5-0" volta a atacar com seu vilão mais popular: Wo Fat. Isto para falar só dos shows em cartaz por aqui. Como se vê, quanto mais se muda, mais as coisas permanecem as mesmas.



Rubens Edwald Fº

## ARTES PLÁSTICAS

"(bolei uma contranovela do Anjo Mau, mas os canais recusam)"

### Uma idéia para se utilizar em todas as estações de TV

As notícias dos outros continentes, chegam rápidas, juntamente com as imagens e as palavras. O mundo das antenas e dos orelhões se comunica 'à l' instant'. O telespectador, consumindo uma ninharia de energia, pode ver os jogos olímpicos melhor do que estando no estádio canadense, assim como pode torcer para que o Copersucar do Emerson se classifique em 21º em vez de 23º. Parece que o jogar as ondas no espaço beneficia os cultores dos esportes, mais que os utentes insensíveis a uma chutada e relativa troca de socos entre futebolistas, ou a uma desistência do garoto propaganda Emerson porque seu motor inglês parou.

Estava discutindo com o Minervino sobre isso tudo, durante um horário nobre, voz baixa para não perturbar a atenção da família colada no vídeo para saber se o documento do século, queimado pelo pai da Paula, resolvia o casamento dela com o Ricardo, o desespero de Fernanda e também da Lígia (bolei uma contranovela do 'Anjo Mau', mas os canais recusam).

Afinal os suspiros se acalmaram. Eu e o Minervino, esperando o finalzinho da seríssima guerra que o Viva desencadeia contra dois produtos concorrentes, aguardávamos para saber o que se passou no mundo não 'à l' instant', mas durante o dia de ontem. Vem a crônica. É local: o time tal processou a federação, Julinho quer mais verba e mais dinheiro quando seu passe for vendido; depois a câmara faz uma panorâmica e lá estão os cavalos de corrida resfriados; pausa para nos conceitualizar que os cigarros da tal marca tem seu sabor acentuado quando irrigado com uisque japonês, porém produzido na Escócia, ou nos lembrar do 157 inundando de felicidade o lar; e a mensagem não publicitaria retorna, nitida, mais uma vez...

O Minervino procura outro canal, dá na mesma: a democracia quer esporte e lamenta o decreto que proíbe a luta de galos. Vem a zebra, como queijo na macarronada. Gira o botão: vem agrônomo tranquilizando a respeito dos herbicidas. Depois musicinhas populares indústria & comércio.

Afinal, Deus existe: falta energia elétrica. Eu e Minervino pudemos, tranquilamente, ver claro nas trevas da informação televisiva. Puxando pro meu lado, protesto pelo fato de as artes plásticas não terem um minuto sequer de presença. Não se pretende o registro das inaugurações das expos, reuniões da turma dos comes e bebes, todos de costas para as telas, nem a visita ao atelier com o pintor fardado do camião como enfermeiro. E pelo amor que dedicamos ao Exú, não registrem os cortes de fitas das aberturas de mostras de ikebana.

O Minervino é mais radical (em palavras todos somos radicais) que o colunista (quietinho, senão lhe pisam no calo do pé direito; no do esquerdo podem pisar): chegou a hora de compilar uma lista de crônicas de artes plásticas que não se devem videorizar, cancelando quase tudo, e proibindo da maneira a mais absoluta o pronunciamento da crítica sindicalizada.

Não concordo. Minervino, furioso, na escuridão pois a corrente ainda não voltou, grita: — Mas, então, o que você quer? Calmamente explico uma idéia que me ocorreu num momento de perplexidade, dias atrás, idéia implicante em algumas leves consequências sócio-econômicas.

— Queira dizer, por favor?

— Minervino, que tal uma bela implosão nas estações de tv?



Pietro Maria Bardi



*Em 1926, a agricultura vivia tempos difíceis, e quase todo o trabalho era feito pelo homem. O Banespa também estava começando.*

## UM GRANDE BANCO ACOMPANHA O SEU TEMPO. E MUDA COM ELE.

1926 - A nossa agricultura estava vivendo apenas um tempo de promessas. Promessa de um dia ser grande, tão grande como a esperança de muita gente. Nessa época, quase tudo era feito a mão. Com a enxada, o arado, a lama e muito trabalho. Quase ninguém ainda tinha ouvido falar de tratores e máquinas. Enquanto isso, o Banespa também estava começando. E uma agricultura melhor para todos era um dos seus objetivos.



*Em 1976, com máquinas e técnicas brasileiras, a nossa agricultura cresceu muito. Sempre ao lado do Banespa.*

1976 - A agricultura brasileira é outra. Com novas técnicas e todos os recursos para o plantio dos mais diversos produtos. De café, cana-de-açúcar, arroz, soja, milho, amendoim, tudo. E o Banespa contribuiu decisivamente para todo esse progresso. Financiando máquinas e equipamentos agrícolas, incentivando pesquisas, auxiliando o agricultor em todos os seus problemas. Durante cinquenta anos tem sido sempre assim. A presença do Banespa virou sinônimo de evolução.



# BANESPA

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.